

REVISTA DA SEMANA

Ano XLV -- N.º 19 -- Cr\$ 1,50 em todo o Brasil -- 6 de Maio de 1944



No texto:

CHICARA, LÁPIS
E PAPEL
(HENRIQUE PONGETTI)

FIGURAS E FATOS



Aspecto da inauguração do 'Abrigo Feminino' ao Patronato de Menores, vindo-se os representantes do Presidente da República, Ministro da Fazenda, Justiça, Desembargadores Saboia Lima e Vicente Viragibe.



A menina Terezinha Monteiro Faria, de cinco anos de idade, filha do Sr. Joaquim da Silva Faria.

ANIVERSARIOS DA SEMANA

7 — Senhoras: D. Odete Barcelos. Senhoritas: Beatriz de Araújo Pena, Maria Helena Reis. Senhores: Dr. Gilberto Amado, Dr. Pedro de Moraes Barros, General Julio Caetano Horta Barbosa. Tenente-Coronel José Estanislau Barbosa da Silva.

8 — Senhoras: D. Cacilda Martins, D. Jaira Coelho Barbosa Maia F. rte. Senhores: Professor Dr. Miguel Couto Filho, Dr. Otavio Ayres, Ad. Mo Cunha.

9 — Senhores: Felix Inacio Moses, Salvador de Carvalho, Severo Candido Genaro.

10 — Senhoras: D. Hilda Neto dos Reis Souza Dantas, D. Alcina de Azevedo. Senhoritas: Olmor Leandro da Costa, Dulcy dos Santos. Senhores: — Embaixador Mauricio Nabuco, Professor Bento Viana de Andrade Figueira, Manuel da Costa Junior, Dr. Benjamim do Monte, Janil Couri, Capitão Humberto Guimarães de Almeida.

11 — Senhoras: Almirante Isaias de Noronha, Senhores: Dr. Flávio Rezende Rubim. Menino Italo Cezar Gonçalves.

12 — Senhorita Sonia Regina, Menina Elvira Dazer Freire.



A CASA DO ESTUDANTE DO BRASIL E AS COMEMORAÇÕES DO DIA PANAMERICANO. VEEM-SE NA ILUSTRAÇÃO: SRA. ANA ANELIA CARNEIRO DE MENJONÇA GUANDO, NA SÉDE DA C. E. B. ORA EM CONSTRUÇÃO, SAUDAVA OS ESTUDANTES AMERICANOS: O SR. WILLIAM CRAWFORD, ADIDO CULTURAL À EMBAIXADA DOS EE. UU. E REPRESENTANTE DO EMBAIXADOR JEFFERSON CAFFERY; O CONSUL BATISTA MAGALHÃES DA DIVISÃO DE COOPERAÇÃO INTELECTUAL DO ITAMARATI; O REPRESENTANTE DO MINISTRO DA FAZENDA; O PROFESSOR ARTURO TORRES RIOSCO, DA UNIVERSIDADE DE CALIFORNIA; O GENERAL JUAN BAUTISTA AYALA, EMBAIXADOR DO PARAGUAI; SR. LUIS HUMBERTO SALAMANCA, ENCARREGADO DE NEGÓCIOS DA COLOMBIA. E REPRESENTANTES DAS EMBAIXADAS DO CHILE, PERU, REPUBLICA DOMINICANA E BOLÍVIA.

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues

-VOU QUERER UM BARATINHO!



Não! Isso é guardar dinheiro em pé de meia furada! Fica-lhe mais barato conservar suas gengivas saudáveis e rosadas com Lever S.R.

-VOU QUERER QUALQUER UM!



Não! Se não existe "blackout", porque comprar no escuro? Acerte na escolha do seu dentífrico. Assegure para si um lindo sorriso com Lever S.R.

-VOU QUERER UM BEM GOSTOSO!



Não! Dentífrico não é creme de "chantilly"! Veja que ele tenha, aliado ao sabor, poder de proteger as gengivas. Lever S.R. tem ambos.



-Eu uso
Lever S.R.

QUE ESCOLHA EXCELENTE!

De fato, pois Lever S.R. é um dentífrico completo: econômico, gostoso e refrescante! E ainda lhe proporciona a proteção de Sódio-Ricinoleato, esse elemento poderoso que protege as gengivas, assegurando a vida dos seus dentes. E' por isso que Lever S.R. mantém dentes brancos... mantém os dentes!

MANTÉM DENTES BRANCOS...
MANTÉM OS DENTES!

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELO BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

PRISÃO de VENTRE?



Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTES-
TINOS SEM TORTURA-LOS

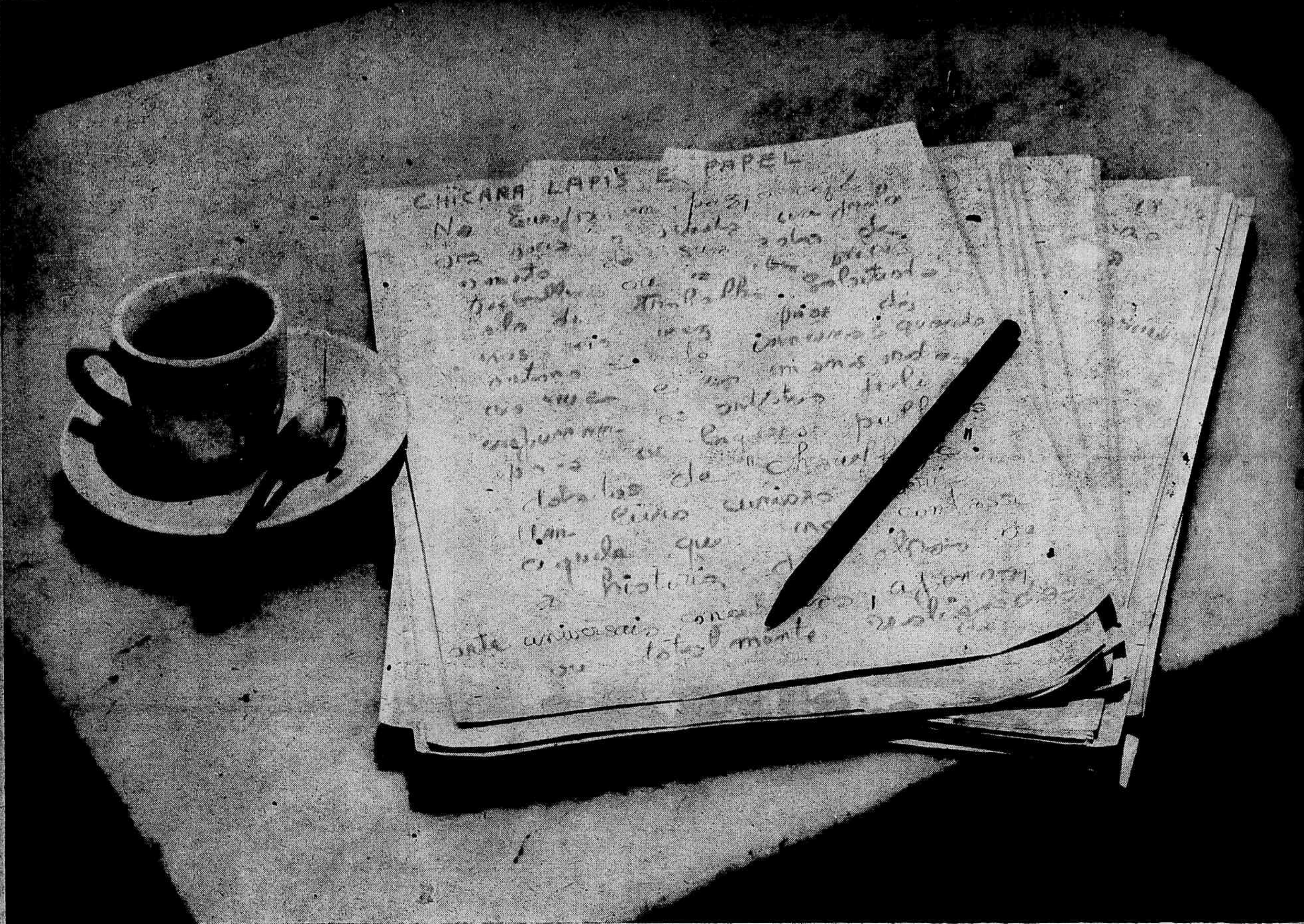
Números atrasados
desta revista

Podem ser solicitados à redação:
Rua Maranguape, 15. Rio, mediante vale postal ou pelo serviço de reembolso do Correio; também são encontrados em São Paulo, à Rua D. José de Barros, 323. Preço: Cr. 2.00.

Números atrasados
desta Revista em
Sergipe

PROCURAR NA
LIVRARIA
REGINA

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA



(Uma crônica de HENRIQUE PONGETTI, especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

NA Europa em paz; o café era para o artista um prolongamento da sua sala de trabalho ou a sua própria sala de trabalho. Secretado nos seis meses frios do outono e do inverno, quando as ruas e as mansardas empurram os artistas pobres para os lugares públicos dotados de *chauffage*. Um livro caríssimo seria aquele que nos contasse a história das obras de arte universais concebidas, apenas, ou totalmente realizadas nas mesas dos cafés de Paris.

Montparnasse por exemplo tinha os cafés mais hospitaleiros da Europa. Seus donos lembravam aspirantes secretos à glória intelectual ou artistas nunca revelados, fúidos sem maguas, com sua antiga ambição transformada em solidariedade e ternura. Os *garçons*, espiritualizados pelo contato se tornaram mestres no ofício de lidar com louças e metais sem produzir ruídos: contornavam a inspiração na ponta dos pés como bailarinos clássicos empenhados em traduzir coregraficamente o silêncio:

— Não, nesta mesa, não, por obsequio! Nesta mesa o sr. Carco virá certamente continuar seu belo romance.

— E aqui?

— Aqui também não! Aqui está a pedra marmore sobre a qual o sr. Modigliani gosta de rabiscar suas admiráveis figuras. Olhe: esta mesa está livre. D'aqui o sr. verá bem todos os nossos ilustres clientes.

Assim falou o *garçon* de Montparnasse antecipador da crítica e do público no julgamento e na consagração do mérito. Ele tinha o sexto sentido para indicar o eleito da fama. Muitas vezes Carco rendia-lhe a homenagem de uma primeira leitura da página preferida:

— Traga-me um conhaque meu velho e venha ouvir este *schantillon*. Pensa que eu não sei que você tem o ouvido de Sainti Beuve?

Quando Modigliani tinha preferido o papel ao marmore para a sua mania de rabiscar mulheres asexuadas e violonistas espectrais, ao partir entregava tudo ao *garçon* que lhe rondara os desenhos: — E veja lá — grande tartufo — se me vai vender estas maravilhas à direção do Louvre! do "magazin Louvre!"

No outono ou no inverno as vidraças das portas se fecham: lá dentro fica quentinho e gostoso como o *studio* de um artista rico, de um artista tirado de Montparnasse pela fama. A fumaça dos cigarros e dos cachimbos forma uma neblina espessa: põe uma cortina de *chiffon* cinzento diante dos olhos. As lâmpadas compreensivas colaboram no quadro produzindo efeitos de sombra e luz da mais pura maneira rembrandtiana. Um turista americano — certamente um enlatador de presuntos de Chicago mal informado sobre a acústica dos cafés de Montparnasse — abre o peito, saudosos de uma canção picante referida pelos magarefes da seção de fressuras. O *garçon* desliza como uma sombra até à mesa do vandalo; agarra-o tecnicamente pela gola do casaco; arrasta-o facilmente como se ele fosse um fantoche molengo e ôco — restabelece a circulação do espírito. Palmas:

— Bravos meu velho! O que seria de nós se não fosse essa tua arte de lidar com turistas!...

CHICARA, LAPIS E PAPEL

HENRIQUE PONGETTI

No Rio, a geração de Bilac e Emilio de Menezes preferia a *Pascoal*, as mesas do fundo da confeitaria *Pascoal*. Muito talento muito sonho, muita empada, muito trocadilho. Os sonhos são filhos naturais do talento; põem os trocadilhos nascem diretamente das azias produzidas pelas empadas. Mas passemos ao objetivo essencial desta crônica: os cafés do Rio no ano de 1944.

Temos alguns com o espírito dos de Montparnasse? — Não! O "Amarelinho", na Cinelandia, e o "Vermelhinho", na Esplanada do Castelo, são pontos de encontro

de artistas; nada mais. Em qualquer dos dois, o barulho da louça, dos *garçons*, dos freguezes, e da rua tornaria impossível até a concepção de um poema dadaísta na velha moda moderna de Murilo Mendes. Nem o nosso clima, nem o nosso temperamento, nem o tamanho irrisório dos nossos cafés despudoradamente expostos permitem a existência do café — gabinete, do café — studio, do café — atelier. Quando muito, se os vendedores de bilhetes de loteria, de giletes cegas, de amendoim, e mais os mendigos, o permitirem, poderemos completar sobre o mármore a lista do bicho ou do *turf*.

Outro fator contra os cafés intelectuais é a valorização esantosa dos imóveis onde eles deveriam existir. O metro quadrado, no mínimo, exigido por um escritor, representaria centenas de cruzeiros de prejuízo diário se a ocupação fosse prolongada como em Montparnasse.

Imaginemos o sr. Otavio de Faria escrevendo o romance cíclico da burguezia numa das mesas do "Vermelhinho". E, à hora de descer a porta de aço, o *garçon* fazendo as contas:

— O sr. tomou dois cafésinhos e um copo de água.

— Perdão, meu carol! Eu gosto das minhas contas muito limpas! Eu tomei dois copos de água e um cafézinho. Estão aqui os vinte centavos. E muito obrigado pela tinta e pelo papel. Guarde-me a mesma mesa para amanhã às seis horas da manhã, ouviu?

Os novos cafés sem cadeiras, suntuosos e avaros de tempo e de espaço, já afastam qualquer ilusão sobre as possibilidades do café intelectual no Rio de Janeiro. E até os simples cafeinomanos sedentários, ocupantes quasi academicos das cadeiras dos cafés centrais, batedores de papo com ponto certo, estão contando seus dias. Na alta espantosa dos valores prediais, eles já são olhados como ladrões imobiliários, como sujeitos que roubam "luvas" e alugueis.

Todavia, ainda se encontram na cidade cafés com uma clientela típica, com uma fisionomia definida. O "Nice" reúne a fina flôr do samba, os majestais da bossa e da caixa de fosforo. Com vinte centavos de cafeína e um copo de boa água municipal, uma dupla "de sucesso" compõe ali, em "ajenas" oito horas de permanência diária, todo o repertório de estreia do provável herdeiro vocal de Chico Alves. No "Nice" vivem sujeitos que esperam sentados o seguinte: a inspiração, o compositor que vende sambas inéditos, o filantropo que emprestará dinheiro para a compra do samba inédito, o cantor que o interpretará e o amigo que pagará a media com pão e manteiga. Devido ao otimismo desses freguezes, o "Nice" já fez duas concordatas. Fará outras se não retirar as cadeiras, se não puzer o samba de pé.

No "Simpatia" fazem ponto fabulosos homens de negócios *provisoriamente* sem escritório. Eles marcam encontro com outros fabulosos farejadores de bons negócios, também *provisoriamente* sem escritório, e marcham sobre a primeira meza vazia. As pastas de couro, gravadas de papeis, certamente fabulosos também, estabelecem um primeiro contato epidermico sobre a outra cadeira. O momento é grave. Rockefeller e Vanderbilt juntaram suas pastas de couro sobre a mesma cadeira.

— Toma um cafézinho?

— Tomo um cafézinho.

— Com um copo de água gelada?

— Sim: bem gelada.

— *Garçon! Garçon!* E' incrível como tratam a clientela antiga esses *garçons*! Francamente, se continuarem assim, a casa perde um bom freguez! *Garçon!* E' isso, vê? A gente tem de fazer força para empurrar a fortuna no bolso deles! *Garçon!*

— A's suas ordens.

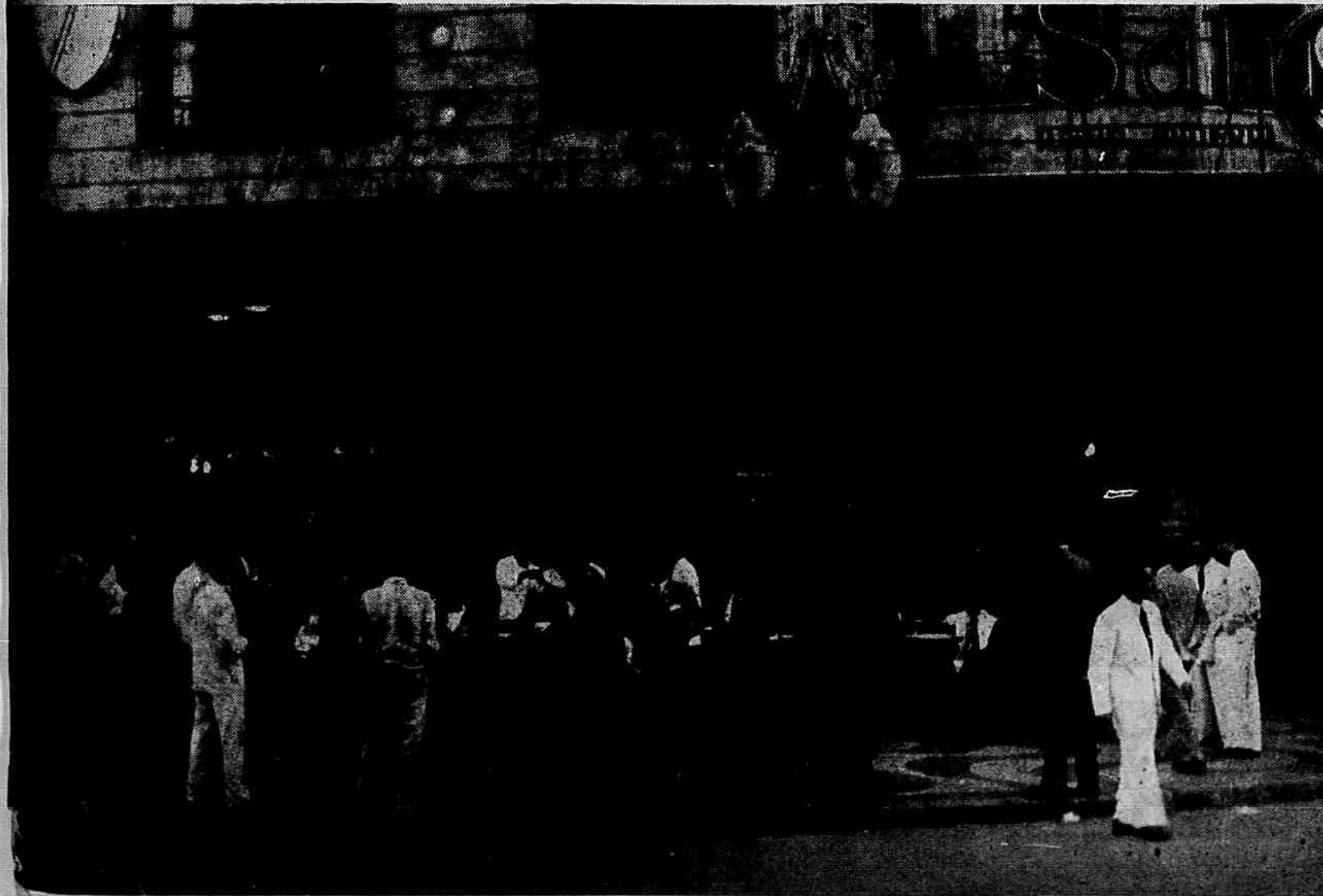
— Traga dois cafés e dois copos de água gelada e filtrada. Acompanha um pouco de água quente. Ando um pouco sem sono, ultimamente. Café fresco, hein? Veja se renova a cafeteira. E' uma luta para se conseguir um bom café no Brasil! Bem: trouxe a opção da minha de ouro?

— Da minha de ouro não consigo ainda. Mas trago aqui a da minha de platina.



ESTE É O SIMPATIA, ONDE FAZEM PONTO FABULOSOS HOMENS DE NEGÓCIOS "PROVISORIAMENTE" SEM ESCRITÓRIO... QUASI NA ESQUINA DE OUIDOR. PERTO DA ZONA BANCARIA. UM CAFÉSINHO, UM COPO DE ÁGUA GELADA, MEIA HORA DE PALESTRA E QUANTOS PROJÉTOS FANTÁSTICOS!

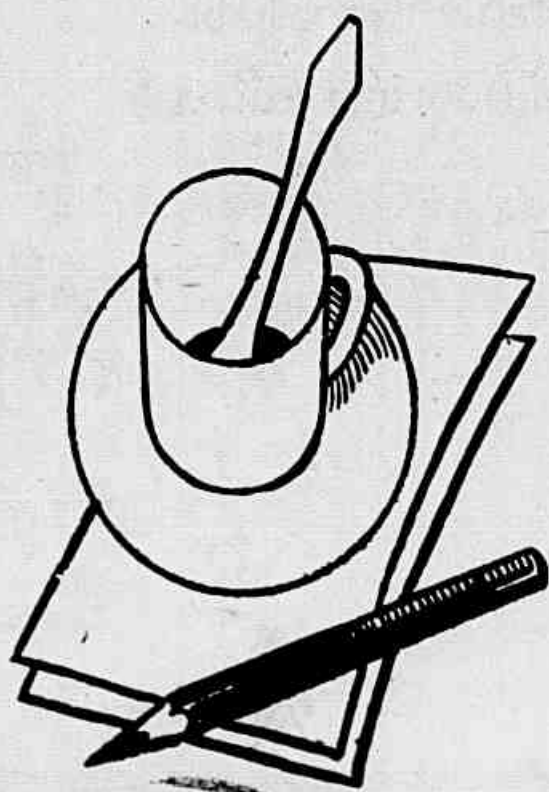
NO AMARELINHO, BEM NA CINELÂNDIA, MARCAM "RENDEZ-VOUS" OS LITERATOS RECEM-CHEGADOS DA PROVÍNCIA. LÁ, LONGE, O CAFÉ GANHA PROPORÇÕES DE UM CENTRO DE ESCRITORES CONSAGRADOS. VISTO DE PERTO, ÀS VEZES, PERDE UM POUCO, MAS OUTRAS VEZES OS LITERATOS ACABAM VENCENDO...



A crônica dos cafés cariocas tem merecido, por parte dos nossos escritores mais renomados, atenções carinhosas. Os tempos mudam e os cafés vão também sofrendo sensível evolução. Aquêles que Luiz Edmundo registra no Rio de Janeiro do seu tempo, não existem mais, porque também a fisionomia da cidade de então deixou há muito tempo de existir. Os boêmios que frequentavam o Belas Artes primitivo, junto ao "Jornal do Brasil", para não recuar mais acentuadamente na ação do tempo, lembram, saudosos, as mesas com tampo de mármore, as cadeirinhas de paiha e o "simples ou com leite"... Houve um jornal cuja redação foi improvisada e mantida por longo tempo na "terceira-à-direita" do Café Papagaio, outra relíquia da rua Gonçalves Dias, quando ali não existiam as luxuosas montras de modas femininas de nossos dias. O Criterium no Largo do Rocio, o Teixeira da rua do Lavradio onde a gente de teatro marcava "rendez-vous" e ia tomar a sua canja depois dos espetáculos, o Java no Largo de São Francisco, todos passaram de moda. E os pontos em que se encontravam instalados evoluíram também. O Lamas, no Largo do Machado, é dos poucos antigos que ainda conserva a sua tradição, lugar obrigatório da rapaziada da zona Sul. E o Lamas vem do tempo de Luiz Edmundo! Mas falar de todos os cafés tradicionais cariocas é impossível. O assunto acabaria exigindo um volume inteiro e não uma simples crônica de revista. Esta que hoje oferecemos aos leitores, assinada por Henrique Pongetti, focaliza alguns cafés mais contemporâneos e devem ficar incluídos para quem, a respeito, coligir dados destinados ao histórico de alguns pitorescos usos e costumes da cidade. Mas o "café-expresso", a princípio instalado numa portinha de loja onde existiam outros gêneros de negócios, e já evoluindo para essas luxuosas instalações que o Rio conhece, veio dar um golpe de morte no cafézinho da palestra interminável, onde se falava de tudo e de todos.

Em São Paulo, essa modalidade de café já existe há muito. O carioca, desembarcando na Estação do Norte, estranhava a falta do café com mesa e cadeira, obrigado a tomar o seu "moka", mesmo em pé, na Avenida São João ou numa portinha do Triângulo... Hoje, o hábito paulistano foi adotado em larga escala também aqui na capital da República. Mas em outros Estados o velho e tradicional café, onde se reúnem os moços e os velhos para "bater papo", continua soberano. Em Campos há um café onde os mais ricos usineiros resolvem transações fabulosas, de milhões e milhões de cruzeiros... E em Porto Alegre, até há pouco tempo, existia outro onde se ingeria uma deliciosa rubiácea por dez centavos, ouvindo um quinteto razoavelmente afinado e um cantador de tangos e rumbas. Pois, acreditem ou não, o dono do café nunca faliu...

—Deixe-me ver. Mapa... título de propriedade... Não! isso não! Eu disse que o meu freguez daria oitenta milhões de cruzeiros pela mina e ele me põe na proposta de venda sessenta milhões! Sessenta milhões é o preço para mim! Vinte milhões são meus! Francamente, o Teodoro está o tipo do amigo da onça!



—Deve ter sido esquecimento.



O NICE, ONDE SE REUNE A FINA FLOR DO SAMBA, OS MAIORES DA BOSSA E DA CAIXA DE FOSFOS. QUANTAS "MARCHINHAS" FAMOSAS NASCERAM NUMA DESSAS MESAS! EM CERTAS HORAS A CALÇADA FICA INTRANSITÁVEL MAS OS MARUJOS DE TIO SAM TAMBÉM GOSTAM DE BEBER, ALI, A SUA COCA-COLA.

OS CAFÉS TAMBÉM TEEM CORES. O VERMELHINHO FICA EM FRENTE AO PALÁCIO DA A. B. I., ONDE SE JUNTAM OS PINTORES MODERNOS E OS LITERATOS DE VÁRIAS ESCOLAS. MAS SO À TARDE. PELA MANHÃ O ASPECTO É ESSE, DEPLORÁVEL, SALVO NA HORA DO "LUNCH" DA GENTE DOS ESCRITÓRIOS VISINHOS.



—E' um esquecimento que me ia custando a bagatela de vinte milhões de cruzeiros! Garçon! O café está muito frio e a água está muito quente. Leve isto e veja se inverte. E' incrível que sirvam assim um freguez de trinta anos!

—Outra coisa: o senhor não poderia me adiantar algum por conta dos vinte milhões? Como sabe, hoje os bancos estão fechados. O Teodoro foi para Terezopolis gozar o meio e o fim de semana...

—Depende, depende.

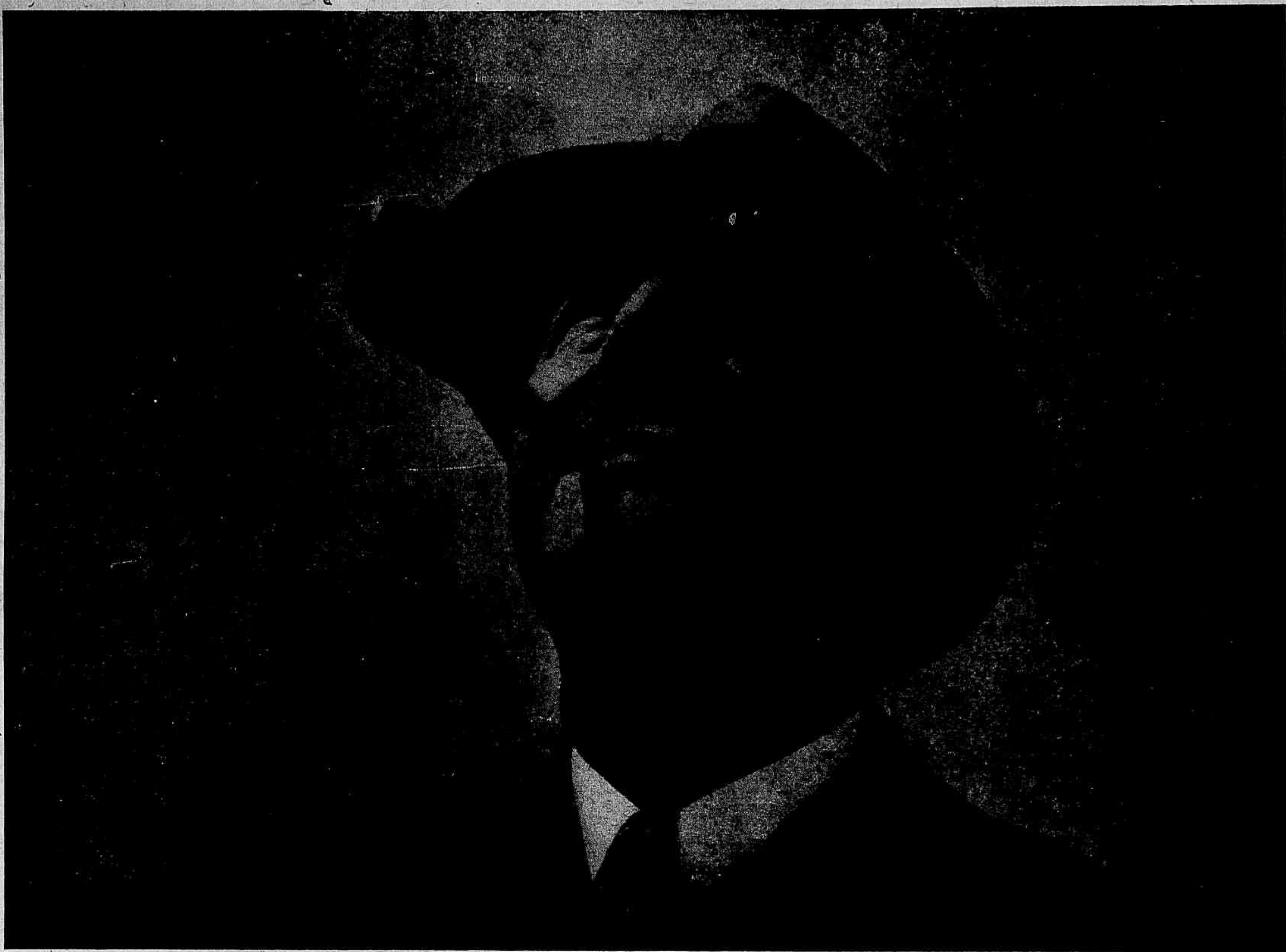
—Dez cruzeiros... é muito?

—E' um absurdo! Ainda se a opção estivesse certa... Um prejuízo de vinte milhões! Era só o que me faltava!

—Cinco... está bem?

—Absolutamente! Leva três cruzeirinhos... e eu pago o café!

Ainda poderíamos visitar outros cafés tornados célebres pela preferência de determinada classe: o Rio Branco, pessoal do futebol; o Opera, gente de teatro; o Raldiz, funcionários públicos. Mas a viagem seria muito longa, longa e excitante.



ENCARE SEUS CINQUENTA COM CONFIANÇA

QUE satisfação experimenta um homem que aos cinquenta se sente tão animado... entusiasta... são... como qualquer dos seus amigos menos idosos! "Se alguns homens podem fazê-lo, porque não todos?", pensará você.

Há na vida de toda gente um momento em que os seus recursos físicos começam a declinar — em que se está consumindo literalmente — e envelhecendo! Felizmente, hoje em dia muitos homens consultam seus médicos para saber como poderiam retardar os efeitos dos distúrbios cardíacos e renais, da hiper tensão arterial, da artério esclerose e da diabete. Grande parte da "juventude" prolongada de alguns de tais homens pode ser atribuída aos conhecimentos médicos sempre cres-

centes sobre as condições que se apresentam na meia idade — sobre os seus diagnósticos no início — sobre o modo de diminuir os seus efeitos. Assim, se você está beirando os cinquenta, procure seu médico e peça-lhe que o examine. Faça isto antes da chegada da doença... mesmo que esteja se sentindo

bem! Há 85 anos que a Casa Squibb vem cooperando com a classe médica na fabricação de produtos para a prevenção e tratamento de moléstias. Há, e sempre houve, somente um padrão de qualidade para os produtos Squibb... cada um deles é tão puro, seguro, e eficaz, como a maior habilidade científica e o cuidado inexcedível possam produzi-lo.



Quando comprar um creme dental, um produto vitamínico, um preparado medicinal para a casa ou um sêro para o hospital, verifique se traz o Sêlo da Casa Squibb — um produto de confiança.

E·R·SQUIBB & SONS, NOVA YORK
QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

O INGREDIENTE DE VALOR INESTIMÁVEL DE TODO PRODUTO É A HONRA E A INTEGRIDADE DO SEU FABRICANTE

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Enderço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo.

Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

ANO XLV --- 6-5-1944 --- N. 19

Sumario

LITERATURA:

Chicara, lapis e papel (Henrique Pongetti).....	5
A Literatura e o Tic-Tac do Relógio (Genolino Amado).....	8
Livros Novos.....	10
Caminho das Tropas (Carvalho Ramos).....	15
Reviver Carioca (Escragnolle Doria).....	24
Os Roubos da Milionária (Nick Carter).....	29
Leva-me contigo (Silvan Reiner).....	38

REPORTAGENS:

Figuras e Fatos.....	2
Joquei Clube.....	6
Santa Joana — por Dulcina.....	16
Por que se candidatou á Academia? (Rodrigo Otavio F.).....	12
A mulher na guerra e no pós-guerra.....	32
Esforço de guerra da mulher brasileira.....	30

FOTOGRAFICAS:

Nijinsky.....	25
Coisas do Brasil.....	34
Modas de Inverno.....	36

CINEMA

Inverno em Hollywood.....	35
---------------------------	----

FEMININAS

Modas e outros assuntos femininos, desde a pagina.....	44
--	----

SEÇÕES

A Guerra em Marcha.....	19
De Rádio (Djalma Maciel).....	39

AVULSAS:

O afundamento do "Hornet".....	20
--------------------------------	----

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	31
"Charge" de Raul.....	50

Aos apreciadores
DOS PRATOS SABOROSOS
— ASSEGURAMOS QUE,

todos os alimentos
preparados com Maizena
Duryea são deliciosos e
de fácil digestão. Maizena
Duryea é um auxiliar indispen-
sável da ar-
te culinária.

MAIZENA DURYEA
torna os alimentos
mais saborosos.
**À VENDA EM
TODA PARTE**

41 LTD.



Dôr de Cabeça

Quando V. S. tiver dôr de cabeça, lembre-se que muitas vezes ela é causada por desarranjos e perturbações do estômago, intestinos e fígado e não esqueça nunca que somente tratando estes órgãos é que ficará curado.

Se V. S. tem qualquer dúvida a este respeito, consulte o seu médico.

Não basta tomar pílulas ou comprimidos calmantes da dôr, porque com isto só se conseguirá suprimir o sintoma e não se fará nunca desaparecer a causa da dôr de cabeça, se esta tiver sido provocada pela prisão de ventre.

Em todas as doenças o mais importante é tratar a causa, e os médicos sabem que a dôr de cabeça é frequentemente causada por impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas no estômago e intestinos; por isto convém limpar estes órgãos usando **Ventre-Livre** sem demora.

Ventre-Livre trata racionalmente a prisão de ventre, estimula o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, que perturbam as funções do fígado e causam a dôr de cabeça, pêsso, calor e mal-estar na cabeça, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, língua suja, falta de apetite, mau gosto na bôca, empachamento, pêsso e dôr no estômago, mal-estar depois de comer, arrôtos, azia, indigestão, dôres, cólicas e outros desarranjos do ventre, mau hálito, preguiça, sonolência e moleza geral, certas coceiras e erupções na pele, nervosismo e outras alterações mais graves da saúde.

Tenha todo o cuidado com sua saúde.

Para evitar a dôr de cabeça e todos estes sofrimentos provocados pela prisão de ventre, use **Ventre-Livre**, remédio esplêndido, que é tão amplamente conhecido e aplicado, dentro e fora do país.

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

A nossa Capa

Na hora exata em que os legítimos valores da arte cênica no Brasil adquirem o relevo merecido, prestigiados pelo Estado em reflexo do prestígio do pú-

de quase meio século de existência, que tanta é a da REVISTA DA SEMANA. Eva Todor, distinguida com a foto especial inserta em nossa capa deste número, é sem favor algum uma das expressões mais e vitórias do teatro moderno. Em curto espaço de tempo, conseguiu fazer público e acreditar-se no título de promissora comedianta. Entre os nomes de maior aceitação que se enfileiram no momento, o de Eva Todor sobressai com brilho e personalidade. Veio do teatro ligeiro, da revista, para os palcos da Cinelandia. Primeiro no Rival e agora no Serrador, está tendo, oia a dia, elev do o seu conceito, e, conquanto não tenhamos a intenção de a legitimar uma vitória completa, fora de dúvida é reconhecer que ela o será, seguindo a mesma trilha, não tardará muito.

REVISTA DA SEMANA



blico e da crítica, nada mais justo que uma grande revista no gênero da nossa, associar-se também a esse empreendimento, mantendo, aliás, as tradições

Numeros atrasados
desta revista no

Pará

PEDIR A

Albano H. Martins & Cia.

Trav. Campos Sales, 85 - Belém

Dr. SPINOSA ROTHIER

Membro do Circulo
Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINÁRIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

Rua Senador Dantas, 45-B — 9.º andar — Apartamento 902 — Telefone 22-3367

A LITERATURA E O TIC-TAC DO RELOGIO



A primeira vista, parece quase impossível fazer-se todo um ensaio de literatura inspirado exclusivamente num simples "tic-tac" de relógio. Mas a verdade é que esse minúsculo assunto vem sendo comentadíssimo em prosa e em verso, prestigiado, assim pelos maiores escritores e poetas.

Para se compreender isso, é preciso lembrar que em geral o homem de letras é um sujeito muito nervoso, de sensibilidade agudíssima, que facilmente se impressiona e a toda hora se irrita. E não existe, de certo, nenhum outro barulhinho mais irritante, nenhum outro ruído mais importuno, do que o de um "tic-tac" de relógio...

Quem já teve um despertador á cabeceira da cama e já sofreu insônias terríveis por culpa desse pequenino rumor, não ficará surpreendido ao saber que por sua causa foram escritas muitas e muitas páginas de literatura. O "tic-tac" aborrece, incomoda, tira o sono, mas também dá o que pensar. Na solidão do quarto, ouvindo o tinar e retinir daquela máquina de tortura sonora, filósofos ilustres acabaram em longas meditações sobre o mistério da vida, romancistas imaginaram novos personagens, vates românticos sonharam impossíveis amores...

Vejamos, pois, alguma coisa do que o "tic-tac" já inspirou aos "azes" da literatura nacional.

E para começar, esta impressionante crônica de Medeiros e Albuquerque:

♦ ♦ ♦

Na insônia daquela noite, eu ouvia distintamente o ruído do relógio que havia no meu salão de estudo.

Tic-Tac... Tic-Tac...

E só então eu tive consciência que aquele rumor era o dos dentes de um ratinho que ia pouco a pouco roendo minha vida. D'antes, quando essa vida era um largo círculo radioso, cuja periferia ficava muito distante do centro em que eu me achava, eu não ouvia o barulho do pequeno roedor. Mas pouco a pouco, obstinado e tenaz, sem se deter nem se apressar, o ratinho Tic-Tac tinha ido roendo minha infância, minha adolescência, meu pleno vigor de homem feito, as folhas amarelas do meu outono, e era já agora o pouco que me restava de velhice, o que ele continuava a ir roendo.

Tic-Tac... Tic-Tac...

E eu o figurava com as pequenas mandíbulas infatigáveis, poindo, desgastando, roendo, roendo, roendo, infatigável e metódico.

A luz — era a luz de uma vela — apagou-se. A noite estava fria. Enrolado em um amplo chale, na longa espreguiçadeira em que me deitara, senti preguiça de me mover. Soaram horas. Quantas? Lembro-me que ouvi as dez, as onze, a meia-noite. Sorri então, pensando que chamavam à meia-noite "a hora fatídica". O ratinho Tic-Tac continuava a sua faina, sem que por isso ele aumentasse ou diminuísse a velocidade do trabalho. Roia meias-noites com a mesma serenidade com que roia quaesquer outras horas. O seu fim era um só: ele sabia que eu estava no centro do círculo e tinha de chegar até mim, para me dizer um dia: — "Acabou-se! Morre!"

Ouvi dar uma hora, duas horas...

Tic-Tac... Tic-Tac...

Em certa ocasião, naquela treva espessa, naquele frio glacial, naquele abandono completo, eu ouvi ou julguei ouvir que o ratinho Tic-Tac me falava, sem que por isso, entretanto, parasse o seu trabalho:

"C'mo tu estás velho!

Lembras-te o moço, que foste? Lembras os sonhos, os desejos, as aspirações que tinhas?

Tantas mulheres amaste, tantas tiveste nos teus braços! Um morreram, outras são velhas como tu e as que são ainda fortes e moças riem de ti, si te vê m.

Tantas! Hoje, quando alguma passa perto de ti, não ha nenhuma em cujo rasto não faças surgir toda uma larga fila de recordações. E tu buscas um consolador engano em evoca-las, esquecendo que assim vives entre espectros, entre os fantasmas da tua mocidade, do teu passado...

Quando alguma te nota e vê nos teus olhos uma chama de desejo, tem um gesto de enfado ou de nójo, uma palavra de desdém ou de sarcasmo...

Velh! E's tu que pr gas aos moços a prudência, a moderação, as virtudes calmas?

Desce ao fundo de ti mesmo e verás que tudo isso não passa de hipocrisia e de inveja. Dize aos que podem que se encharquem de prazer, que se embebedem de amor! Dize-lhes que vivam ardentemente, intensamente! A virtude é uma palavra que só enche a bôca dos que não podem gozar o vício; é a prédica dos impotentes; é a prédica dos invejosos!

Teu rosto está cheio de rugas: rugas em torno dos olhos, em torno da bôca, ao longo das faces... Breve, no seu

engelhamento cruzado de linhas e sulcos, ele será como a planta de uma cidade — de uma velha cidade abandonada. Pelas ruas que te cercam os olhos, andarão as saudades das mulheres formosas que tu viste, as saudades dos ceus e das terras em que amaste, em que gozaste. Pelas rugas que te cercam a bôca, andarão as saudades dos beijos que d'ste, quando tantos lábios formosos os aceitavam, sôfregos, e pediam-te mais e mais; a saudade dos beijos de que vestiste tantos corpos divinos. Pelas rugas das faces andarão as saudades do tempo em que as unias a outras faces moça se formosas...

E tudo isso passou. Breve, no seu engelhamento cruzado de linhas e sulcos, teu rosto será como a planta de uma cidade abandonada, por cujas ruas só cruzarão as saudades, como viúvas desoladas, cobertas de longos crepes.

Do alto de um monte tu viste, um dia, um trem que surgia no vale, lá em baixo. Era uma cobra imensa. Movia-se a uma formidável velocidade, sobre os trilhos que pareciam ao sol duas fitas estreitas de prata.

Os carros estavam cheios de passageiros alegres, que se debruçavam ás janelas, cantando e rindo. O penacho de fumo da máquina subiu para o ar alegremente, como um l'ção de viajante que partia feliz e que dizia adeus aos que ficavam.

O trem era como a tua vida, vivida vertiginosamente, cheia de passageiros alegres: aqueles a quem tu amaste, aqueles a quem tu quizeste bem, os sonhos que pretendiam realizar e que todos fracassaram lamentavelmente...

Agora, cai a noite, mal se vê o trem, que continua, entretanto, a sua marcha. Mas já não ha ás janelas dos carros nenhum passageiro. O céu está escuro, o vale está escuro.



Mal se distingue ao longe, diante, a bôca escancarada de um tunel. E o trem que nel vai entrar, ninguém mais o verá...

O tunel... Pergunta á Morte o que ele é...

E como o ratinho não mais falasse, eu lhe ouvia as mandíbulas infatigáveis, no seu infatigável Tic-Tac, cada vez mais perto de mim...

Tic-tac... Tic-tac...

♦ ♦ ♦

Como viram, o "tic-tac" do relógio impressionou profundamente o autor de POEMAS SEM VERSO. Fez dele até um verdadeiro filósofo pessimista...

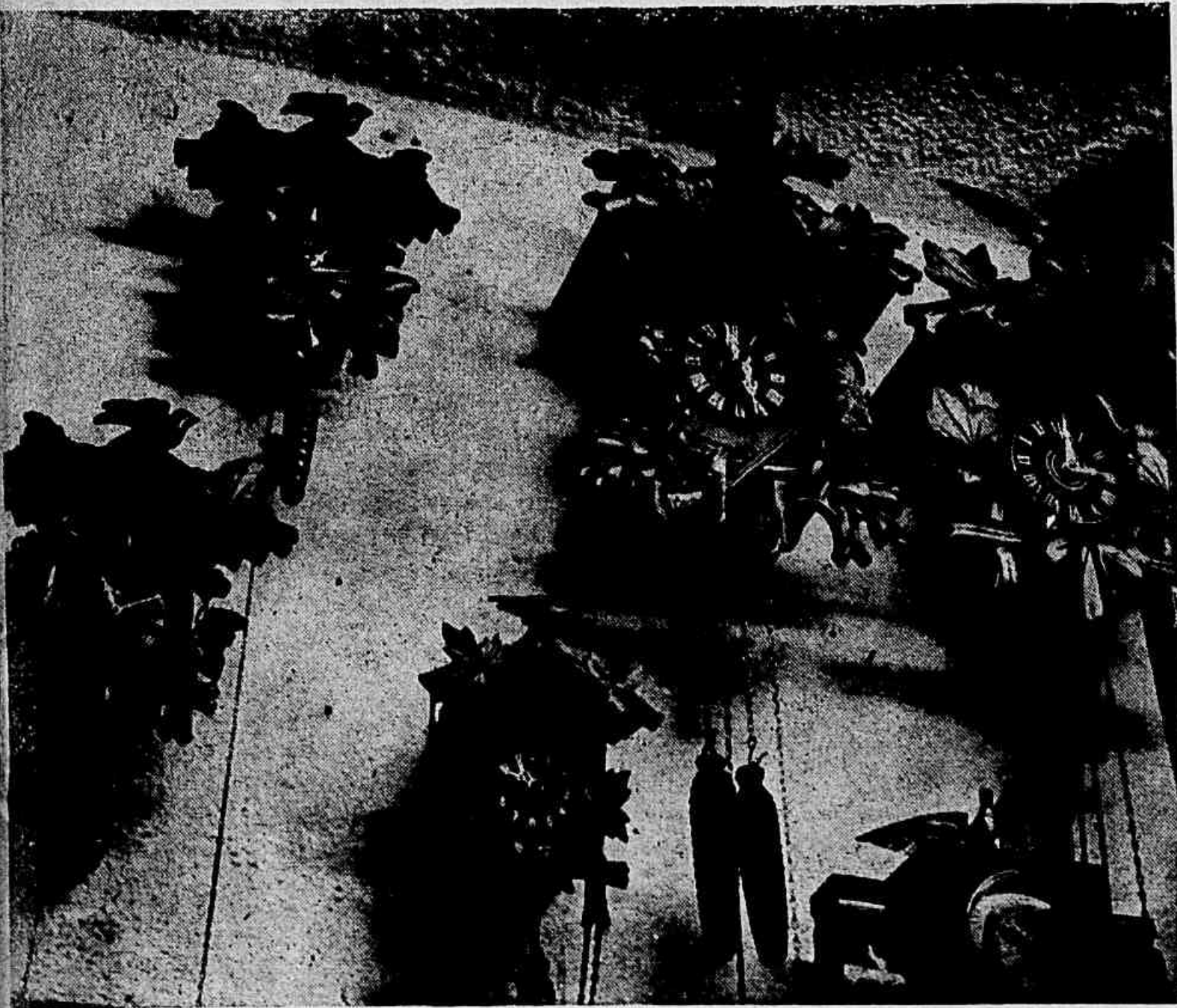
Mas, deixemos agora de lado a prosa e sigamos á procura de alguma pagina de poesia inspirada pelo barulhinho impertinente dos relógios... Não será difícil encontrá-la. Eis aqui, por exemplo SOMBRA E LUZ, o livro de estréia de Lia Correia Dutra, a poetiza que depois se transformou em magnífica prosadora, conquistando mesmo o Premio Humberto de Campos com a sua coletânea de contos intitulada NAVIO SEM PORTO.

Ela também sentiu o suplicio noturno do "tic-tac"... E é numa explosão de cólera contra o maldito despertador que a poetiza compôs estes versos ardentes, nervosos, em que se encontra uma sensibilidade aguçada pela noite de insônia:

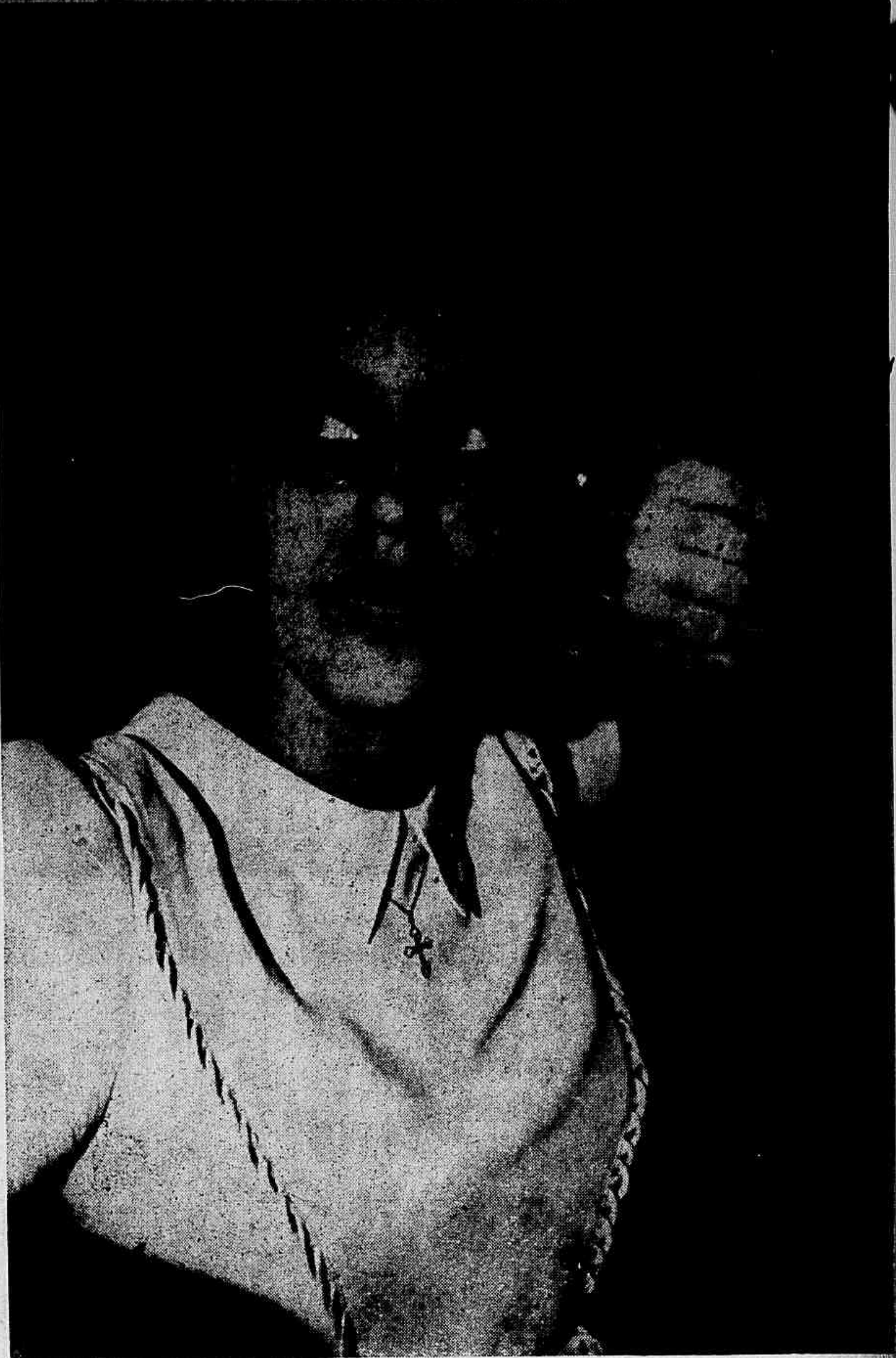


O simples tic-tac de um relógio foi pretexto, aliás dos mais felizes, para Genolino Amado compor outro de seus esplendidos programas literários da série "Biblioteca do Ar", apresentada semanalmente na Rádio Mayrink Veiga. Semanalmente também, a REVISTA DA SEMANA oferece aos seus leitores uma dessas preciosas joias que tanto merecem ser fixadas em páginas mais decisivas, crônicas reproduzidas, aliás, com a devida autorização.

Odeio-te, relógio! Odeio as tuas pulsações!
a tua indiferença me faz mal...
acompanhas as minhas sensações;
as alegres, as tristes, as boas e as más;
com teu tic-tac sempre igual...
Sinto que não és capaz
de compartilhar meu sentimento,
meu pensamento,
meu sofrimento...
Não és como as coisas inanimadas
às quaes se pode dar um pouco de nossa alma...
Não és como as cousas paradas
que adormecem nossa dor com sua impassível calma...
Vives e respiras... Tens um coração
que pulsa...
Sinto por ti medo e repulsa...
Alteias-te na solidão,
e bates egoistamente,
indiferentemente...
És para mim
uma certeza de Morte,
um símbolo de Fim...
Tua monótona voz me diz, ironica e forte,
no tic-tac enervante que silaba:
"Ri ou sofre, que me importa!
Brevemente estarás mortal
tudo acaba,
tudo acaba..."
dia alegre ou dia triste...
findará tudo o que existe
só minha voz continua,
sobre a parede alta e nua
a dizer com ironia
que ha de acabar tudo um dia!..."
É por isso que te odeio, relógio indiferente,
coração que não sente
ao bater!
Nas minhas horas boas de felicidade
desejaria esquecer
a dolorosa verdade
que no tic-tac que silaba
diz tua voz — "tudo acaba..."
Nas minhas horas más de sofrimento,
odeio o teu desprendimento...
Quando o meu coração bate angustiado,
numa amargura que me faz mal,
odeio o teu coração compassado
sempre igual...



Nunca vibras comigo,
ao mesmo tempo, irmanado...
considero-te como um inimigo
desapiedado...
E estremeço de medo, estremeço de horror
quando me lembro que este meu coração cheio de amor,
este meu coração que vibra, que palpita,
numa ternura infinita
por tudo que existe,
este meu coração que é meigo e triste,
sincero e apaixonado,
este meu coração cheio de vida.



— MEU DEUS QUE ATRAZO!

e às vezes tão cheio de alegria
ha de parar um dia
cansado...
inanimado...
numa injustiça atroz,
vencido pelo Destino feroz,
pelo Destino monstruoso...
enquanto que o teu coração que não sente,
teu coração indiferente,
ha de bater seu tic-tac victorioso
eternamente!

♦ ♦ ♦

Deixemos, entretanto, a poesia moderna para procurar entre os escritores do passado outras impressões literárias sobre o monótono e teimoso "tic-tac" dos relógios...

E encontramos uma pagina famosa de Machado de Assis, pagina bem pequenina, de algumas frases apenas, mas em que se condensa todo o estilo do extraordinario romancista.

Sendo de Machado de Assis, não seria preciso explicar que se trata de uma expressão de pessimismo... O velho autor de QUINCAS BORBA era um filosofo amargo... E eis como a sua amargura transparece nestas suas impressões em torno de um pêndulo, "tic-laqueando" dentro da noite...

♦ ♦ ♦

Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater do pêndulo fazia-me muito mal; esse tic-tac soturno, vagaroso e seco parecia dizer a cada golpe que ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dois sacos, o da vida e o da morte, a tirar as moedas da vida para d-las á morte, e cont-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda para que ele não deixasse de bater nunca e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos...



Grande Descoberta Para o Alívio da Eczematide Infantil

IV. não precisa mais ver seu filhinho sofrer o martírio da eczematide. Essa forma infantil de eczema causa ao seu filho muito maior sofrimento que qualquer outra doença. As coceiras constantes não deixam a criança dormir, causando uma inquietação que conduz ao esgotamento nervoso. Não é possível impedir que o seu filhinho cause ulcerações na pele com as suas unhas, pois ele não suporta a coceira e não se pode impedir-lo de coçar continuamente a pele irritada. Daí resulta a formação de cicatrizes que desfiguram por toda a vida o seu fisionomia.

Numa clínica de pele de um grande hospital, foi elaborada uma nova fórmula para o tratamento e alívio da eczematide. É o novo, moderno e científico preparado BELZEMA.

BELZEMA é uma nova forma de pomada não gordurosa que penetra rapi-

damente na pele da criança para combater a doença na sua origem. Faz cessar as coceiras, é invisível quando aplicada, não é sentida e não mancha a roupa, não sendo necessário usar ataduras.

BELZEMA já aliviou alguns casos das mais obstinadas erupções de eczematides em pouco tempo. As coceiras cessaram com a aplicação de BELZEMA e com a continuação do tratamento a pele tornou-se novamente limpa e perfeita.

Se o seu filhinho está sofrendo de eczematide infantil, dê-lhe imediatamente o alívio de BELZEMA. Continue a usar BELZEMA até a pele tornar-se limpa e nova outra vez.

BELZEMA

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir da longa vida... dos Cabellos,

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo

MATRIZ: SÃO PAULO

Rua Libero Badaró, 103 loja-
107 s/loja — 1.º e 2.º ands.

Caixa Postal, 178-B e 2999

Tele { fone 2-4550

grama "CONSTRUTORA"

EMPRESA
CONSTRUTORA
UNIVERSAL

A maior organização predial do Brasil

Inspetorias em todos
os Estados do Brasil.

Agências em todas
as cidades do Brasil.

Livros

RIBEIRA DO SÃO FRANCISCO. — M. Cavalcanti Preença. — Rio — 1944.

O problema do Rio São Francisco, ou melhor das populações que vivem à sua margem, é digno da atenção de todos aqueles que amam sinceramente a nossa pátria e procuram uma solução para as suas dificuldades.

Apesar dos esforços que já foram envidados com o fito de melhorar as condições de vida nesta região, elas são ainda precárias. Em alguns lugares a civilização está atrasada de um século! Nosso governo vem enfrentando todas as dificuldades aumentadas com a guerra para solucionar o problema. No seu livro, *Ribeira do São Francisco* o Sr. M. Cavalcanti Preença, aborda a questão de modo franco e seguro.

Conhecendo profundamente a região, onde esteve várias vezes, pode falar com desembaraço.

Conta-nos o autor, de modo singelo, as suas excursões, onde não falta mesmo uma nota de pitoresco.

Não é um livro pesado e pretencioso, fazendo alarde de erudição. O São Francisco é apresentado num retrato muito perfeito.

Encontraremos aqui o ambiente geográfico, a história e a situação atual do rio, vendo-se focalizado principalmente o aspecto humano da questão.

Entretanto, o livro tem por vezes cores sombrias, quando mostra a situação da gente que vive às margens do rio e que "há duzentos anos, vive teimando para não desaparecer".

M. Cavalcanti Preença recusa as soluções fantásticas apresentadas para solucionar o grave problema bem como ataca os que negam o papel unificador do rio. Recusa ainda as teorias deterministas que apontam os caracteres persistentes e dominantes nos cabelos atribuindo-os à fusão dos elementos indesejáveis e feragidos da sociedade civilizada com os restos das tribus selvagens.

NOITE EM BOMBAIM. — Louis Bromfield. — Tradução de F. Tude de Souza. — Porto Alegre — 1944.

Louis Bromfield é o autor de *As Chuvas Chegaram*, que já foi aproveitado pelo cinema, numa película admirável. Foi com a publicação desse romance que Bromfield se tornou conhecido do público brasileiro.

Neste romance que acabamos de receber, traduzido por Tude de Souza, o autor escolheu também o cenário da Índia sempre misteriosa, para nos apresentar seus personagens. Há muito de Kipling, no modo de confrontar as civilizações oriental e ocidental, fazendo ressaltar as diferenças intransponíveis que separam estes dois mundos.

A ocidentalização não alcança muitos recantos deste país asiático, que permanece com todas as características do velho oriente, como nos habituamos a conhecê-lo através da literatura de todos os tempos. Aquele modo filosófico de encarar a existência, aquele alheamento da política,

tão característicos dos orientais, são admiravelmente traduzidos no livro de Bromfield.

As dificuldades de adaptação da sociedade inglesa, que pretence transportar para lá os seus hábitos, seu modo de vida, sua mentalidade, são mostradas ao leitor com uma segurança, apenas possível a quem tivesse observado de perto e com um fino espírito de análise o fenômeno. Cinco personagens encontram-se por acaso na prodigiosa Bombaim, nascendo entre dois deles, Bill Wainwright e Merrill, um amor forte, que leva o leitor a virar as páginas com um interesse sempre crescente.

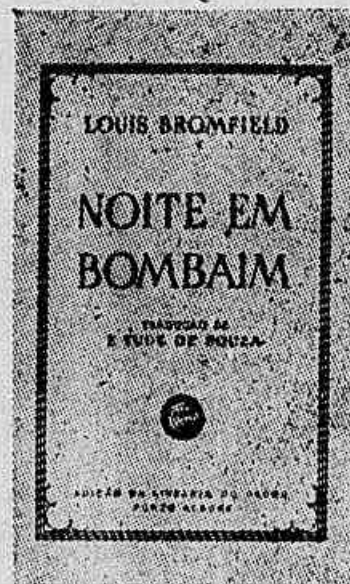
A SELEÇÃO PELA IDADE NA VIDA DO IMATURO. — A CIDADE DAS CRIANÇAS. — Professor Amaro J. T. América. — Rio. — 1944.

Aqui é debatido o velho tema da bondade e da pureza das crianças contaminadas pelos adultos e pela civilização. O assunto é abordado sob a forma de uma tese que o autor defende.

Acha ele que as gerações novas devem ser isoladas da comunidade adulta até que atinjam a maioridade antropológica.

Segundo o Professor J. T. América, a maturidade biológica, ética e política não são paralelas entre si. A idade cronológica não corresponderia, à idade mental. Haveria pois a necessidade de uma idade antropológica "resultante final que compreenda todas as idades parciais".

Distingue ele a vida social do imaturo e do adulto. Outra idéia apresentada pelo autor é a da desproporção e conseqüente desequilíbrio entre a quantidade de ma-



Novos

que as novas gerações recebem das antigas e os elementos de que podem dispor para se defender desse mal.

Assim, as relações sociais entre as gerações imaturas e a dos adultos são responsáveis pela continuidade do mal através dos tempos.

Assim sendo, ele preconiza que se mantenham isoladas as novas gerações até que, adquirindo uma amplitude maior na sua visão do mundo, adquiram os elementos necessários para contrabalançar os vícios das gerações que as precederam. A solução para este problema apresentado seria a criação da "cidade das crianças" isolada da "cidade dos adultos."

Como vemos, o assunto é complexo e as dificuldades são grandes.



CRISTOVÃO COLOMBO. — Salvador de Madariaga. — Tradução de Godofredo Rangel — Rio. — 1944.

Se há um personagem da história cuja vida está encoberta por uma névoa de mistério e em torno do qual as mais desencontradas opiniões se entrecrocaram, é Cristovão Colombo "o homem misterioso que unicamente com o seu espírito modificou o ritmo da história, desviou uma nação poderosa do seu caminho natural, duplicou o espaço do mundo físico aberto ao homem e ampliou seus horizontes mentais além das esperanças mais exageradas daquela época. Tudo o que se refere à figura de Colombo tem suscitado controvérsias entre os historiadores: o lugar do seu nascimento — diversas pátrias disputam a honra de ter sido seu berço — a exata grafia do seu nome, seu caráter e as circunstâncias que se relacionaram com a descoberta da América. Segundo alguns Colombo era genovês, segundo outros espanhol. Esta é uma questão abordada com segurança por Salvador de Madariaga. Segundo este autor, Colombo era um genovês de origem "sefardita", isto é hispano-judeu.

Qual o seu verdadeiro nome? Apesar dos inúmeros documentos que foram encontrados escritos pelo descobridor da América é uma questão intrincada a exata grafia do seu nome: Colombo, Colomo, Coem ou Colón?

Mesmo o seu caráter tem sido objeto de controvérsias entre eruditos e historiadores. Alguns o apresentam como homem sem mácula, vítima da incompreensão e da ignorância de sua época. Outros mostram-no como um homem de ambição desmedida que o levava a atos verdadeiramente mesquinhos.

É conhecido o caso do prêmio oferecido a quem em primeiro lugar avistasse as terras do mundo novo que Colombo se propusera descobrir. Era um prêmio relativamente pequeno. Um marinheiro foi quem primeiro deu o sinal de ter avistado terra. Entretanto Colombo atribuiu a si este privilégio, recebendo o prêmio. São afirmações contestadas por uns e defendidas por outros.

Todos estes elementos se prestam para tornar sumamente interessante uma biografia desse homem extraordinário.

O "Cristovão Colombo" de Salvador de Madariaga esclarece muitos pontos obscuros. Madariaga não é apenas um investigador consciencioso. Seu livro não é um amontoado de documentação sobre a vida do grande genovês. Ele soube abordar com mestria o aspecto humano, as paixões, os sonhos e o heroísmo de Cristovão Colombo.



GETULIO VARGAS. O HOMEM E O CHEFE. — Leopoldo Pères. Rio. 1944.

A bibliografia getuliana cresce dia a dia demonstrando o vivo interesse de escritores nacionais e estrangeiros em torno da individualidade do Presidente do Brasil.

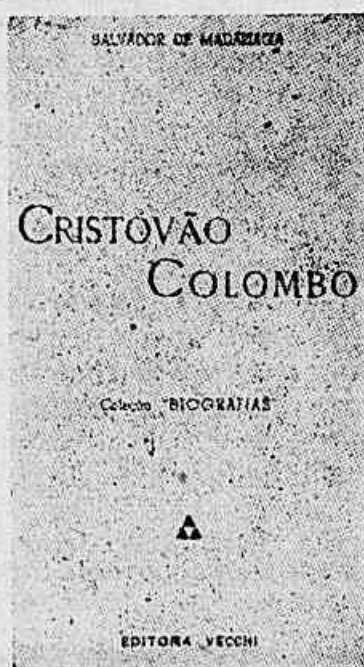
O mais recente desses ensaios está no livro "Getulio Vargas, o Homem e o Chefe" da lavra do aplaudido escritor nortista "doublé" de jurista e sociólogo Dr. Leopoldo Pères, cujo nome de publicista voltado para o estudo de nossos problemas sociais e políticos se tornou conhecido no país através de seu interessante trabalho "Política e Espírito do Regime" editado no Rio em 1941.

Vem a nova obra de Leopoldo Pères corroborar integralmente as suas raras qualidades de seguro ensaísta dos temas mais palpitantes da atualidade brasileira refletidos nos aspectos da evolução do povo e das instituições nacionais. Há que ressaltar, entretanto, no autor a sua maneira vivaz de expor, caracterizada por um estilo forte e persuasivo, e a segurança e brilho dos conceitos que denotam o homem de estudo e cultura.

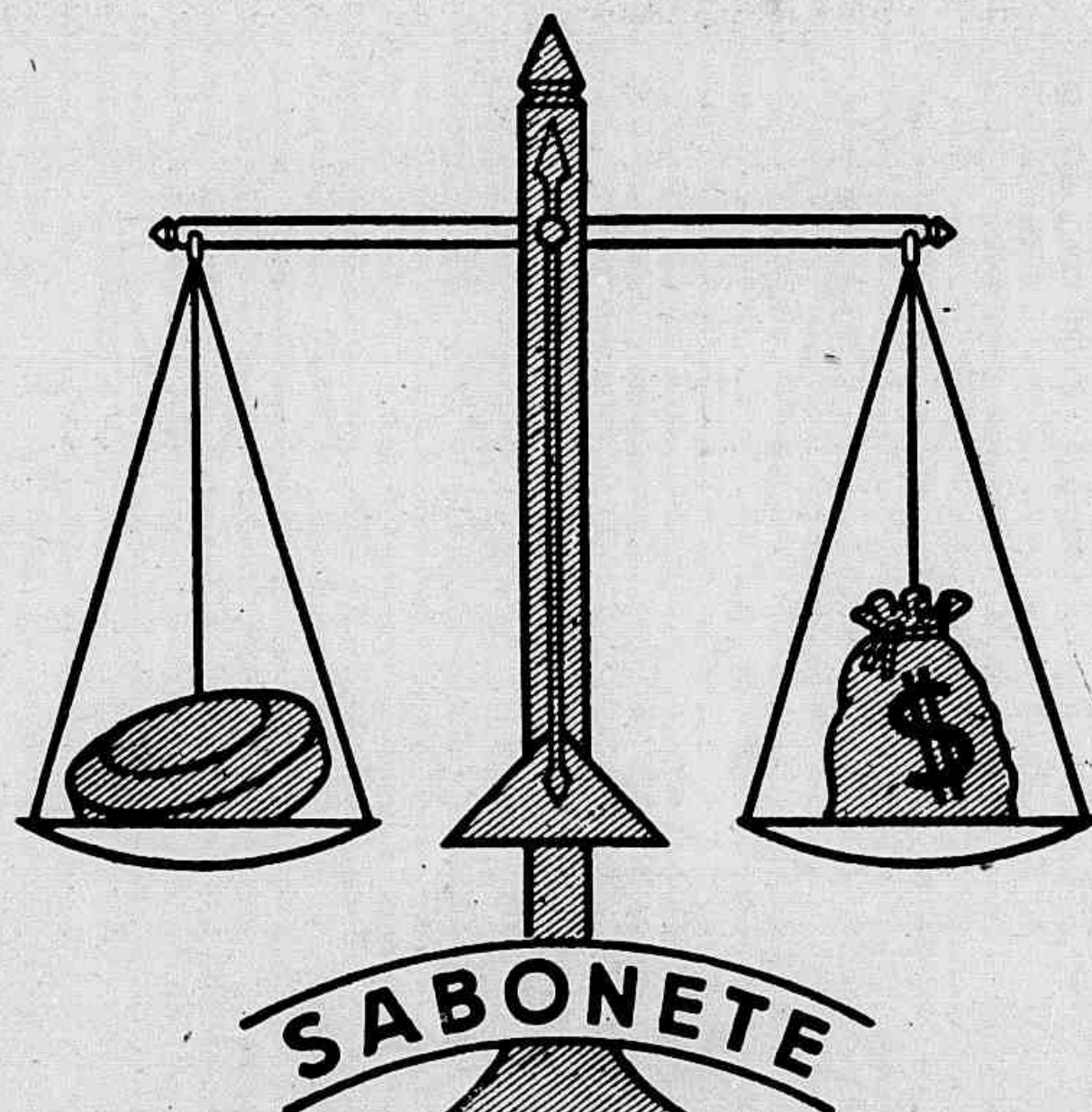
Assim, da "introdução" como dos treze capítulos que se lhe seguem ressaí em alto relevo o perfil psicológico e político do Presidente Getulio Vargas traçado de maneira a fixar impressivamente a personalidade do homem e a figura do chefe, que constituem apenas o lógico, espontâneo desdobramento de uma individualidade específica das palavras do Dr. Leopoldo Pères.

A biografia do Presidente surge nesse volume emoldurada na história do regime por ele criado e a cuja análise, pela segunda vez, em livro, se dedica o autor.

A obra em apêndice traz magnífico prefácio do ministro Marcondes Filho



ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



VALE QUANTO PESA

e' o ideal para o banco!

GRANDE, BOM E BARATO

A VENDA EM TODO O BRASIL

MODELO 1944!

Colchão VENTILADO DE MOLAS DESMONTAVEL

DURMA MELHOR...

HOLLYWOOD

SÃO PAULO
CON: CRISPINIANO, 12
TEL: 4-8009

RIO DE JANEIRO
OUVIDOR Nº 59
TEL: 43-7134

POR QUE SE CANDIDATOU A' ACADEMIA?

"SOU CANDIDATO POR NATURAL ASPIRAÇÃO", RESPONDE RODRIGO OTAVIO FILHO — "CRESCI E VIVI NUMA CASA ONDE A ACADEMIA ERA O ASSUNTO DE TODAS AS HORAS" — A INFLUÊNCIA DO PAI NA CARREIRA LITERÁRIA DO FILHO — MACHADO DE ASSIS, JOSÉ VERÍSSIMO, EUCLIDES, PATROCÍNIO, BILAC E OUTROS, VISTOS DE PERTO — "TODAS AS ÉPOCAS SÃO DE TRANSIÇÃO" — "A ACADEMIA, O MAIS LEGÍTIMO NÚCLEO DA IRRADIAÇÃO DA CULTURA LITERÁRIA NACIONAL" — VAGAS, SEMPRE HAVERÁ NO "PETIT TRIANON" — CONFIANÇA EM OBTER VOTOS DE HOMENS ILUSTRES DO ILUSTRE CENÁCULO

RODRIGO OTÁVIO FILHO, é um homem cuja fisionomia, não sabemos por que, dá antes de mais nada uma impressão de bom gosto. Talvez a realidade que corresponde a essa impressão, lhe tenha vindo do contáto que desde a infância vêm tendo com os maiores vultos da literatura pátria.

O ambiente literário que sempre o cercou, concorreu evidentemente para aumentar o seu natural pendôr pelas letras. Aliás, ainda aluno de ginásio, já revelava essa vocação.

Já então manifestava suas tendências nesse sentido, tendo se destacado como um dos melhores alunos do velho Mest' e Dr. Lino de Anorade, que o encarregou de realizar uma série de palestras sobre a nossa história literária, aos seus colegas de turma.

Na Faculdade de Direito, suas atividades são naturalmente ampliadas. Nessa época é convidado por Alceu de Amoroso Lima para secretariar a tradicional revista académica "A Época", função que exerceu durante vários anos, colaborando ao mesmo tempo em diversos jornais e revistas, desta capital e dos Estados nêles publicando poesias e crônicas.

Em 1916 aparece o seu primeiro trabalho — "Educação Cívica" — conferencia pronunciada no Forte de Copacabana, onde servia como voluntário.

O seu primeiro livro de poemas, "Alameda Noturna", apareceu em 1922. Já em 1924 aparece "O Fundo da Gaveta", coletanea de crônicas e estudos sobre as artes durante a guerra européia, encerrando também a conferencia que fez em 1922 sobre "Modos e Modos em 1822".

Durante sete anos dedicou-se aos trabalhos juridicos tendo sido secretário Geral do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros e redator da REVISTA JURIDICA, juntamente com seu pai.

Em 1931 publicou uma biografia do General Osório, e no ano seguinte, dois volumes, um de história — "A Constituição de 1923" — e outro de literatura — "O Poeta Mário Pederneiras" — focalizando o grande poeta carioca e localizando-o em nossa história literária.

"Velhos Amigos", porém, foi o livro de Rodrigo Otávio que teve maior repercussão. Nêle se salientam os estudos que fez sobre a poesia e a vida de seu grande amigo Felipe D'Oliveira, outro sobre a "Transformação de Ronald de Carvalho", tendo ainda estudado as figuras de Machado de Assis, Vicente de Carvalho, Gonzaga Duque, Lima Campos, Mario Pederneiras e outros.

Recentemente publicou Rodrigo Otávio Filho um volume de história politica, "Sofrimento e Grandeza do Governo de Prudente de Moraes". Tem o nosso entrevistado

dois volumes no prelo; "Discurso á Inglaterra e outros Discursos", e "Figuras do Império e da Republica", este ultimo enfeixando estudos com documentação inédita, sobre o Marquês de Barbacena, Viscon de Mauá, Tavares Bastos, General Osório, Prudente de Moraes e Ubaldino do Amaral.

Como vemos pela simples relação das suas obras, o filho de Rodrigo Otávio acusa uma acentuada tendência para o gênero biográfico.

Grande tem sido a sua atividade nos meios literários e culturais do país. E' de longa data membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Sociedade Capistrano de Abreu, da Sociedade Brasileira de Direito Internacional, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do Centro de Ciências e Letras de Campinas, etc.

Por várias vezes ocupou a tribuna do Instituto Histórico, em cuja Revista se encontram publicados inumeros estudos seus, entre os quais: "O Panamericanismo", "Aspectos Políticos da Guerra dos Farrapos", "O Ato Adicional" e vários outros discursos e conferencias.

Passêmos, agora a ouvir o candidato à poltrona de Tavares Bastos no "Petit-Trianon".

RODRIGO OTAVIO FILHO FALA-NOS DELE MESMO

— Entre as suas obras, tem alguma que lhe mereça a preferência?

— Tenho diversas exgotadas: EDUCAÇÃO CÍVICA, ALAMEDA NOTURNA, O FUNDO DA GAVETA, OSÓRIO, etc., entretanto, além do meu livro "Velhos Amigos", tenho grande confiança em "Figuras do Império e da Republica", ainda no prelo enfeixando estudos sobre o marquês de Barbacena, Visconde de Mauá, Tavares Bastos, General Osório, e Prudente de Moraes, que, acredito, há de agradar. Deve ainda sair brevemente, "Discurso á Inglaterra e outros Discursos". Tenho em preparo: "Da Luz Gloriosa" A' "Lanterna Verde", um estudo sobre a poesia brasileira contemporanea e "A Cauda do Pavão", contos.

— E quanto à sua candidatura; sempre alimentou o desejo de ingressar na Academia?

— Sempre. Desde que travei relações com a literatura, sentí a orientação segura de meu pai, que, como sabe, foi um dos fundadores da Casa de Machado de Assis. Habituei-me a vê-lo emocionado com as glórias da Academia e triste com as suas dificuldades. Era ainda pequeno quando comecei a frequentar aquele Cenáculo, onde assistí à posse de Affonso Arinos, recebido por Olavo Bilac. Esta foi uma impressão indelevel da minha infancia. Ainda nessa época, tive ocasião de assistir a diversas reuniões de

Uma fotografia preciosa no arquivo do nosso entrevistado: Rodrigo Otávio, pai e filho, em instantâneo feito no ano de 1940. Através desta reportagem, além da imensa afeição filial, sente-se a forte atuação do saudoso escritor na formação espiritual de Rodrigo Otávio Filho.



acadêmicos, no modesto escritório de meu pai, onde conheci Machado de Assis, José Veríssimo, Patrocínio, Euclides da Cunha, Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Conde de Affonso Celso e quasi todos os fundadores e escritores da época, que mais tarde ingressariam na Academia.

Este ambiente, seria uma razão suficiente para despertar em mim, desde cedo, o desejo de entrar para a Casa de Machado de Assis. Aliás, a Academia já me distinguia por duas vezes, convidando-me a ler da sua tribuna trabalhos de meu pai, impossibilitado de comparecer pessoalmente, em vista de proibição médica. Tive assim ocasião de ler duas conferencias: uma sobre Tavares Bastos — que por sinal é o patrono da cadeira que pleiteio, — e outra sobre Carlos Gomes. Creio que esta honra constituiu uma excepção, e reconheço devê-la em grande parte, ao mérito de meu pai.

— Foi então grande a influência de Rodrigo Otávio na sua formação literária?

— A mais absoluta. O meu convívio com ele, naturalmente fez com que sentisse de perto toda a grandesa do seu espirito e toda a sensibilidade do seu coração. Perdendo-o, não só perdi o pai e o amigo, mas também o mestre e o confessor. Foi para ele que li os meus primeiros versos, ainda aos catorze anos de idade, e desde então acompanhou sempre os meus trabalhos literários e históricos. A medida que o tempo ia passando, crescia a minha admiração pela sua figura extraordinária, de trabalhador incansável. E' justa, pois, a minha gratidão.

O escritor estava visivelmente emocionado ao falar de seu pai. Procuramos mudar de assunto:

— Quais as suas tendências literárias?

— Como é natural, quando moço, fui influenciado pelas tendências literárias da época, principalmente no ambito da poesia, dominada nesse tempo pelo simbolismo.

Esta influencia é claramente notada nos meus primeiros poemas, publicado em 1922. Era evidentemente uma influencia mais livresca do que de sentimento, porquanto os poetas da minha geração se impressionavam mais com os "Canais de Bruges", com as névoas da Escandinavia ou com o asfalto de Paris, do que com a alegria irradiante do nosso sólo. Iam buscar os motivos da sua inspiração fóra da pátria, tão rica em temas inspiradores. A vida, entretanto, chamou-nos à realidade, objetivando o nosso espirito para o que existe de eterno nas letras e nas artes, trazendo enfim o equilíbrio necessário para a produção de algo definitivo e perene.

Rodrigo Otávio Filho não nos falou, entretanto, sobre a literatura moderna. Sua opinião a esse respeito nos interessava.

— Acredita na literatura moderna?

— Toda a literatura é moderna e todas as épocas são de transição. A frase era incisiva e muita coisa estava contida nessas poucas palavras.

O escritor relembra alguns trechos seus a respeito do tempo. Em "Velhos Amigos" encontramos: — "O passado é a revivescência, boa ou má, de tudo que a vida nos deu; e recordar, é a resurreição dos homens e das cousas, das paisagens e dos sentimentos, de tudo que, povoando nossa imaginação, paira em nossa memória, lembrando a beleza ou a tristeza do cenário em que representamos, com maior ou menor êxito, talvez com encantamento, o nosso papel nesta infinita e inexplicável comédia humana.

O presente é a incerteza; é o momento de encontro entre o que passou e o que há de vir, é a linha imaginária entre o que foi e o que será, e não é ainda. Só o passado existe. E por isso, para bem viver a vida de todo o dia, é preciso manter em equilibrio dois momentos que se tocam.

O futuro, porém, é a anciedade, é o desconhecido, é a atração, é o mistério.

O homem que julga saber tudo, quer mais do que saber, quer adivinhar. E muitos são os que conjecturam. Mas a ansia de querer viver no presente buscando o futuro, é a origem do desequilibrio universal".

A LITERATURA MODERNA E SEU PAPEL PREPONDERANTE

— Na sua opinião, a literatura moderna tem tido um papel importante no conjunto do movimento literário brasileiro?

— Acredito que sim. Seu papel tem sido preponderante, pois passado o momento de agitação e desequilibrio inicial, deixou valores definitivos.

— E qual a sua opinião, sobre a Academia, considerada como o núcleo central das letras pátria?

— E' incontestavelmente o mais legítimo núcleo da irradiação cultural literária, porquanto em torno dela sempre se congregaram e naturalmente continuarão a se congrega com objetivos puramente culturais os maiores valores da intelligencia brasileira.

— Acredita que tenha a Academia alcançado seus objetivos?

— Perfeitamente. tenho acompanhado a vida da Academia posso afirmar, que ela tem alcançado os objetivos que deram origem à sua fundação.

— No seu parecer, qual a sua finalidade?

— Ela é o centro irradiador de cultura nacional. Tem por fim procurar incrementar o desenvolvimento sempre crescente daqueles que se dedicam às letras.

A nossa pergunta básica, aquela que deu razão à entrevista estava quasi respondida. Rodrigo Otávio já nos dissera da sua admiração pela Academia, do modo como desde criança se sentira atraído pelo centro representativo de toda vida literária do país. Ainda assim, resolvemos formulá-la. Confirmando as suas declarações disse-nos:

— Sou candidato por natural aspiração. Quem quer que se dedique às letras há de aspirar ao mais alto título: — a immortalidade académica. Para mim, esse assunto, como já disse, tem feição muito especial. Creio e vivo em uma casa em que a Academia era assunto de todas as horas e onde os encontros de académicos eram fatos de todos os dias.

Só agora, porém, me apresento. Razões há que o explicam. Em vida de meu inesquecível Pai, compreensível escrupulo de pai e filho não me deixavam livre para tentar a satisfação desse velho desejo. Achavamos ambos que a apresentação de Rodrigo Otávio poderia ser motivo de constrangimento para seus compaheiros. Verdade é que muitos deles, em várias ocasiões, nos trouxeram o apêlo para que me apresentasse candidato, em uma outra vaga. Fui sempre intransigente. Perdi, porém, meu Pai, e no culto de sua memória, hoje tenho bem vivo em meu espirito o dever de pleitear a cadeira que ocupou. Candidato-me confiante nas credenciais de meu devotamente às letras e à história pátria. Move-me o sentimento de quem procura realizar um velho sonho e empenho-me



Rodrigo Otávio Filho, na biblioteca do seu escritório de advocacia, situado na Avenida Rio Branco, em póse especial para a REVISTA DA SEMANA.

no pleito com a devoção de quem cumpre o dever para com a memória do saudoso Pai. Vagas há e sempre haverá. De Rodrigo Otávio, porém, apenas uma única vez — tenho repetido. Para lembrança dele não apêlo, no pleitear os votos, mas apenas para justificar porque é nesta hora que bato às portas da Ilustre Casa.

Se me couber a honra de me sentar ao lado de tantos valores da vida intelectual brasileira, estou certo de que saberei corresponder, com devotado trabalho, à distinção que merecer daqueles que me elegerem. Comigo concorrem pessoas de justos títulos, mas resta-me a confiança que terei, para ufanar-me, votos de homens ilustres que nesta hora me honram com a sua simpatia.

Rodrigo Otávio Filho, já nos esclarecera sobre o seu modo de pensar e sobre o modo como encara a sua candidatura. Despedimo-nos. Quem sabe se ainda não o iremos entrevistar, já como um dos imortais? As eleições, que se vão realizar brevemente, dirão a última palavra.

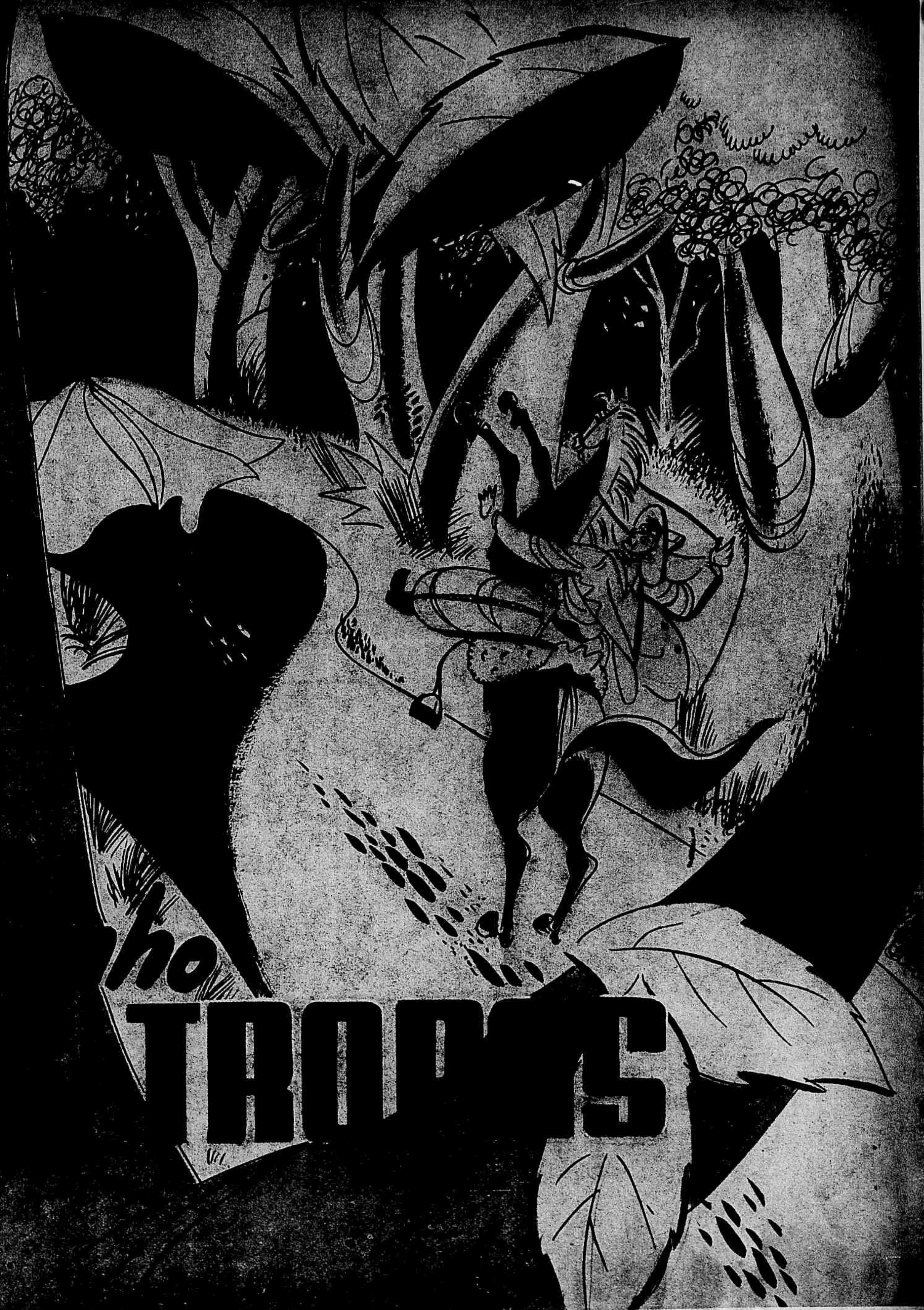
A REVISTA DA SEMANA continua em sua intensa peregrinação aos candidatos das três vagas atuais na Academia Brasileira de Letras. Cabe hoje a vez a Rodrigo Otávio Filho, depois de se terem feito ouvir, anteriormente, Bastos Tigre, Jorge de Lima, Luiz Edmundo, Silvio Julio, J. G. de Araujo Jorge, Tasso da Silveira, Raul Machado, Afonso de Carvalho e Arnaldo Damasceno Vieira. Os demais estão sendo procurados pela nossa reportagem: Porto da Silveira, Roberto Simonsen, Carneiro Leão, Affonso Schmidt, Vinicio da Veiga, Martins da Silveira e Povina Cavalcanti. Avizinhandose o prazo da primeira daquelas eleições, aos mesmos solicitamos a gentileza de atender ao nosso inquérito com a possível presteza.

JOCKEY CLUB MUNDANO

O Jockey Club Brasileiro, pros e-
guindo na temporada oficial do "turf"
de 1944, ofereceu domingo ultimo mais
um belo programa aos frequentadores
do Hipodromo da Gavea.

Para que os nossos leitores tenham
uma idéia do sucesso alcançado pelo
"meeting" turfístico de domingo, aqui
reproduzimos alguns asp'ctos fotográ-
ficos do mesmo.





TIROPOS

(Conto de CARVALHO RAMOS)

O lote derradeiro desemborou num chouto sopitado do fundo da vargem e veio a trouxe moixe enfileirar-se, sob o estalo do relho, na outra aba do rancho, poucas braças adiante da barraca do patrão.

O Joaquim Culatreiro, atravessando sem parar o piraf na facha encarnada da cinta, entre a capanga da garrucha e a niquelaria da franqueira, desatou com presteza as bridas das cabresteiros, foi prendendo às estacas a mulada, e afrouxou os cambitos deitando abaixo arrôchos e ligais, enquanto um camarada serviçal dava a mão de ajuda na descarga dos surrões.

O tropeiro emolhou a cargação fronteira aos fardos do deanteiro, e recolheu depois uma a uma as cangalhas suadas ao alpendre. Abriu após um eouro largo no terreiro, despejou por cima meia quarta de milho, ao tempo que o resto da tropa ruminava em embornaes a ração daquela tarde. O cabra, atentando na lombeira da barrada, tirou dum surranzito de ferramentas, metido nas oruacas da coxinha, o chiure de tutano de boi, e armado duma dedada percorreu todo o lote, curando aqui uma pisadura antiga; ali raspando, com a aspereza dum sabuco o delirio dum inchaço em principio, aparando além com o gume do frême os reberdes das feridas de mau carater.

Só então tornou á roda dos camaradas, ao pé do fogo do c. zinzeiro, no interior do rancho, onde chiava atupida a chocaladeira arrematada do café.

A tarde morria nuns visos de crepusculo pelas bandas da baixada. A mulada remoia nas estacas, e junto ao couro de milho um ou outro animal mais artoeiro e manhoso es-coucava e mordida os demais, no afan do maior quinhão.

Assentados sobre os calcanhares, os primeiros chegados — cujos lotes arroçados coçavam-se impacientes aos varais, — espicaçavam pachorrentamente na concha da

mão o fumo dos cornimbiques, picavam miudo no corte do caxerenguengue as rodinhas finas, esfrangalhando entre os dedos os resíduos, pela grossa de cigarro encarpitada na orelha. O caora aoeiro, apossou-se do cuité fumegante

que lhe estendia o cozinheiro e enquanto deglutia a beberagem, ia comentando com os demais, voz amolengaca, a marcha daquele dia.

— O lamêdo dera-lhe, no vau do Anicuns, um trabalhão; mal do lote, se não fôra o ramo verde da "marmelada" que o deanteiro tivera o cuidado de atravessar no caminho, — a burrada embarafustava logo pelo atoleiro, e ele não estaria àquela hora no pousio; quando lá passou, ia bem fresco ainda o rastro da tropa no desvio; mesmo assim, o macho criculo que vinha adestro, não duvidara em meter-se naquela perdição.

— Bicho nevato, de primeira viagem, observou o deanteiro, que tocava como de direito, o lote mais lizado da tropa.

No gancho da marigueta, espedada sobre o braço, reservava o bôem adubo da feijoadá; um bato grosso, apetecente, de f. se evclava, babando a gula de dois perdigueiros da comitiva, que, assentados sobre as patas trazeiras, estendiam para o borralho o focinho curto, cupidamente...

— Já vai chegando a boquinha da noite, minha gente, avisou o arrieiro saindo da barraca e chegando até o parapeito do rancho; olha o encosto da tropa. Uma peia garantida nesse macho criculo, ó Joaquim, que não dê outro sumiço; olá, mudem o polaco da madrinha, bate soturno esse sincerro.

Guiada pelo chocalho da madrinha levada no cabresto, à mão do deanteiro, a tropa

(Continúa na pág. 40)

Santa Joana

DULCINA

CENA DO 1.º ATO. JOANA (DULCINA), APRESENTADA PELO MORDOMO (MILTON CARNEIRO), DIRIGE-SE AO CAPITÃO PAUDERICOURT (MANUEL PERA) DIZENDO-LHE ESTAR PRONTA PARA DEFENDER A FRANÇA, QUANDO AINDA NINGUEM, E MUITO MENOS O CAPITÃO, PODERIAM DAR CRÉDITO ÀS PALAVRAS DA HUMILDE CAMPONEZA DE DOMREMY.

ENCERROU-SE a curta temporada de alta comedia levada a efeito, sob os auspícios do Ministerio de Educação, no primeiro teatro da cidade. Três fôram as peças encenadas: *Cesar e Cleopatra*, de Bernard Shaw; *Anfitrião 38*, de Giraudoux e *Santa Joana*, também de Shaw. Outras anunciadas, não houve tempo para as apresentar, por que o Municipal estava requisitado para novos compromissos; mas talvez em Outubro Dulcina ali venha a estrear *Bôdas de Sangue*, de Garcia Lorca. Em edições anteriores, oferecemos aos leitores ampla reportagem fotográfica das duas primeiras peças, completando hoje esse serviço com as ilustrações de *Santa Joana*, talvez o maior sucesso da tão curta e já tão saudosa temporada de arte que um punhado de gente brasileira levou a efeito num teatro brasileiro onde, via de régra, só os valôres de fora costumam triunfar...

DA ESQ. PARA A DIR.: BARBA AZUL (RIBEIRO FORTES), LA HIRE (NELSON VAZ), JOANA (DULCINA), DUNOIS (ODILON), DELPHIM (SADI CABRAL) E O ARCEBISPO (JORGE DINIZ). JOANA-VAI PARTIR DEPOIS DE SE DESPEDIR DO DELPHIM A QUEM PROMETEU LUTAR PELA LIBERDADE DA SUA PÁTRIA. ESSA É UMA GRANDE CENA DA PEÇA DE BERNARD SHAW.

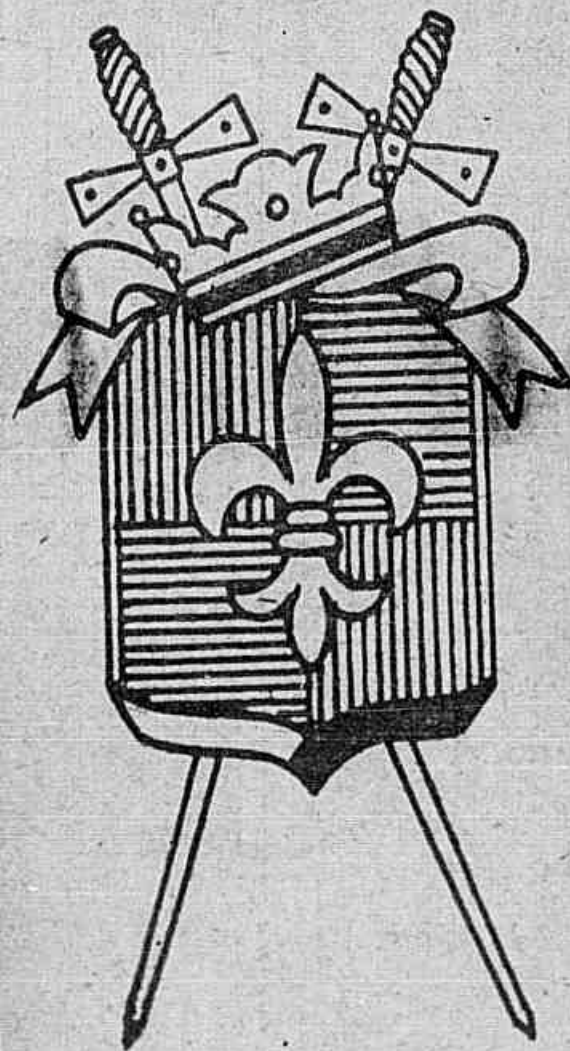




OUTRO MOMENTO CULMINANTE DE "SANTA JOANA", ONDE SE PODE OBSERVAR A GRANDIOSIDADE DA MONTAGEM QUE A PEÇA DE BERNARD SHAW RECEBEU E, AINDA, O GUARDA-ROUPA ESTRITAMENTE A CARÁTER, TUDO CONTRIBUINDO PARA O SUCESSO QUE O RIO CONHECEU.

DE ALMA ABERTA E O ESPÍRITO VOLTADO PARA DEUS, ELA A TUDO E A TODOS ENFRENTA, DESAFIANDO O PODEROSO INIMIGO, GLORIFICANDO-SE A SI PRÓPRIA E À FRANÇA.

JOANA ESTÁ SENDO JULGADA. ELA NÃO PRATICOU OUTRO CRIME SINÃO O DE ENFRENTAR A MORTE PARA SOBREVIVER A FRANÇA. E POR ISSO SEU CORPO SERÁ QUEIMADO...



A GUERRA EM MARCHA

O lema é muito velho. Velho como todas as coisas desse estafado mundo, onde as novidades são apenas aparentemente.

Os Romanos tomaram-no como base para a conquista do seu império realmente prodigioso sob diversos aspectos.

Os alemães usaram-no nessa guerra, numa acepção mais propriamente política do que estratégica. A política representou um papel sumamente importante na tremenda conflagração que presenciamos. Política no mau sentido do termo. É até expressões novas surgiram para traduzir as mais tórpes formas da insidia e da ignominia. O "quinta-colunismo" é um exemplo. Não é uma arma nova, nascida do engenho do século XX. É tão velha como a traição, com a qual se confunde. Nasceu na guerra da Espanha, quando as falanges facistas do caudilhe Franco convergiam sobre Madrid. Eram quatro colunas: uma de alemães, uma de italianos, uma de falangistas espanhóis e a quarta em que havia mouros e elementos da legião estrangeira. Durante três meses Madrid resistiu ao cerco dessas forças, apesar da inferioridade em homens e material dos seus defensores.

Não sabemos quanto tempo eles teriam resistido na defesa da capital espanhola. Mas o pior inimigo estava dentro da cidade. Eram os elementos vendidos aos facistas que minavam a resistência ao ataque das quatro colunas inimigas que cercavam a cidade, eles não puderam resistir à quinta coluna que os atacava pela retaguarda. A expressão "quinta coluna" generalizou-se, sendo hoje em dia aplicada a todas as situações mais ou menos semelhantes. Em todos os países ocupados pelos alemães houve quintas colunas. De há muito vinham elas solapando a resistência das suas pátrias. Os elementos que as formavam eram tanto estrangeiros como nacionais vendidos.

Todas as formas de traição foram empregadas. Desde os métodos psicológicos mais sutis e persuasivos, até aos processos mais brutais de terrorismo. Sob diversas capas e escondendo-se atrás de diferentes denominações, agiam os traidores das pátrias: esses judeus modernos e em ponto grande, que afetavam a atitude de guilardes e orientadores de seus povos.

Um simulacro de nacionalismo procurava acobertar suas

"DIVIDERE ET IMPERARE"

verdadeiras intenções. Tentando adaptar formas de pensamento alienígenas, que não diziam respeito aos países em questão, não se preocupavam mesmo em disfarçar as semelhanças exteriores com os "ismos" europeus, de onde eram copiados.

Esses refodarmores pretendiam dividir a história em dois períodos, assumindo o papel de marco separado: o mundo errado de até então e o mundo perfeito que eles criariam. Isso devia constituir um ideal e todos deviam aceitá-lo. Quando a sugestão não surtia resultado, a violência era empregada, do modo mais revoltante. Nem ao menos se procurava uma adaptação gradativa. Era preciso agir o mais depressa possível, sem olhar para os métodos empregados. O nazismo devia dar a qualquer momento o seu golpe decisivo e o terreno devia estar preparado.

O exemplo de Madrid não parece ter alertado os demais países. As traições sucediam-se numa escala talvez ainda não igualada, na história.

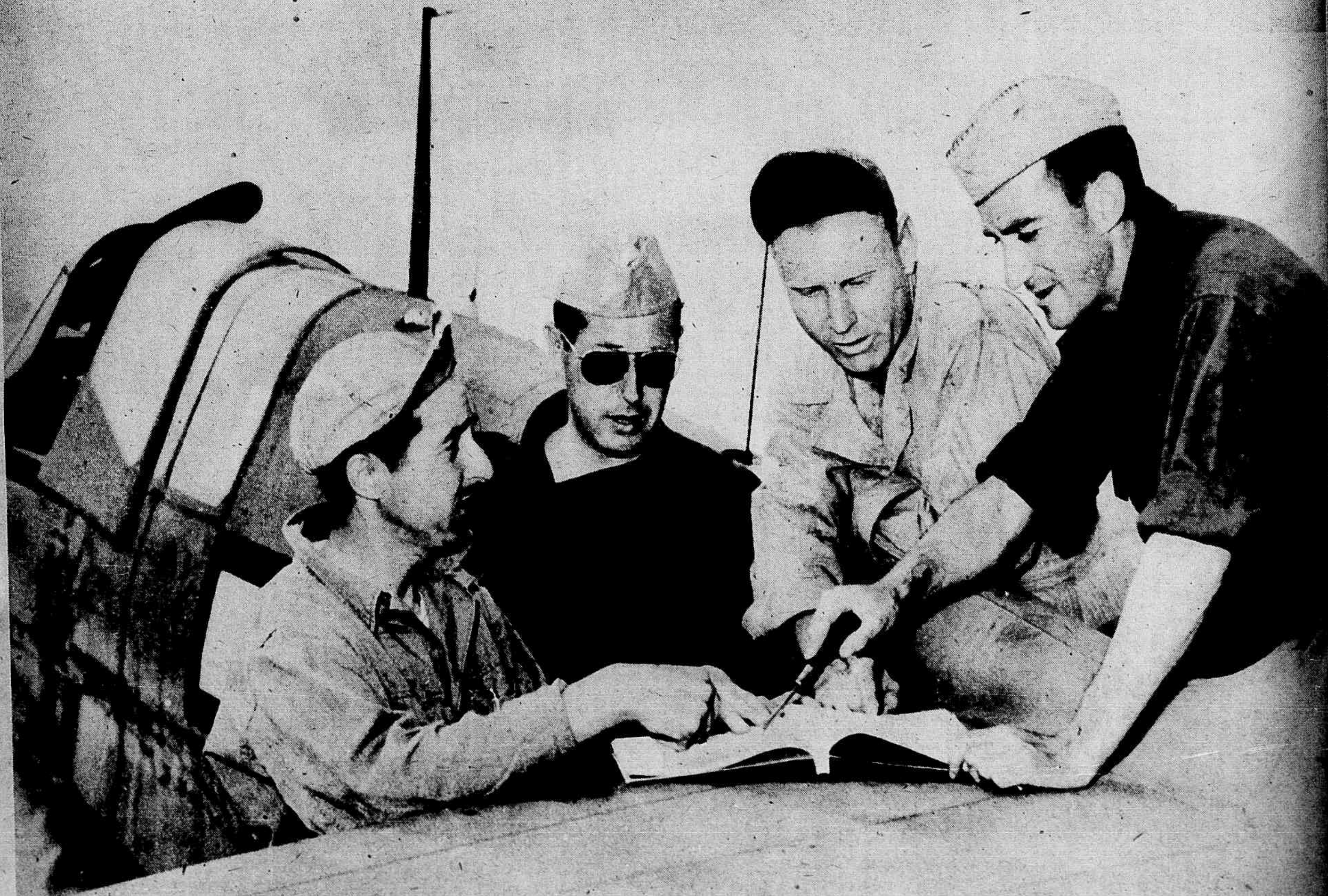
Todos os países da Europa agora sob o jugo nazista, foram vítimas dos "quislings". Este nome tornou-se o símbolo execrado da traição à pátria.

Por toda parte a "quinta-coluna" exerceu sua nefanda tarefa. Muitos "quislings" foram justificados pelos seus compatriotas traidores. Mas, como a erva daninha continuavam brotando.

Todos os esforços deveriam ser empregados para combater a repetição do fato nos países ainda livres. Essas medidas foram tomadas. A contra-espionagem desenvolveu-se rapidamente.

Os nazistas deviam enfrentar a luta em igualdade de condições. Foi o que aconteceu na Rússia. Todos sabemos o resultado. Já agora cresce cada vez mais a convicção da necessidade de combater, não apenas o inimigo exterior, mas também o que se encontra escondido entre nós, procurando solapar o espírito de união dos Aliados. Também neste setor os nazistas foram batidos e suas esperanças devem minguar na mesma proporção das suas conquistas territoriais. G.

PILOTOS DA FAB NOS EE. UU. — NA GRAVURA O SUB OFICIAL OSCAR HERTEL (O SEGUNDO À ESQUERDA) E SEGUNDO SARGENTO MILITINO VIEIRA DE PAIVA (À DIREITA), QUE INTEGRAM UM GRUPO DE PILOTOS BRASILEIROS EM ESTUDO DAS MAIS MODERNA TÉCNICAS DE COMBATES AÉREOS PARA PODEREM PARTICIPAR DOS COMBATES CONTRA OS NAZISTAS, AO LADO DOS DEBATE PILOTOS DAS NAÇÕES UNIDAS. OS DOIS PILOTOS PATRICIOS DISCUTEM COM O SARGENTO GEORGE ROMACHUK E COM O SARGENTO HOWARD PITCHFORD ALGUNS PROBLEMAS TÁTICOS SUGERIDOS DURANTE UMA AULA DE COMBATES AÉREOS.



O AFUNDAMENTO DO "HORNET"

OS JAPONESES ODIAM-NO COM UMA FURIA CEGA, POIS FOI DO SEU BOJO QUE SAIRAM OS AVIÕES PARA BOMBARDEAR TOQUIO

WASHINGTON — ABRIL — "Final, na tarde de um sábado, conseguimos localizá-los"... disse o almirante, olhando pensativamente para a esteira imensa das águas verdes do mar.

Antes do crepúsculo, os rapazes se convenceram de que estava próxima a batalha. Há 30 dias o porta-aviões "Hornet" cruzava o Pacífico Sul, escoltado por unidades de proteção: só tinhamos tido até então duas pequenas escaramuças, e as ordens que trazíamos determinavam que procurássemos e travássemos batalha com a esquadra japonesa, nos mares ao Norte das Ilhas Salomão.

Foi quando, após longo silêncio do rádio, chegou a mensagem dum avião de reconhecimento: "Esquadra à vista, 300 milhas NW da nossa posição, rumo geral: Sul. Compõe-se de 2 ou 3 porta-aviões, quatro encouraçados, dez a doze cruzadores e cerca de 20 destroyers".

O contra-almirante Charles P. Mason leu o despacho às últimas luzes do dia, de pé, pernas abertas na ponte de comando, cerca de dez metros acima do convés de pouso; pensou consigo: "Bem, está chegando a hora, mas ao jovem oficial de transmissões, a seu lado, apenas agradeceu o comunicado e voltou a examinar o oceano.

Podiam ver-se as outras unidades da esquadra: distante sete milhas ou mais, estava o outro porta-aviões,

A história dos últimos momentos do porta-aviões americanos "Hornet", narrado pelo contra-almirante Charles P. Mason a Don Eddy

(Copyright da INTER-AMERICANA)

o "Enterprise"; a boreste, um encouraçado. Em torno deles, navegavam os destroyers e, mais ao longe, os cruzadores. O "Hornet", com os seus 2.500 homens de tripulação, entraria em combate no dia seguinte e ele, Charles Mason, o conduziria à luta. Sentia-se orgulhoso da missão.

A meia náu, na ponte de sinalização, a divisa do comando panejava no lusco fusco e uma fileira de bandeiras coloridas tremulava na adriça; obedientes, os navios mudaram de rumo, para noroeste.

O almirante sorriu, ao ouvir os "hurrahs" calorosos da tripulação; a notícia tinha corrido. Durante a noite

O PORTA-AVIÕES "HORNET" FICOU HISTÓRICO E SUA ATUAÇÃO NESTA GUERRA SERÁ INESQUECÍVEL. POIS DO SEU BOJO SAIRAM OS INTRÉPIDOS PILOTOS AMERICANOS QUE BOMBARDEARAM A CAPITAL JAPONESA. NA GRAVURA, O "HORNET" SENDO ATACADO PELO INIMIGO, PARA SOSSOBRAR POUCO DEPOIS, UMA VEZ CUMPRIDO O SEU GLORIOSO DESTINO.

navegaram à toda força, enquanto aviões de patrulha rondavam, trazendo informações do lado do inimigo.

Na manhã seguinte, estávamos a cerca de cento e cinquenta milhas dos japoneses; um pouco longe ainda, de acordo com os bons princípios de combate para porta-aviões: cem milhas é a distância ideal. Mas estávamos dentro das possibilidades de vôo dos nossos aviões. O navio achava-se em excelentes condições, completamente ajustado e pronto para a luta. Um a um os oficiais apresentaram os seus relatórios da manhã.

Às 8,30 pulsava a vida no "Hornet". Os gigantes-cos elevadores trouxeram os aviões para o convés de pouso; primeiro, os aviões de caça; depois, os bombardeiros de mergulho; finalmente, os aviões torpedeiros. Começaram então, a decolar e a ganhar altura; o almirante Mason, sózinho na ponte de comando, observava-os. Seria, então, incapaz de imaginar que aqueles não voltariam mais...

Não se tinham escoado vinte minutos e chegava o comunicado do comandante da esquadilha; "Grande força aérea inimiga de ataque a cerca de sessenta milhas, dirigindo-se para cá. Aviões de todos os tipos".

Mais uma vez os elevadores se movimentaram; aviões



de caça partiram imediatamente, para interceptar o inimigo.

O almirante ouviu o troar dos canhões dos cruzadores da linha exterior, que abriram fogo. Mandou ao comandante de artilharia ordem pelo telefone: "Abra fogo sobre qualquer alvo que se apresente".

Um instante após, avistavam-se os aviões inimigos, espalhando-se como patos, mas se aproximando sempre.

Os alto-falantes berraram: "Alerta! Ataque aéreo".

Ribombaram os canhões do "Hornet" e o convés vibrou sob os disparos.

As aclamações dos artilheiros misturavam-se ao ruído das peças.

"Os japoneses foram espertos", disse o almirante, com um sorriso amargo: "Não atacaram num bordo, ou de frente; se o tivessem feito, eu poderia fazer voltas e evitá-las. Mas vieram simultaneamente dos quatro cantos e não pude fugir ao ataque, fazendo voltas. Não incomodaram nenhum outro navio: só queriam o "Hornet"..."

Sim, o que os japoneses queriam era liquidar o "Hornet", porque sabiam que dele tinham partido os aviões do general Doolittle, para bombardear Tóquio. Apresentava-se agora a oportunidade para vingarem a afronta.

Concentrando sobre o "Hornet" toda a fúria de que eram capazes, os bombardeiros e torpedeiros picaram, à luz do sol, sobre esse porta-aviões; eram mais de duas dúzias. O relógio marcava, então, 9,25.

Um comandante de destroyers referiu mais tarde ter visto na água 16 torpedos, ao mesmo tempo, todos em direção ao "Hornet".

Sob o crepitar da fuzilaria, envolvido pelo cheiro de fumaça, o almirante, de pé na ponte de comando de boreste, viu um bombardeiro acima dele, a menos de 100 metros, mergulhando na sua direção. Antes que pudesse dar um passo atrás, ouviu-o rugir sobre a sua cabeça e bater mais, adiante. O avião tentara mergulhar na fumaça da chaminé, mas bateu com uma das asas e esborrachou-se na ponte de sinalização, a menos de quinze metros à ré do ponto em que estava o almirante. Carregava três bombas, uma de 200 quilos e duas de 50 quilos, cada uma; por milagre, somente uma das menores explodiu, mas foi o suficiente para destruir a ponte de sinalização, matar 7 sinaleiros e ferir os restantes, destruir todos os aparelhos mecânicos de sinalização, queimar todas as bandeirolas e arremessar pedaços incandescentes do avião no convés de pouso, situado abaixo, onde imediatamente irromperam incêndios.

Voltando para entrar na ponte de navegação, o almirante observou as luzes tremulando frouxamente no leme e no telegrafo, da casa das máquinas. O telefonista, um jovem calmo e frio, como uma pedra de gelo, ouvia atentamente ao telefone. Olhou-o e disse: "Fomos atingidos por dois torpedos, na casa das máquinas dianteira de boreste."

"Comunique-me ao chefe das máquinas", disse o almirante.

O telefonista falou ao microfone, depois ergueu-se, lentamente, dizendo:

"Não responde".

Ao voltar, o almirante deteve-se examinando a inclinação do convés: o navio adernava para boreste, dez ou onze graus.

Olhou mais uma vez para as luzes do leme e do telegrafo: tinham-se extinguido e ele ficou a contemplá-las, por uns momentos, — esperava que se reacendessem.

Outro impacto fez estremecer o navio. Um segundo avião-suicida atirara-se ao porta-aviões, desta vez contra o casco, a bombordo. Com o choque saltaram-lhe as asas, mas a fuselagem foi parar sobre o tanque de gasolina de aviação. Ardia furiosamente, a munição explodindo em foguetes cintilantes; as placas do convés sobre o tanque de gasolina começavam a ficar em brasas, duma tonalidade vermelho-desmaiada.

Recuando para se livrar da fumaça, o almirante olhou para o mar e verificou o que já lhe tinham dito os sentidos: o navio perdia velocidade. Interpelou o timoneiro através da porta: "O navio atende ao leme?"

"Não, senhor", foi a resposta: "o leme está emperrado".



MAS AS REPRESÁLIAS DOS AVIADORES DE TIO SAM TEEM SIDO INTERMINÁVEIS, E OS BARCOS DE HIROITO SÃO TORPEDEADOS FREQUENTEMENTE. AQUI VEMOS UM TRANSPORTE DE MIL E QUINHENTAS TONELADAS, RECEBENDO O IMPACTO DECISIVO DE UM LEBERATOR, EM ÁGUAS DO PACÍFICO.

Subitamente, o almirante percebeu que os canhões haviam cessado fogo. Ouviam-se os gritos da tripulação. Olhou o relógio: Eram 9,34. O ataque durara oito minutos, mas ele já sabia que o "Hornet" estava morto.

Após a explosão do primeiro avião-suicida, na ponte de sinalização, uma procissão estranha saiu dos destroços fumegantes e adiantou-se cambaleando, no passadizo: eram quatro homens, roupas completamente esfarapadas e destruídas pelo fogo, faces deformadas pelas queimaduras, carregando dois camaradas, que depuseram no convés, partindo outros 2 à procura dum médico. O almirante ajoelhou-se por alguns momentos ao lado dos dois feridos; um deles, jovem talvez dos seus dezessete anos, estava ainda consciente. Olhou-o e deve ter reconhecido o seu comandante: os lábios moveram-lhe quase imperceptivelmente e o almirante ouviu-o dizer: "Senhor, portei-me com bravura?"

O almirante sacudiu gravemente a cabeça, confirmando:

"Sim, meu filho, esteja descansado," e sentiu na garganta um nó estranho.

Agora, já uma meia dúzia de incêndios crepitava no convés de pouso. O avião-suicida caído sobre o tanque de gasolina ainda ardia, bem como os remanescentes do outro, em cima, na ponte de sinalização. Uma fumarada acre varria o convés dos hangares, onde todas as peças de metal estavam em brasa. Não havia pressão nos condutos de água.

O comandante da frota de vôo, perdido o contacto com os seus aviões, sinalizava agora a um destroyer para que se aproximasse do "Hornet", com mangueiras de água.

Nesse meio tempo, haviam-se formado turmas de voluntários para combater os focos de incêndio, munidos de balões arranjados não se sabe onde, que eram arriados do lado de fora, depois de içados e conduzidos ao longo da infundável cadeia humana, estendida desde um canto do convés até cada ponto perigoso. E estava tendo sucesso a empresa. Chegado o destroyer, continuaram o serviço com mangueiras e em pouco tempo estava o fogo dominado inteiramente.

Foram transferidos para o destroyer os doentes e feridos e também todo o pessoal desnecessário aos trabalhos atuais de defesa e salvamento. Pelo meio da tarde, haviam sido evacuados cerca de 800 homens, se bem que só 152 deles estivessem feridos. Do princípio ao fim da batalha, somente cento e trinta e um homens, tinham sido mortos, dos quais dois afogados. Restaram a bordo 1.700 homens capazes.

O cruzador "Northampton" recebera ordem de rebocar o "Hornet" e às 2,45 amarrado, num segundo cabo, começou o navio a mover-se; quinze minutos depois dava 4 nós de velocidade e toda a tripulação aclamava a plenos pulmões. Escoou-se uma hora.

As 3 45 começaram a partir sinais dos navios vizinhos; a mensagem era (e mau agouro: aproximavam-se nova força de aviões japoneses. Da ponte de sinalização do "Northampton", uma flâmula pediu permissão para cortar o cabo.

O almirante leu o despacho na ponte de comando, com o vento agitando-lhe os cabelos.

Tudo se passou num instante. Os oficiais a bordo viram o céu negro de aviões inimigos; sentiram o leve açoitado do cabo cortado pelo "Northampton" e o impulso

que recebeu o "Hornet", quando um torpedo cortou a sua esteira, quase raspando nele.

"O ataque da tarde obedeceu aos mesmos moldes do da manhã: vieram em o das, aviões torpedeiros à frente e do mesmo modo investiram por todos os lados."

Assim o descreveu o almirante. O "Hornet" não tinha um só avião de caça no ar. Só dispunha dos canhões de bordo, manejados à mão, porque estava destruída a direção de fogo e municionados também à mão, pois os elevadores de munição não funcionavam mais. Os rapazes que tinham combatido os incêndios a baldes de água passavam agora munição e faziam-no com celeridade; os canhões cuspiam desafios e salpicavam o céu de flocos candentes.

Ao redor do "Hornet", os canhões dos navios da escolta vomitavam fogo sobre os aviões japoneses que se aproximavam. Mas ainda, desta vez, os japoneses nada queriam com eles; só queriam ajustar cortas com o "Hornet". E alcançaram o objetivo.

As 4 horas e 11 minutos, um torpedo atingiu a casa de máquinas da ré, a boreste. O navio balançou-se lançando de joelhos o almirante e outros oficiais, na ponte, e deixando estirados no chão os homens da tripulação, no convés interior.

Três minutos depois, quando os artilheiros recuperaram o equilíbrio, uma esquadrilha de bombardeiros de mergulho irrompeu do lado da pôpa e varreu o navio em todo o comprimento.

A pontaria foi má: só duas bombas o atingiram, uma avante e outra a ré; as demais caíram no mar.

Cessara o ataque. O "Hornet" adernava para boreste, cerca de vinte graus, o que equivale a uma ladeira bastante íngreme; agora, estremecendo lentamente, voltava à posição normal e estabilizou-se a 18 graus.

As explosões dos torpedos tinham destruído toda a possibilidade de navegação com as próprias máquinas: duas das nove caldeiras tinham sofrido danos irreparáveis, pela manhã; uma terceira explodiu, quando tentavam dar-lhe pressão.

O sol se pôs duas horas depois, às 6,30. Os navios da escolta estavam próximo e apanhavam os homens. Então o almirante deu a sua última ordem:

"Abandonem o navio por bombordo."

Foi uma operação rápida, sem atropelos; a certa distância, um destroyer arriava botes de salvamento.

Em menos de uma hora, nas sombras da tarde que morria, a única silhueta que ainda se movia a bordo do "Hornet" era a do almirante, passeando na ponte de comando. Na parte interna, porém, dois oficiais aguardavam as suas ordens: o navegador e o oficial de operações. Sabiam muito bem porque o faziam: supunham que o almirante decidira sepultar-se com o seu porta-aviões, o glorioso "Hornet", e estavam decididos a não deixá-lo executar tal designio.

Quando todos tinham abandonado o navio, o almirante chegou à porta e disse delicadamente:

"Bem, vamo-nos."

Subiu a íngreme ladeira, em que se transformara o convés, até à amurada de bombordo, e disse aos companheiros: "façam o favor, cavalheiros."

Nada mais era preciso dizer e os jovens fizeram-se ao mar.

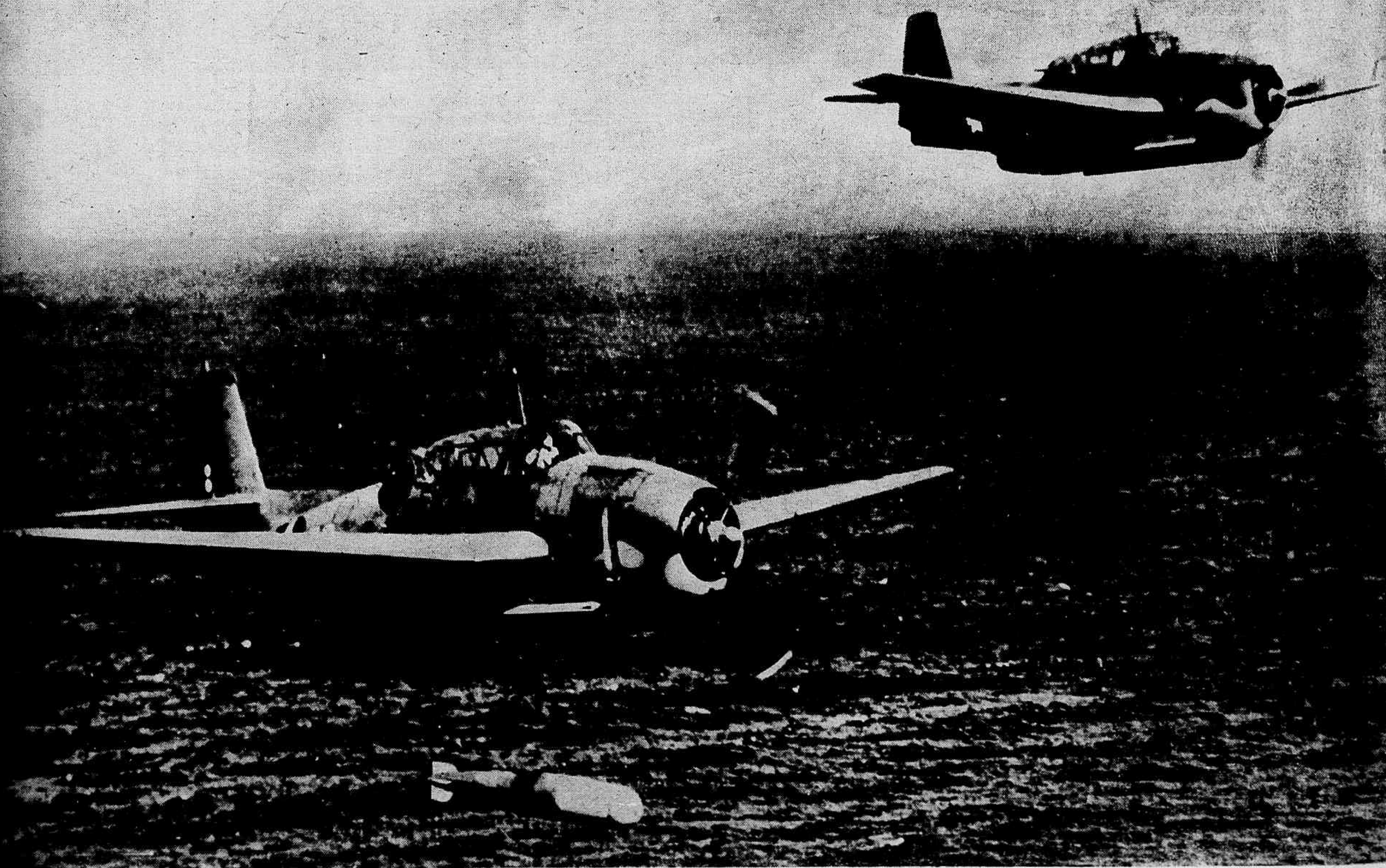
O almirante deixou-se ficar um pouco, contemplando o seu navio, dum extremo ao outro. Depois, seguiu-os.

Algumas horas mais tarde, do convés do destroyer que os recolhera, o almirante Mason deu ordem para abrir fogo contra o "Hornet" pois deviam afundá-lo nessa noite. Foi difícil acabar com ele: torpedos após torpedos rasgavam-lhe o ventre: projeteis de artilharia golpeavam-lhe os flancos. Finalmente, quando saía a lua, por detrás de um amontoado de nuvens, o "Hornet" rodou pesadamente sobre si mesmo, como um lutador exausto, e mergulhou suavemente nas ondas.

ESTES SÃO OS AVIÕES TORPEDEIROS DA MARINHA DOS EE. UU., UTILIZADOS NOS ENCONTROS AÉREOS NAVAIS DO PACÍFICO. VEEM-SE DOIS MODERNOS APARELHOS DESSE TIPO ENTRANDO EM AÇÃO CONTRA UMA FORMAÇÃO INIMIGA. UM DOS AVIÕES JÁ LANÇOU O TORPEDO CONTRA A UNIDADE VISADA.

Mergulhou com o seu dever cumprido. O "Hornet" havia desempenhado um dos mais preponderantes papéis da guerra atual, contribuindo não só como arma eficiente, mas arma psicológica das mais perigosas. Sem o "Hornet", não teria sido possível, tão depressa, mostrar aos nipônicos que se podia bombardear Tóquio, proeza que por si mesma trabalhou para desmoralizar os adversários da grande nação americana. Por muitas semanas e até meses depois desse acontecimento, o mundo ignorou de onde haviam partido os aparelhos que realizaram tão arrojada façanha, e o próprio chefe da nação norte-americana fez *blague* a respeito, em um de seus discursos. Só quando as autoridades navais o julgaram oportuno, foi divulgado o detalhe precioso: As Fortalezas Voadoras haviam levantado vôo do tombadilho do monumental porta-aviões, e fácil foi, desde aí, compreender o odio de morte que os japoneses voltariam ao "Hornet". E' provável que desde então deliberassem, a todo transe, afundá-lo, o que só agora, recentemente, conseguiram. Mas o que os nipônicos talvez não soubessem, é que uma vez cumprido o importante papel guerreiro do "Hornet", outros "porta-aviões" iguais e ainda maiores estavam já construídos e sobre as águas do Pacífico ou onde quer que sejam necessários, para repetir, em escala ainda maior, aquela memorável proeza. Os estaleiros norte-americanos desdobram-se em atividades, noite e dia. Homens e mulheres trabalham, com afinco, na produção sistematizada de grandes barcos de guerra. E o "Hornet", hoje, tem descendentes ainda mais perigosos para o inimigo, "porta-aviões" de monumental importância, cujo trabalho está sendo feito.

Mas o heroísmo dos marujos de Tio Sam não tem limites, e a própria tripulação do "Hornet", uma vez em terra, salva, apresentou-se, às autoridades, exigindo a sua reintegração em outros barcos de igual perigo. Eles sabem que a guerra exige esse sacrifício e honram-se de ter pertencido à guarnição do barco de onde partiram os denodados pilotos cuja vida vale muito menos, para eles, que o simples cumprimento do dever militar.



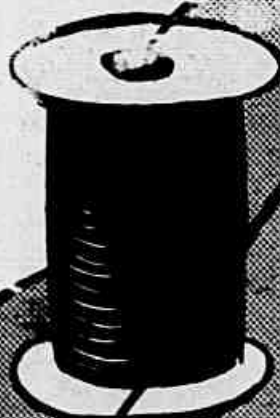
ORLANDO MATTOS

Figurinos DA SEMANA

As pequenas elegantes da cidade não querem saber de guerra nem de racinamento, na hora de bem vestir. Os filmes americanos já estão, quando, a trôco de seis cruzeiros e sessenta centavos, cada um, meia dúzia de modelos de Claudette Colbert ou Betty Grable. As costureiras, é só telefonar. E depois, no fim do mês, papai lá está em casa, para atender à "dívida"... Venham as modas de Paris ou da Broadway, de Londres ou de Hollywood — aqui no Brasil elas sofrem um ligeiro trabalho de "assimilação"... e pronto...

Olhem esses quatro estilos que Orlando Mattos desenhava para vocês — apresentados por Mademoiselle. Não são bonitos?

E se não fosse o perigo de incorrer numa acusação muito séria, diríamos que Mademoiselle, nesta página, era ela mesma, o quinto modelo. Mas desde que as colunas desmoralizaram esse número, é melhor calar...



A guerra inexorável e inexpiável de hoje crucia e enfrange a humanidade inteira privando o mundo de muito precioso, de muito insubstituível, sobretudo na Europa. As capitais desta, as suas cidades, as seus recantos lógicos e bíblicos sem muitas e suas consagradas pelas idéias e de coridões aos esforços de passadas gerações, o antanho substituído por massas de arranha-céus, e tédia fatal consequência da uniformidade, mesmo arquitetônica. O olhar pode variar de.

Quem viu Paris antes de 1914 soube-o dividido em Velho e Novo Paris. O *Vieux Paris* merecia proteção oficial, também o interesse de gente civil. Reuniam-se em sociedades como a dos *Amis des Monuments Parisiens*; mantinha imprensa especial, a do *L'ami des Monuments et des Arts*.

Para andar através do *Vieux Paris*, e compreendê-lo bem, recorria-se a guias práticas, qual o do marquês de Rochegude. Livro de muitas edições, eram elas comprativas de aceitação pública e de turistas. Estes de certo não deixam suas terras para vêrem nas alheias o que estão farto de ver nas próprias.

A Biblioteca Nacional de Paris registra obras relativas ao passado da cidade, obras de erudição e tomo úteis a turistas ou simples curiosos. Uns e outros desejam guias que, com brevidade, os informem e levem de passos seguros aos detalhes de qualquer cidade onde o passado ainda se mantenha mostrando berço de história. Em cada canto de rua, dizia Goethe, pôde desenrolar-se um fragmento de história.

Compreendendo-o, o marquês de Rochegude e Charles Fegdal indicaram a compatriotas e a turistas os fragmentos de história nas vias públicas de Paris. Igualmente os representavam muitas de suas casas, de suas ruas, algumas de nomes preciosos, exemplos o da rua da Perola ou o da rua Azul, antes do Inferno. A razão da mudança de *rue d'Enfer* para *rue Bleue*? O fato de ter morado na rua a condessa de Buffon, rã do naturalista, e celebrada em Paris por lindos olhos azuis.

Para melhor satisfação de curiosidade algumas casas do *Vieux Paris* ostentavam nas fachadas lapides ou placas com inscrições explicativas destinadas a quem fosse além de lê e escrever.

No n.º 97 da rua Chénier, canto da rua Méry, uma placa lembrava a moradia de André Chénier, cujos versos tanto rediziam em francês a poesia da Grécia Antiga. Na rua Richelieu uma placa na casa numero 40 indicava que ali morrera Molière. Outra placa, em outra rua, em outra casa lembrava ter sido ali feita por Molière primeira leitura de *O Tartufo*, cópia fiel de tanto natural humano.

Pela história das ruas do *Vieux Paris* era possível evocar de relance numerosas figuras e numerosos sucessos da História de França. Os fragmentos históricos das vias públicas parisienses, às quais se aplicava o dito de Goethe, contribuíam sobremaneira para o conhecimento total da história de povo que por séculos alumina o mundo.

A Grande como a Pequena História de França eram recordadas por muitas casas do *Vieux Paris*. Dizemos eram por ser mais prudente, se mais triste, o emprego agora de eram em vez de são.

A casa n.º 31 da rua Saint-Honoré, bela residência por signal, Napoleão dera-a ao marechal Suchet, pondo-a de presente na cornelha nupcial do companheiro de armas. Outro imóvel do *Vieux Paris* constituía a sorte grande de loteria do tempo da Revolução. Falta revigoral-a.

A segunda capital do Brasil, a carioca depois da bahiana, já teve intato o seu Velho Rio de Janeiro, esboçado aos poucos à pressão de remodelações urbanas. Um livro de paciente e probo pesquisa poderia reconstituir o *Velho Rio de Janeiro* como Julio de Castilho



Um aspecto do Velho Rio. Interior da igreja de S. Sebastião no morro do Castelo. — Foto Malla.

reconstituir a Velha Lisboa por seu turno sujeita a radicais transformações topográficas.

Do Velho Rio de Janeiro traremos apenas a memória alguns aspectos, nos de suas vias públicas, muitas traçadas no período colonial.

Rua do Ouvidor

N.º 64. — Residência do primeiro ouvidor do Rio de Janeiro, Francisco Berquó da Silveira em 1780. Na casa por muitos anos a loja do *Grão Turco*, de perfumarias, objetos de fantasia e de arte. Até demolição os fundos do prédio conservavam o aspecto de residência tipicamente colonial.

Largo da Misericórdia

Freteira à igreja da Irmandade num prédio de vulto, doado à Misericórdia por um antigo exposto. Ocupado o prédio pela Casa dos Expostos, depois residência do dr. Manuel Villalva Pimentel, barão de Petropolis, mais tarde Biblioteca da Faculdade de Medicina. O prédio trazia na fachada o arco de sua construção — 1822. Demolido na celebração do Centenário da Independência em 1922.

Praça da Constituição ora Tiradentes

N.º 73 antigo Residência do senador José Martiana de Alencar. No 2.º andar da casa, José de Alencar começou a escrever *O Guarany*.

N.º 66 antigo — Tipografia de Francisco de Paula Brito, o editor de *As Primaveras* de Casimiro de Abreu. Ponto de reunião de literatos da época e sede da *Petalógica*, sociedade dispensando estatutos, formada pelos literatos e frequentadores da tipografia.

Rua do Conde, ora Visconde do Rio Branco

N.º 55 antigo. — Residência do senador Alencar. Um dos locais de reunião dos partidários do movimento triunfante da Monarquia.

Ao mudarem o nome da rua do Conde para o de Visconde do Rio Branco escreveu José de Alencar: "Há je com a marinha das chrimas rua Visconde do Rio Branco" N.º 51 antigo — Residência de Rio Branco, quando presidente do conselho do ministério emancipador de 7 de Março de 1871, o estadista a disputar na Câmara dos Deputados a passagem do projeto da lei do Ventre Livre.

"Dessas lutas parlamentares voltava às vezes — disse Taunay — prostrado e vencido de cansaço. Então vestido como estava — uma feita de farda de gala e coberto de condecorações — atirava-se num leito volante e ali ficava, com os olhos fechados, como que a dormir.

N.º 14, antigo. Residência do padre Feijó quando regente do Império. Casa de esquina com a antiga rua de Santa Tereza no período colonial, do Regente em 1836 e era Tobias Barreto. No prédio teve sede a Secretaria de Polícia.

Rua do Lavradio

N.º 53 B antigo, defronte da rua da Relação. Residência do marquês de Olinas, tendo por vizinho Eusebio de Queiroz.

Rua do Areal, ora Moncorvo Filho.

N.º 27 antigo — Residência de Bernardo de Vasconcellos, falecido em 1850.

N.º 25 — Residência do brigadeiro Francisco de Lima e Silva, pai de Caxias.

Rua da Saúde

N.º 104 — Residência do almirante Joaquim José Ignacio, visconde Inhauma.

Rua do Berquó, ora General Polidoro

N.º 14 D — No prédio habitou e morreu o tenente-general Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão, visconde de Santa Tereza.

A rua do Berquó mudou de nome em 1870, em memória dos serviços de Polidoro no Paraguai. Nas cercanias pouco depois a rua Nova de São Joaquim passava a ser nos Voluntários da Pátria, tal desde 1871.

Não constituíam hábito de outrora mudanças frequentes de residência ou de andar com a casa às costas, na inveja de caramujo. A longa permanência nas habitações de aluguel a definitiva por compra sobretudo de prédios que tinham grandes chачaras onde jardim, pomar e horta, cada qual, das divisões de natureza e fins diversas.

Mesmo no centro urbano havia casas de fundo para jardim de proporções regulares. O tenente-general João Crisostomo Cillado possuía prédio naquelas condições na rua Larga de São Joaquim n.º 199, frnteiro ao atual edifício da Light. Ao jardim da casa não faltavam tanque e repuxo, nem os bancos de pedra ornados de conchas, tudo tornando o local de repouso.

O mesmo acontecia a duas casas da rua de Matacavalos, em 1871 do Riochuelo, casas de residência dos viscondes do Uruguay e de Abaeté, este até se transferir para a rua D. Luiza, ora Candido Mendes.

A casa e chачara de Zecarias eram situadas na rua Nova do Conde, hoje Frei Caneca, nas vias largas das penitenciarías da Detenção e da Carranca. Da casa e chачara de Zecarias deu notícia literária Machado de Assis.

A casa de Caxias no Andaraí Pequeno 10, caminho da Tijuca pela atual rua Conde de Bonfim, avultava, no Rio Comprido, quase na esquina da atual rua Aristides Lobo, avultando a residência do visconde de Jiquinhonha, o Montezuma de tradições sarcásticas.

Brando ou energico conforme as ocasiões, Bm Retiro foi um dos primeiros habitantes dos suburbios na chачara chamada do Dutton, nome de seu primeiro dono.

Abrantes aristocratizou residência no Caminho Novo de Botafogo, ora rua Marquês de Abrantes, trazendo a sociedade elegante do tempo a ornados salões e bailes de estremo.

Proximo de Abrantes morou Paraná, o homem que tanto sabia ter espinhos para os adversários como desvelos, mesmo de longe, para as flôres de sua chачara mandando para ela mudas de plantas quando ausente.

Tudo lembranças. Mas lembranças saindo da memória, lentas ou precipites, um nada imitam rosas fenecentes num vaso ao derreder do qual vão deixando e ir petalas, primeiro uma a uma, depois em chuva ao menor toque de brisa ou de mão.

REVIVESCER CARIOCA

ESCRAGNOLLE DORIA



NIJINSKY

NA LUCIDEZ EXTINTA DO MAIOR
DANSARINO DO MUNDO,
BRILHOU, POR UM MINUTO, A
MILAGROSA CHAMA DA RAZÃO...

A LUNO DA ESCOLA IMPERIAL DE MOSCOW, idó da Rússia para dansar no ballet russo de Diaghilew, Vaslar Nijinsky foi, antes da primeira grande guerra, o maior bailarino do mundo. Até hoje ninguém o igualou. Mas em 1919, quando dansava num espetáculo de gala, êis que êle perde a razão... E ha quasi um quarto de século está numa casa de saúde. Onde? Ao certo, ninguém o pode dizer agora, com a guerra... Sua esposa, Romola Nijinsky, que foi tambem sua *partenaire*, vela ternamente para que seja respeitada a calma necessária ao seu estabelecimento. Todos seus esforços, entretanto, as conferencias sobre a dansa que fêz por vario países, o livro que escreveu e que tão grande sucesso marcou tambem aqui no Brasil, não chegam para custear as despesas do tratamento. Um dia, os médicos aconselharam, afim de reeducar Nijinsky, que se procurasse coloca-lo em contacto com suas antigas atividades.

Foi Serge Lifar quem procurou atingir esse duplo fim, pouco antes do deflagrar da nova guerra. E certa tarde melancolica, no Pavilhão Marsan, em Paris, Lifar organizou um espetáculo cuja renda foi entregue, intacta, a mme. Nijinsky.

Missão ainda mais comovente quiz tentar o bailarino tão amigo e admirador do enfermo, a de despertar na razão extinta do desditoso Nijinsky, essa chama que foi o gênio, a personalidade do artista, não com a esperança de rasgar completamente o véu que lhe obscurece o cérebro, mas com o desejo de acalmá-lo, de ajudar os médi os a lhe devolverem um equilibrio, um instinto vital, para da-lhe o repouso e diminui-lhe a inquietude.

Essa reportagem é a que hoje reproduzimos nas páginas seguintes, feita com o proposito daqueles a quem outrora o bailarino, com a sua arte, tanto enlevava, soubessem que Nijinsky sofre. E sofre muito. E'ra preciso que o vissem como está atualmente, ou como estava antes desta guerra, debatendo-se contra o demonio invisivel.

E foi com os olhos cheios de lágrimas e a garganta apertada por uma angustia invencivel, diante do seu amigo e mestre, que Serge Lifar dansou. O demente o seguia em seus menores movimentos. Olhava-o abstrato a principio, mais curioso em seguida... Estaria repontando-lhe no espírito o dom da memoria? Depois, pouco a pouco, esses olhares se foram tornando mais vivos... Sua mão seguia o ritmo... Levantou-se, enfim. E de repente, possuido de novo por uma força irresistivel, pelo genio adormecido que habita sua alma ha tanto tempo, Nijinsky, por um segundo — oh, apenas por um segundo! — dansou tambem... Saltou, reencontrou esse elan prodigioso que, outrora, no *Spectre de la rose*, tornava sobreumano. Foi um segundo, apenas. E parou, mais calmo, um sorriso nos lábios. De novo a chama se extinguiu. — Mas todos que o assistiam, tiveram a impressão de que, por um instante, Nijinsky fôra feliz.

Lifar, a custo, retinha as lágrimas... E Romola Nijinsky abençoava Lifar...



No momento exato em que o Rio se movimenta para assistir a uma nova temporada de ballet, onde talvez o *Spectre de la Rose*, seja dansado tambem, a evocação desta reportagem, feita por Jean Manzon, em Paris, ha mais de quatro anos, parece-nos oportunissima.

SERGE LIFAR COMEÇA A EVOCACÃO AOS OLHOS INEXPRESSIVOS DE NIJINSKY. PRIMEIRO RUDIMENTO DE LEMBRANÇA: "LES POINTES". ESTARÁ ELE RECORDANDO-SE DE ALGUMA COISA? PARECE QUE NÃO... POR QUE SALTARÁ TANTO AQUELE HOMEM?!



EM 1910, UM BAILARINO ENTÃO DESCONHECIDO ENTROU EM CENA, FAZENDO PELA PRIMEIRA VEZ UM SALTO PRODIGIOSO DE OITO MÉTROS. ERA VASLAR NIJINSKY, O CREADOR DO "SPECTRE DE LA ROSE". E CONSAGROU-SE DESDE LOGO. O MUNDO DESLUMBRABA-SE COM A SUA ARTE. PAVLOVA O APLAUDIA...



ESTE É UM PRECIOSO DOCUMENTO FOTOGRÁFICO FEITO EM BERNA. VASLAR NIJINSKY, O DO CENTRO, NÃO FAZ LEMBRAR MUITO O BAILARINO DE OUTRORA... ELE ESTÁ ENTRE A ESPOSA, ROMOLA NIJINSKY, QUE NÃO O ABANDONA, E SERGIO LIFAR, QUE DURANTE VINTE ANOS O ACOMPANHOU COM TODA A DEVOÇÃO, ESPERANDO QUE A MEMÓRIA DO ARTISTA SEJA, ENFIM, RECUPERADA.

POR UM INSTANTE, NIJINSKY PERDE O FÔLEG? IRÁ CAIR? ESTARÁ INUTILIZADO PARA A DANSA? SERGE LIFAR INTERROMPE O QUE ESTÁ DANSAANDO E APRESTA-SE PARA SOCORRE-LO. MAS, INSTANTES APOS, NIJINSKY PARECE ESTAR JÁ REFEITO.

E AGORA, FASCINADO, EXAMINA OS TENDÕES DE SERGE LIFAR. MISTÉRIOS IMPENETRÁVEIS OS QUE NOS RÉGEM NESTE MUNDO! NIJINSKY NÃO COMPREENDE NADA... NÃO SABE QUE ELE FOI UM BAILARINO MUITO FAMOSO, MAIS FAMOSO QUE O SEU COMPANHEIRO...





AGORA, PARECE QUE O JOGO DOS MUSCULOS DE LIFAR ESTÁ FASCINANDO NIJINSKY. É "LE SPECTRE DE LA ROSE" QUE ELE VE DANSAR. MAS QUEM PODE DIZER QUE ESSE HOMEM QUASI CALVO, DE FISIONOMIA EXTRANHA, SEJA O NOTÁVEL VASLAR NIJINSKY!



ESPEREM... AGORA NIJINSKY LEVANTA-SE DA SUA CADEIRA... PARECE RECUPERAR SEUS ANTIGOS MOVIMENTOS. IRÁ, ENFIM, REGISTRAR-SE O MILAGRE? LIFAR, ANCIOSO, CONTINUA BAILANDO, BAILANDO SEMPRE, À ESPERA DE ALGUMA COISA SUBLIME!



Nijinsky na opinião de Paul Claudel

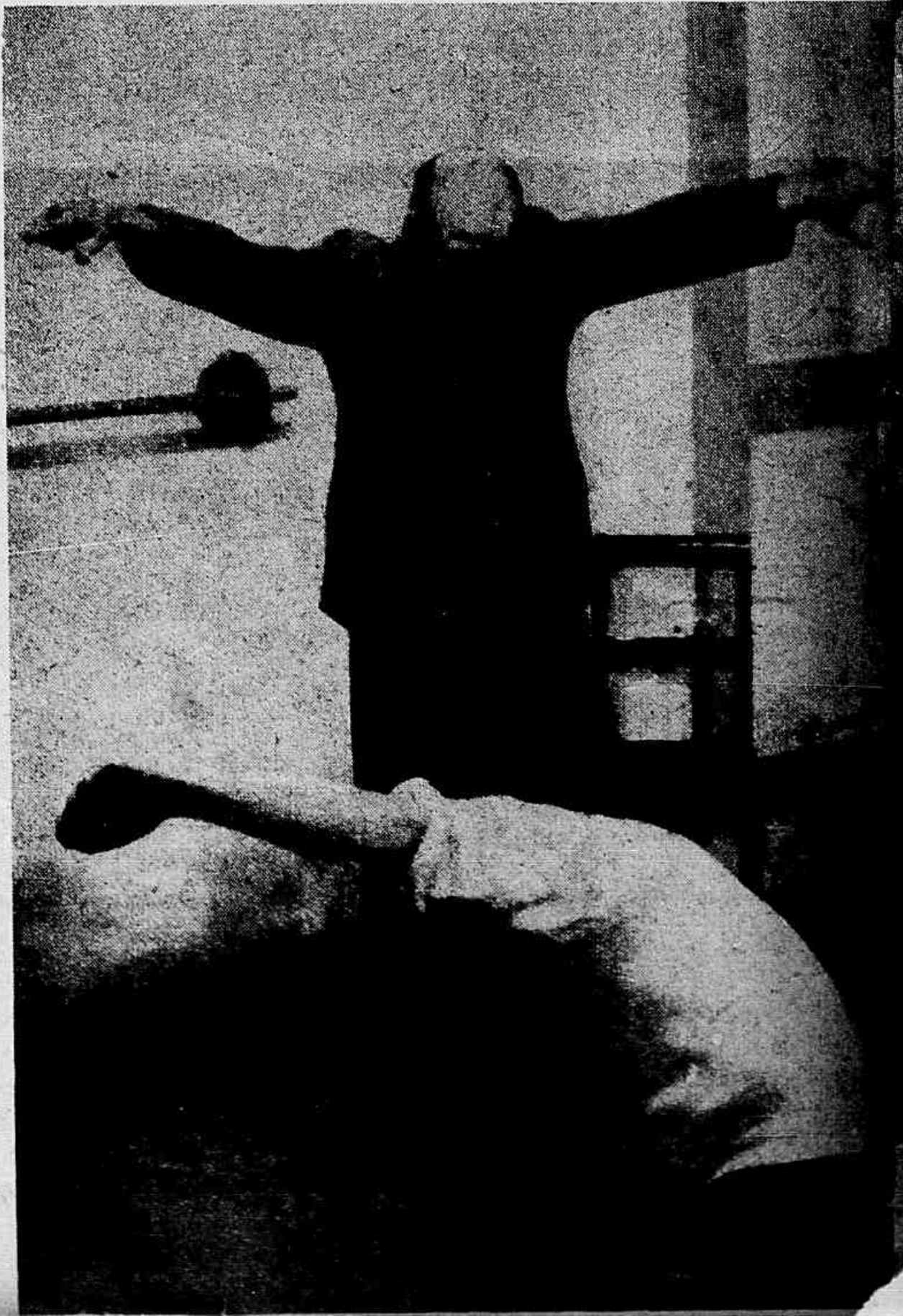
NIJINSKY trazia algo de diferente. Os pés, enfim, abandonavam a terra. Trazia o surto, isto é a vitória da respiração sobre o peso. Como o cantor ou o ator nada mais fazem do que ampliar pelo movimento dos braços a ascensão do peito levantado, que se enche de ar, assim a inspiração do dansarino e o impulso da nossa sofreguidão pela vida são bastante fortes para destaca-lo do sólo — mero trampolim que calca ti-

unfalmente aos pés. E' a posse do corpo pelo espírito, o emprego do animal pela alma. Ainda, e ainda, e de novo, e mais uma vez, alça-te ó grande passaro ao encontro de uma sublime derrocada. Ele torna a cair com a majestade de um rei e desce e outra vez toma impulso como a águia ou a flexa desferida pelo próprio arco. A alma, por um segundo, conduz o corpo, este envoltório tornou-se flama e a matéria fez-se arroubo e grita. Corta a cena como um relâmpago e mal se foi já retorna como o raio. L' grande creatura humana no estado lírico. Intervem como um deus no meio da nossa uansa selvagem. Remoela as nossas paixões na tela da eternidade; retoma

E A DANSA RECOMEÇA. LIFAR ASSUME NOVAS POSES. NIJINSKY ACOMPANHA-LHE OS MOVIMENTOS... SUA FISIONOMIA TRANSFIGURA-SE... AGORA ELE SORRI... CURVA-SE... QUE PENSAMENTOS EXTRANHOS LHE ESTARÃO PASSANDO PELO ESPÍRITO?



E LIFAR, ESPERANDO, BAILA AINDA... BAILA SEMPRE... SUBITAMENTE, NIJINSKY PARECE QUERER RETOMAR SEU ELAN. PÕE-SE NA ATITUDE DE QUEM VAI TAMBÉM DANSAR. ABRE OS BRAÇOS. ESTARÁ, ENFIM, RECORDANDO MAIS ALGUMA COISA?





MILAGRE! MILAGRE! PELA PRIMEIRA VEZ, DEPOIS DE VINTE ANOS, A DANSA VOLTOU A POSSUIR NIJINSKY... ELE SE ELEVA NO ESPAÇO... ELE É SURPREENDIDO PELA "CAMERA" NESTA ATITUDE MAGNIFICA... MAS LOGO VOLTA AO SOLO E NÃO REPETE A PROeza. TERIA SIDO TUDO, APENAS, UM ÁTOMO DE MILAGRE, APENAS... UM QUASI NADA QUE PODERIA SER TUDO... E LIFAR DESISTE. ROMOLA NIJINSKY ENTRIESTECE DE NOVO. NIJINSKY, O SUBLIME, CONTINUARÁ DE MEMORIA PERDIDA, OPACA, OS NERVOS LASSOS, SEM VIBRAÇÃO, SEM EXTASE...

cada um dos nossos movimentos mais profanos, como Virgílio faz com os nossos vocabulos e as nossas imagens e os transpõe para o mundo bemaventurado da intelligencia, do poderio e do eter. Mesmo com em *Schéhérazade*, quando o negro retraído por um instante á maneira de uma mola, percorre ou antes mede, desenha e creia com as dez teclas eletricas na ponta dos braços, que não são mais braços, mas ao mesmo tempo labios, uma lingua sequiosa e o espirito, um corpo ideal á volta do corpo real d' Linda

mulher que apenas se entremostra, este gesto, que poderia ser lubrico, toma uma grandeza e dignidade inoziveis.

E aquelle *Après-midi d'un Jaune*? Que beleza. Que alegria. A cena se passava para mim naquelle varanda abandonada, no meio da floresta virgem, tão conhecida do meu amigo Milhaud, perto de uma cascatinha, cujas águas marulhavam sobre pedras limosas, e a lua fulgarante entre as folhas como os cimbais em todos os claros da orquestra...

Por que a milionária roubava joias? A principio parecia ser cleptomania, porem mais tarde...

OS ROUBOS DA MILIONARIA

O TRISTE CASO DE MME DICKINSON

Nick Carter recebeu, naquela tarde, três visitantes. Um deles era um velho gordo, que se fazia acompanhar de um velho magro; um rapaz, que não era nem gordo nem magro, completava o grupo.

O primeiro era sr. Ferris, o segundo sr. Steele, e o terceiro era Richard Steele, sobrinho deste.

Coube ao sr. Ferris entrar no assunto, depois do silêncio constrangedor que se seguiu aos cumprimentos.

— Nós, negociantes, somos homens de poucas palavras, sr. Carter. O senhor deve saber disso.

Nick assentiu.

— O senhor nos conhece, sem dúvida. Pelo menos já deve ter ouvido falar de Ferris e Steele. Eu sou Ferris, este aqui é Steele. Somos sócios; possuímos uma joalheria muito conhecida. O sr. Richard Steele, sobrinho do meu sócio, é o nosso caixa.

Nick respondeu que efetivamente conhecia, de nome, a firma que fornecia joias à aristocracia e que mantinha uma tradição de luxo e probidade universalmente reconhecida, coisa rara, porquanto não é fácil encontrar um joalheiro rico e honesto.

— Conhece, também, o sr. George Dickinson, não é verdade? — prosseguiu Ferris.

— O antiquário?

— Esse mesmo. Aliás, antiquário por prazer, simplesmente. E' milionário. Faz negócios só para se divertir.

— Já ouvi falar nele.

— Mais uma pergunta; conhece a esposa dele?

— Tenho idéias de ter ouvido falar dela, também. E' muito mais moça do que ele, não é verdade?

— Exatamente. Dickinson tem mais de sessenta anos; ela não deve passar dos vinte e cinco. E é linda. Tipo espanholada, tez clara e olhos negros.

— Vi um retrato dela, numa revista. Não há dúvida que é linda.

— Bem. Mais uma coisa. Aliás, muito importante. Madame Dickinson é uma senhora muito distinta. Faço questão de afirmar isso, por motivos que o senhor compreenderá daqui a pouco.

— De que se trata, afinal?

— De roubo. De roubo muito inábil, evidentemente cometido por pessoa que não tem o hábito dessas coisas.

— E essa pessoa...

— E' Mme. Dickinson. E' quase impossível acreditar que uma senhora tão amá-

vel, tão distinta como ela seja cleptomaniaca. Pois é a pura verdade. Há vários meses ela vem nos roubando sistematicamente. O senhor acredita que ela seja capaz disso?

Nick levantou as sobrancelhas, com ar cético.

— Acredito em tudo, meu amigo, desde que haja provas para confirmar a acusação.

— Não há a menor dúvida. Steele e eu já a vimos roubar. Isso com os nossos próprios olhos.

— Por que permitiram que ela os roubasse dessa maneira. Por que não a obrigaram a devolver o que tirara?

— Talvez não tivéssemos agido bem, talvez fôsse imprudente o nosso procedimento, mas para justificá-lo é preciso remontar ao mês de Junho, quando ela se casou.

Pouco tempo depois de casada, ela apareceu, um dia, na loja e se apresentou. Foi comigo que falou. Conhecia Dickinson. Há muitos anos trabalhamos juntos. Não perco oportunidade de indicar a ele um bom negócio e ele retribui da mesma forma. Como as nossas especialidades são diferentes, porque eu lido com joias em geral, e ele se interessa unicamente por bibelots e joias antigas, curiosidades, enfim sempre nos demos muito bem. Fizemos negócios proveitosos para ambos.

Fiquei muito satisfeito com a visita de madame Dickinson. Era uma freguesa que, mesmo antes de comprar alguma coisa, já tinha garantido o acolhimento cordial que reservávamos para ela, na qualidade de esposa do nosso amigo.

Mostrei-lhe o nosso estoque e ela perguntou o preço de várias joias, porém nada comprou.

No dia seguinte voltou. E então fez uma compra. Quanto foi, exatamente, que gastou?

O jovem Steele consultou um caderninho.

— A primeira compra foi paga com um cheque na importância de mil e oitocentos e cinquenta dólares.

— Ela pagou com cheque? — interrompeu Nick.

— Exatamente.

— Cheque dela mesma?

— Não. Cheque do marido.

— Muito bem. Esse ponto interessa-me. Diga-me, por favor: não houve nenhuma dúvida quanto ao pagamento do cheque?

— Absolutamente nenhuma, sr. Carter. Uma coisa é preciso ficar assentada de uma vez por todas: não estamos tratando

(Continua na página 41)

(Novela de Nick Carter, traduzida especialmente para a Revista da Semana).



A senhora Salgado Filho, que na L. B. A. superintende todo o serviço de costura de guerra, criou, em vários bairros da cidade, postos para voluntárias. Seria esquecer a verdade dizermos que o nobre gesto de tamanha significação teve a esperada correspondência entre nós; nem mesmo apêlo da Sra. Darcy Vargas, conseguiu despertar na nossa mulher a compreensão e consciência da realidade trágica da hora que passa; generosa e altruista, ela ainda não se convenceu de que o Brasil está envolvido de corpo e alma no drama tremendo que sacode o mundo e devasta o genero humano. Há fome e frio sobre a terra, e é mandamento cristão dar de comer aos famintos e vestir os nus. A propaganda e o entusiasmo dos primeiros momentos congestionou o serviço de alistamento na L. B. A. mas, quando pouco a pouco se foi cefinando o dever de cada uma, de dar uma determinada quota de sacrificio, a grande maioria debandou; ficaram firmes, porem, as que tinham fibra de lutadoras e amor ao Brasil acima de suas comodidades pessoais. Entre essas, está o grupo de voluntárias costureiras, moças e senhoras esforçadas e oigas de louvor no Posto da rua Uruguaiana, onde um grupo de boas brasileiras não esmoreceu nunca e vai transpondo impávido todas os sacrificios para dar ao soldado do Brasil, roupa, e com ela, conforto e, sobretudo, higiene, tão necessária na guerra e provavelmente um dos maiores fatores de vitória. E' chefe desse posto, modelar e digno de nota a snra. ANTONIO TORRES, incansavel no auxilio que presta, e sua assistente a snra. MARIANA BERGAMINI que ensina e ajuda sem faltar nunca ao horário cotidiano de 24 horas de serviço, de segunda a sexta-feira.

E' notável e digna de destaque a assiduidade das voluntárias que ali trabalham, sendo esse o unico posto que mantém sempre a mesma frequência desde sua fundação. Toda costura de guerra, pijamas, aventais para médicos e enfermeiras, é remetida ao Centro da L. B. A., á snra Salgado Filho. As diligentes voluntárias desse posto são: Maria Tomás — Declecia de Aragão — Antonia Nogueira — Perpetua de Freitas — Maria G. Batista — Carolina de Castro — Oscarina Moatrel — Julieta Araujo — Rosa P. Teixeira — Ana de Jesus — Dulce Carneiro — Honorina Figueiredo — Matilde de Souza — Genesja Alves — Francisca M. Rodrigues. Antonia Fernandez — Maria Feitosa — Maria Fernanda Lima — Carmen Lima Affalo — Marieta de Lucas — Nícia Borges de Abreu — Constança Bruce e Ligia Carlo, que não podendo comparecer faz em casa TRICOT para o soldado brasileiro.

Fica assim consignado esse grupo exemplar de brasileiras que, nesta hora dolorosa, não esqueceu o que deve ao generoso torrão onde nasceu e, mesmo com sacrificio, tem sempre acêsa na alma a flama de um civismo util e bem orientado.



Em plena atividade (trabalhando).



Grupo de voluntarias costureiras, vendo-se as senhoras Antonio Torres chefe de Posto e senhora Mariana Bergamini diretora assistente.

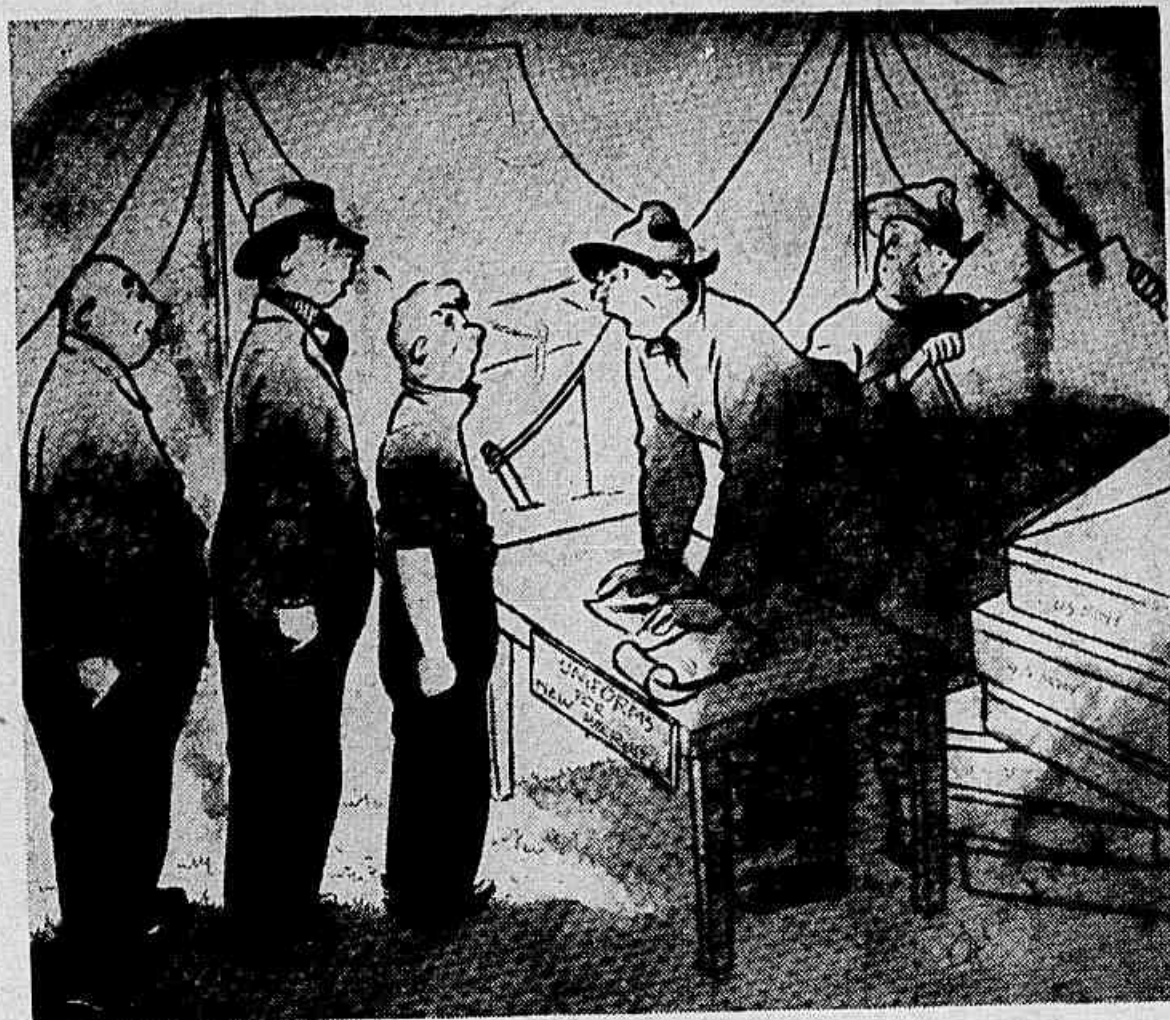
A senhora Izaura Amadio de Almeida em seu posto.

ESFORÇO DE GUERRA DA MULHER BRASILEIRA





É UMA COISA INTERESSANTE: NÃO CONSIGO DORMIR SEM O MEU PIJAMA.



COMO PREFERE SEU UNIFORME? MUITO LARGO OU MUITO PEQUENO?



O QUE EU E MEUS AUXILIARES QUEREMOS DEMONSTRAR É QUE O SEU NUMERO NÃO É ASSIM TÃO DIFÍCIL.



AS ROUPAS DE ARTUR FICAM HORRIVELMENTE SUJAS CADA VEZ QUE ESSA PEQUENA TELEFONA.



BEM PASSADOS OU MAL PASSADOS, MEU CAPITÃO?

De BOM HUMOR

A mulher na guerra

--- "A Mulher Brasileira terá o mesmo grave papel das mulheres das grandes nações livres do mundo", declara a senhora Ana Amelia --- Quatro oportunas perguntas e quatro interessantes respostas a uma palpitante "enquête" social.

por *Juanita Borel Machado*

FALA ANA AMELIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA

1 — Como aprecia o papel da mulher brasileira, na hora em que os nossos soldados estão prontos para rumar ao campo da luta?

— *A mulher brasileira terá neste momento, o mesmo grave papel das mulheres das grandes nações livres do mundo. Pacifista por indole e por convicção, ela compreendeu o dilema que se apresentava ao mundo civilizado; lutar contra o totalitarismo ou perecer dentro das trevas. E ela se fez como sempre o estímulo, a colaboradora, a companheira pronta a compartilhar do sacrifício e da dor. Mais útil e mais consciente desta vez graças ao impulso feminista dos ultimos anos.*

2 — Na sua opinião qual a orientação espiritual da primeira geração de após guerra?

— *Nada mais difícil de prevêr do que a orientação espiritual, da primeira geração de após guerra.*

As grandes catastrofes produzem sempre reações profundas, mas im-

AS ILUSTRAÇÕES DESTAS PÁGINAS DEVEM-SE AOS ESTUDIOS DE INGE DE BEAUSACQ EM COPACABANA. Á ESQUERDA, UMA DAS MAIS RECENTES POSES DA SRA. ANA AMELIA, E EM BAIXO NOVAMENTE A ESCRITORA DIRIGINDO SEU CARRO.

BIBLIOGRAFIA DE ANA AMELIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA:

Esperança — Alma — Ansiedade
A harmonia dos seres e das cousas.

Mal de amor — Poesias

Poetisas e prosadores brasileiros. — Conferencia. — Instituto Histórico e Geografico.

Um salto de meio seculo — Federação B. pelo Progresso Feminino.

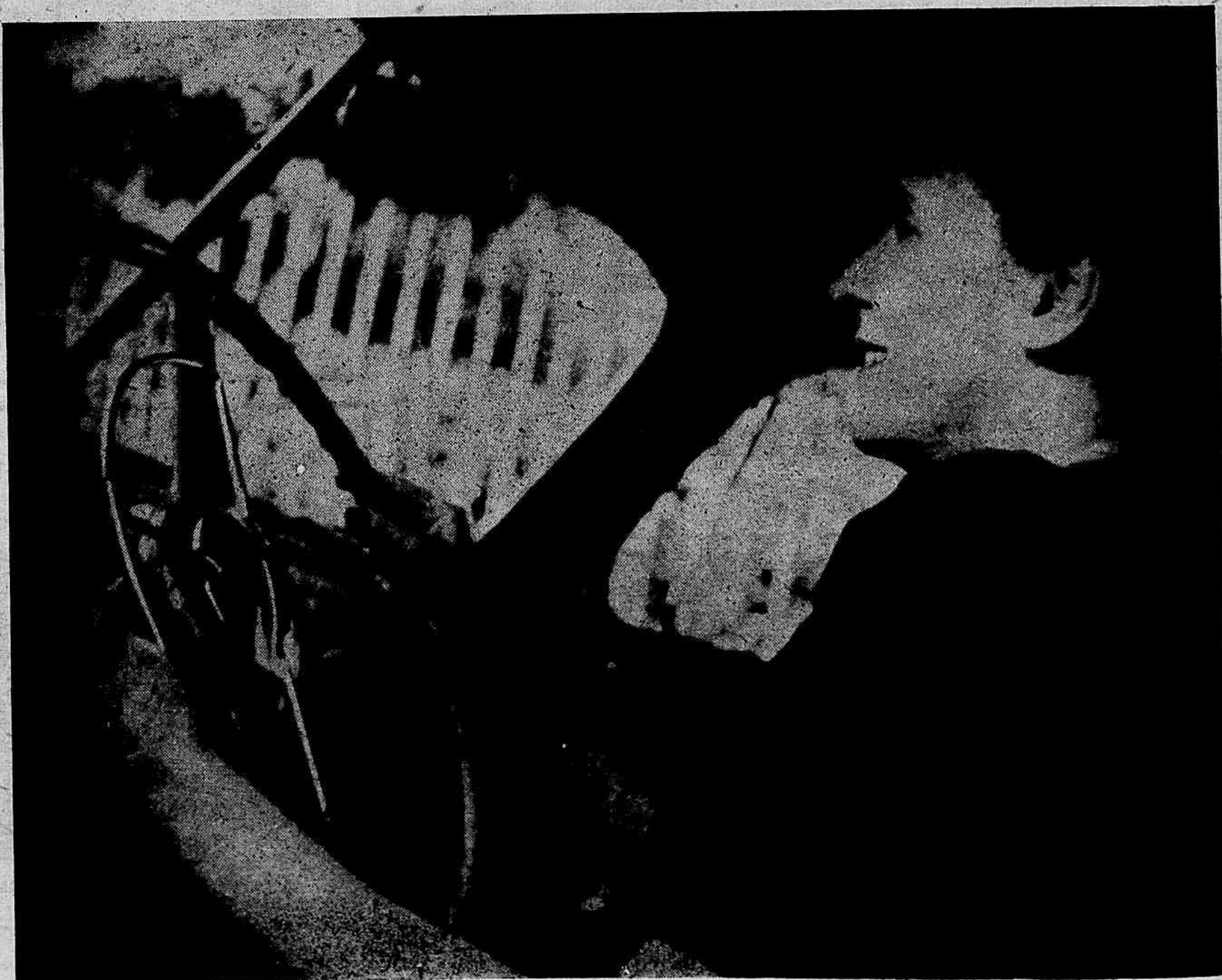
Minha viagem — filme maravilhoso. Associação dos artistas brasileiros. Instituto de Educação — Instituto Lafayette

Estudantes e Universidades pelo Mundo. — Casa do Estudante do Brasil.

O estudante e a paz na America. — Sociedade Universitaria de Intercambio Cultural.

A boa linguagem na poesia — Departamento de Imprensa e Propaganda

Dois mezes entre os Americanos Instituto Brasil - Estados Unidos
Varios discursos: — Estudantes de minha terra. — Palavras aos bachareis — Saudação ao Presidente Getulio Vargas. — A mulher como cidadã. — Oração de Parainfa, etc.



e no pós-guerra

previsíveis; creio, entretanto, que a mulher de hoje, solidamente preparada para as contingências da guerra, melhor que nunca terá a responsabilidade de sua missão de mãe e de educadora, esforçando-se por influir benéficamente na formação espiritual das gerações vindouras e por neutralizar as consequências naturais do abalo sofrido pelos povos.

3 — Nas artes, letras e todas as atividades materiais, acha que a mulher terá participação mais destacada no mundo de após-guerra?

— Acho indiscutível que a mulher depois da guerra, terá muito maior participação em todas as atividades sociais dos povos. O grande problema será harmonizar essa participação destacada com as inclinações e sobretudo os deveres normais da mulher.

4 — E no terreno sentimental?

— No terreno sentimental., nada poderá desvirtuar a sensibilidade feminina. Essa sensibilidade poderá ser educada, controlada, adaptada as novas condições das mulheres. Mas o coração da mulher será sempre coração.

A NA AMELIA DE QUEIROZ CARNEIRO DE MENDONÇA é um dos maiores vultos femininos do Brasil. Aí a temos na serena expressão de fidalga beleza e profunda bondade e inteligência; refletindo-se no seu semblante a apostólica força que norteou os atos de sua vida luminosa e útil, dinâmica e equilibrada, nobre e fecunda. Filha de ilustre família Mineira, menina e moça manifestou os pendores da poetisa emérita que depois se impôs a admiração nacional e estrangeira. Em seus incipientes começos, teve, excepcionalmente, o próprio incentivo paterno, posto que era ele também um alto espírito liberal, pioneiro da indústria do ferro no Brasil. Seguindo sua trajetória brilhante, foi consagrada uma das maiores poetisas e escritoras do Brasil, colaborando em órgãos dos mais representativos da imprensa.

Oradora e conferencista ofertou o dom de seu talento e cultura a obras de fundo social no intuito de ajudar a criar uma mentalidade nova sob o benéfico influxo da educação e da cultura.

Foi a primeira e única mulher brasileira que tomou parte no Tribunal Eleitoral, como membro da junta apuradora das eleições para a Constituinte de 1934. Membro do Conselho da Associação Brasileira de Educação e presidente no biênio 41-42. Membro do Conselho da Associação dos Artistas Brasileiros. Membro do P. E. N. Club do Brasil, da Associação de Escritores e Artistas Americanos. (Cuba) e de muitas outras Associações e institutos brasileiros e estrangeiros. Vice-presidente da Federação pelo Progresso feminino, trabalhou pela elevação e direitos da mulher, sendo em 1935 nomeada pelo Presidente da República delegada oficial do Brasil no XX Congresso Internacional de mulheres em Istambul na Turquia. E' desde Julho de 1942 representante permanente do Brasil na Comissão Interamericana de mulheres.

Sua bibliografia é vasta e valiosa, tendo sido durante 2 anos a diretora da Página Feminina do DIÁRIO DE NOTÍCIAS.

Coroada em 1928 rainha dos Estudantes, pontificou desde então, como ardorosa bandeirante de uma das maiores, mais úteis e mais belas obras do país. Marcou esse dia um tanto glorioso para a mocidade estudiosa do Brasil, que tem em Ana Amelia Queiroz Carneiro de Mendonça uma patrona, uma colaboradora, uma pioneira, que é dentro da nacionalidade um símbolo das virtudes, da inteligência e da serena beleza da mulher Brasileira.



UM FLAGRANTE DA SRA. ANA AMELIA NO INTERIOR DE SUA RESIDÊNCIA DE MARQUEZ DE ABRANTES, ONDE SE ENCONTRAM PRECIOSIDADES DE ARTE, EM PROFUSÃO, E VENDO SE, AO FUNDO, UM RETRATO DA NOSSA ENTREVISTADA.

UM GRUPO EM FAMÍLIA: A SRA. ANA AMELIA, SUA FILHA MARCIA — A SRA. MARCIA MOURA CASTRO — E SEU NETINHO CLAUDIO. AO FUNDO, UM DETALHE DO QUADRO "NAVIO NEGREIRO", DE MARIA MARGARIDA.



IS DO

Brasil

BAIANA da boa terra, do meu Senhor de Bomfim, das saias rodadas, blusas vistosas e chinelinha na ponta do pé... Baiana que vende mingão, bolinho de tapioca, pé-de-molque, cocada... Baiana que se espalha na hora do samba e requebra como ninguém... Baiana de pele tostada e quadris que vão gingando quando ela palmilha as ruas, de taboleiro-à-cabeça e vistosa toalha ao ombro... Baiana dos balangandans que Dorival Caymmi trouxe da própria Bahia, para sagrarem-se primeiro no Rio, depois no Brasil inteiro, do Brasil para Hollywood e de Hollywood para o mundo...

Ela é um tipo. Uma "coisa". Uma tradição brasileira e das maiores. O cinema veio estilizá-la, dar-lhe roupagens ainda mais vistosas, falsas sem dúvida, mais de efeito espetacular. O carnaval divulgou essas estilizações ainda em maior relevo. E no entanto a baiana legítima, vendedora do cuscús, da rapadura, do pé-de-molque, é tão diferente! Tão simples! Tão despida desse aparato...

A's vezes nem usa saia rodada. Outras, dispersas, as chinelinhas barulhentas, tremerem pela alpercata macia e sem salto. O taboleiro é uma gaveta retirada de um móvel barato lá de casa, o tripé, ainda mais rustico e os adornos que Hollywood põe na cabeça de suas "estrelas", esses nem existem... Há vezes, até, em que as baianas do taboleiro sem nenhum balangandan para amostra, não viram, nunca, a terra de São Salvador. Mas são baianas porque o tipo existe na Bahia, no Rio, em São Paulo, no extremo norte e na outra ponta do Brasil, lá para o Sul. Ela é famosa demais para pertencer apenas à Bahia, mas sim ao Brasil inteiro.



I Inverno em HOLLYWOOD

Janet Mackenzie

A nova moda de inverno, apre-
gdam os figurinistas, será sóbria
e feminina; contudo, e apesar
do racionamento e da tendência à eco-
nomia de guerra, as peles, que são o
material mais caro do inverno estão
sendo empregadas em todas as peças
de inverno. Em crônica anterior tivemos
oportunidade de salientar, o uso de peles para
golas, punhos e outros enfeites, tanto
as de pelo alto, para etiquetas como as
de pelo curto para peças mais simples.
Nestas páginas de moda da Revista
constatarão as leitoras a preferência da
pele como adorno. Os casacos afinarão
a cintura como os vestidos realçando
os contornos, mas também estarão em
voga os casacos três quartos largos.

Continúa a preferência pelo *tailleur*
de corte militar ou o costume talhado
com enfeites de presilhas, pespontos,
botões de fantasia, moscas bordadas,
e enormes bolsos. Estes detalhes, aliás
são repetidos também nos vestidos.
Para *toilettes* de noite continuaremos
a usar *pailletes*, contos, fitas de veludo
ou setim, *passemadeiras*, etc. Contudo,
podemos afirmar que tudo é feito com
mais sóbriedade. Os vestidos também
terão enfeites de veludo, pelúcia, lon-
tras, *agneau-rasé*, ou outras peles de
pelo curto. A pele será, pois, um com-
plemento indispensável no inverno. É
preciso fazer notar que é um erro grave,
contra todas as leis da elegância e do
saber vestir, usar peles de pelo longo
com *toilettes* ligeiras ou ainda sem meias,
como usualmente vemos por aí. Para
evitar isso, seria aconselhável, às que
não podem ter mais de uma pele, que
adquirissem de preferência uma de
pelo curto, como o linco ou *agneau-
rasé* que é sóbria, prática e muito ele-
gante.

Ann Sheridan, a linda atriz da War-
ner, adquiriu para seu guarda-roupa de
inverno, para saídas de cerimônia à
noite, para jantares elegantes e recepções
um casaco três quartos, mangas com-
pridas, de raposa azul; para as saídas
de dia, cinema, visitas, etc., um *jacket*
de linco branco com sombras cirza-
claras, e mangas compridas e de corte
folgado de maneira a ser usado sobre
um vestido ou mesmo uma *sweater* si
a temperatura cair.

O chapéu voltou durante todo o verão,
como complemento indispensável a uma
toilette feminina, portanto, não será
necessário dizer que ele se torna obri-
gatório no inverno; aconselha, por isso,
Natalia Visart, a costureira da moda
em Hollywood, que se tenha quatro ou
cinco enfeites de penas diferentes para
variar os chapéus de antilope, lebre ou
outro feltro fino, devendo as penas serem
de boa qualidade de maneira a harmo-
nizar com os chapéus.

As luvas. — Como novidade, estão
aparecendo luvas confeccionadas com
as mesmas fazendas dos vestidos e
com a bolsa igual, mesmo quando as
cores sejam contrastantes.

Ann Sheridan exhibe uma lindíssima
capa de raposa azul de três quar-
tos para etiqueta, opera, etc.





JANE WYMAN, da Warner, exhibe um vestido de seda grossa bege róseo, com cinto fantasia de verniz e uma grande rosa vermelha. A capa de raposa azul três quartos é o rico complemento desta toilette.

Modas

PARA O

INVERNO



CASACO TRABALHADO COM RECORTE EM FOLHAS NO PANO DA FRENTE E SOBRE OS BOLSOS FEITOS DE PÉLE DE LONTRA; GOLA ALTA E ENFEITE, CORTE ENVIEZADO; BOTÕES GRANDES E FORRADOS.

CASACO DE CORTE ELEGANTE FRANZIDO NA FRENTE E COM GOLA E PUNHOS DE ASTRACAN; BOTÕES FORRADOS. PARA OS CHAPÉUS DE INVERNO O VÉU É GROSSO E ENGOMADO SERVINDO MAIS COMO ENFEITE.

TALHE RÉTO COM BORDADO DE SOUTACHE DO MESMO TOM.



Mudança de estação, mudança dos figurinos. A moda é sempre um reflexo da temperatura e, quando não lvesse outra utilidade, o pretexto para permitir a renovação do guarda-roupa feminino seria suficiente. Aqui estão novos modelos de inverno, melhor dito, para os dias de outono, quasi invernosos, que se aproximam. Trata-se de um conjunto selecionado com o maximo esmero e presidido esse serviço pelo mais rigoroso espirito de economia e aproveitamento do material que ainda se pode encontrar no mercado. O racionamento não é, apenas, restrito aos gêneros alimentícios. Mesmo o material das costureiras, alem de escasso, é hoje vendido por preços quasi astronomicos.

Da esquerda para a direita:

CASACO DE CORTE BEM AJUSTADO, COM UMA DUPLA GOLA E OS BOTÕES DE VELUDO PRETO.

VOLTA A LINHA RÉTA E AMPLA, NESTE INTERESSANTE CASACO ENFEITADO DE PRESILHAS COM FIVÉLAS DE GALALITE.

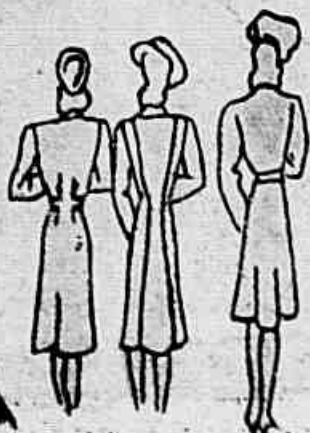
CASACO TRES QUARTOS, EM LÃ QUADRICULADA COM MANGAS RAGLAN; NAS COSTAS O PANO É GODET E ABOTOADO.



Da esquerda para a direita:

CASACO DE LÃ AZUL COM BOTÕES DE METAL E GOLA DE ASTRACAN CINZENTO.

DE LÃ ROSA BOTÕES DOURADOS E PESPONTO. NOVAMENTE UM CASACO EM FORMA DE VESTIDO MUITO ELEGANTE, COM UMA GRAVATA DO MESMO; PONTAS RECORTADAS E PESPONTADAS.



Da esquerda para a direita:

ORIGINAL CASACO-VESTIDO ENFEITADO COM PÉLE DE MARTA; E BOTÕES GRANDES

CASACO ENFEITADO COM ASTRACAN E PESPONTOS; FECHO INVISIVEL.

ELEGANTE CASACO-VESTIDO, COM GOLA ARGENTÉE, PARA CERIMONIA.



O ano vai terminar. O pequeno Boibu, de seis anos obterá o presente com que sonha? Sua irmã Lilette saiu, deixando-o sozinho. Ele espera e não perde as esperanças de um milagre...

Leva-me CONTIGO!

(Conto de SILVAIN REINER, traduzido especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

BOIBU acordou. Esticou os braços, esfregou os olhos. Tinha adormecido, sentado à mesa, com a cabeça pousada sobre ela. Pulou no chão, da cadeira alta, onde se achava, e escutou... Nenhum ruído perturbava o silêncio. O coraçãozinho de seis anos do menino batia depressa. De repente, começaram a repicar os sinos, houve barulho, muito barulho. Na rua, gritos e sinos. Foguetes! Alegria. Boibu sentiu vontade de chorar. Apertou os olhinhos minúsculos, num esforço, mas as lágrimas já corriam pelo rosto corado.

— Lilette! Lileeeetel!

A voz fraca do garotinho perdia-se no tumulto que vinha da rua. Não houve resposta.

— Lilette! Lilette!

Ninguém. Lilette não cumpria a sua promessa. Os navios! Ele queria ver os grandes navios, como os descrevera Jacquot. Jacquot era seu companheiro inseparável. Andavam sempre juntos e Jacquot já fora várias vezes ao cinema. Contara-lhe, depois, o que vira, com muito exagero. Uns grandes navios coloridos. Boibu nunca fora ao cinema; tampouco vira grandes navios coloridos. Os pequenos barcos que formigavam, no verão, no rio que atravessava a cidadezinha, serviam de termo para comparação. Grandes, grandes, dissera Jacquot. Grandes, como? perguntara ele. Mais do que todos os barcos que ele tinha visto reunidos. E a ideia da imensidão dos navios na tela ficara gravada na mente de Boibu.

Lilette prometera levá-lo. Veria os grandes navios e então poderia dizer a Jacquot que não eram tão grandes assim. Poderia mostrar a sua superioridade. Além disso, Jacquot não tinha irmão que o levasse ao cinema. No cérebro miúdo de Boibu a ideia de que a irmã o acompanharia ao cinema dava uma importância extraordinária ao ato.

Lilette prometera. Mas Lilette, às vezes, esquecia as promessas. Ele sabia disso. Tentava negá-lo, porque, com seu coraçãozinho fiel, não poderia admitir que Lilette tivesse algum defeito. Mas era a verdade.

Lilette não dava importância a ele. Mas ele vinha, como um cãozinho batido, passava seus bracinhos em volta do pescoço dela e beijava-a.

— Lilette! Lily?

— Já lhe disse que não gosto que você me chame de Lily.

Uma lágrima corria pelo rostinho magro...

Naquela noite, ela se preparara. O seu vestido mais belo que deixava à mostra as suas espáduas brancas, brancas e perfumadas. Boibu vira-a pentear os cabelos e aplicar o *make up*.

Era noite de Ano Bom e ela não perderia o baile. Enquanto se vestia, ele ficara pelas proximidades, sem ousar lembrar-lhe a promessa.

Antes dela sair, porém, fez um esforço e perguntou timidamente:

— Lilette, você não vai me levar ao cinema?

— Mais tarde. Mais tarde.

— Quando?

— Eu ve ho buscar você.

— Então eu espero. Vou botar o terno novo.

— Está bem. Até mais tarde.

Ela estava certa de que ele se cansaria de esperar e iria dormir. Não tinha nenhuma intenção de voltar.

Boibu, com efeito, adormeceu. Acordou com a primeira badalada da meia noite. Acordou, e olhou em torno. Silêncio. Depois outra badalada. Sinos, sinos, muitos sinos.

— Feliz ano novo!

Feliz ano novo!

Todos se cumprimentavam na rua.

— Feliz ano novo, Lilette, murmurou o menino.

De repente, teve uma ideia.

Lilette estava no cabaret. Era para lá que ela ia, quando se vestia assim.

Boibu saiu. Iria procurar a irmã.

O ar fresco da noite soprava de encontro ao rostinho febril do garoto.

— Lilette, Lilette, repetia, baixinho.

As ruas estavam cheias, cheias de gente alegre, que brincava. Em cidade pequena, todos se conhecem.

— Não sei como Lilette deixa o irmãozinho solto pelas ruas, a essa hora, murmurou, uma senhora ao vê-lo passar.

— Ela anda muito ocupada!

— Como?

— Não sabe da última? Anda com o Gastão...

— Mas é sério?

— Séssimo. Fizeram um contrato. Casam-se e ele educa o garoto.

— Mas ela não o ama!

— Que remédio? Não tem recursos; não encontra emprego, como cuidar do irmão sem achar um casamento rico?

— É triste.

— Não há duvida. Mas o que é que se há de fazer?

Boibu caminhava sem prestar atenção aos comentários que os transeuntes faziam. Vendo aquele menino sozinho, pelas ruas, todos os que não conheciam o caso, se revoltavam contra a inconsciência dos pais.

Pais ele não tinha; tinha a irmã. E procurava-a naquele momento.

O porteiro do cabaret conhecia-o bem. Deixou-o entrar.

Boibu abriu caminho entre as mesas. Lá, bem no fundo da sala, viu Lilette com Gastão.

Não gostava do noivo da irmã. Apesar dos presentes que dele constantemente recebia, não podia esconder a antipatia que sentia por ele.

— Então, como vai esta força? perguntava-lhe, sempre. Gastão, ao chegar na casa onde eles moravam.

— Muito bem, obrigado, respondia ele, pois fora bem educado, mas ia logo refugiar-se no seu quarto, onde permanecia até que o rapaz saísse.

Um dia disse a Lilette.

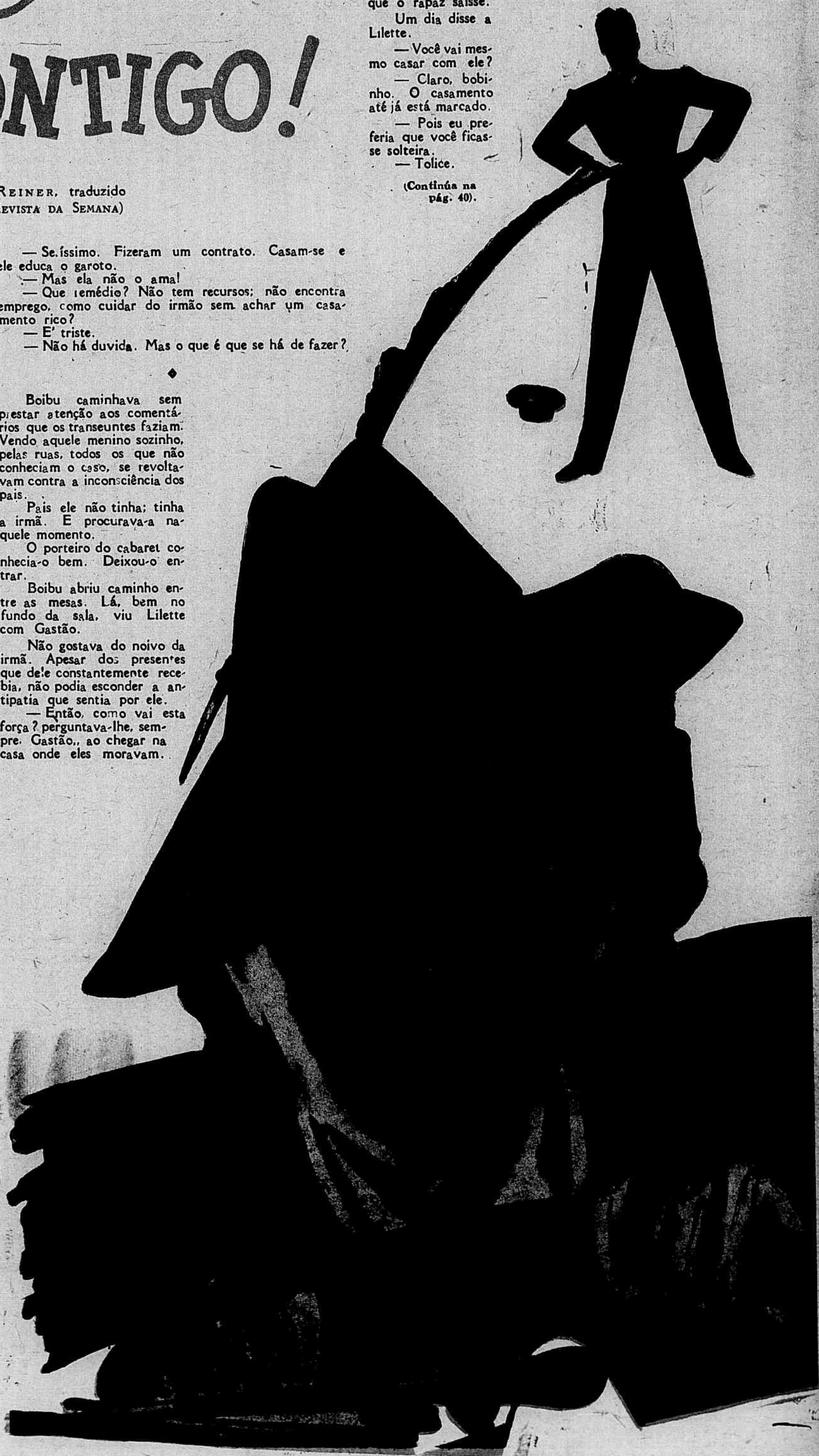
— Você vai mesmo casar com ele?

— Claro, bobinho. O casamento até já está marcado.

— Pois eu preferia que você ficasse solteira.

— Tolice.

(Continúa na pág. 40).



O QUE SE DEVE evitar

SILVIA ROGER

Indecisa:

Não se discute a vida, é necessário aceitá-la tal como ela nos é dada a procurar; na medida do possível melhorá-la. Por que não nasceu bela ou rica? ou por que lhe surgiu na vida um amor impossível? São perguntas as quais ninguém poderá responder; contudo, minha amiguinha, se você deseja *ser rica para conquistar esse homem que julga amar, tão apaixonadamente*; confesso-lhe que é mais feliz assim, pois iria empregar sua fortuna na aquisição de uma mercadoria de baixa qualidade. De que lhe serviria um homem comprado? Como qualquer vidro caro de perfume, você o usaria para a satisfação de um prazer material e teria finalmente, um dia, o desprazer de constatar o vidro vazio...

Não creia que um homem conscio de suas prerrogativas masculinas e qualidades viris, possa ser comprado, e um homem sem tais virtudes para que lhe podesse servir? Paga-se caro um capricho quando ele custou um punhado de ouro, porém, muito mais caro é ele quando custa o pouco de felicidade que, á creatura humana é dado gozar na terra.

Quanto á beleza, minha amiga, ela é coisa bastante relativa, sobretudo hoje, que não existe nenhum cânon de arte e beleza que lhe determine as qualidades; além disso já o quizeram provar homens de talento, que: "as mulheres feias é que são verdadeiramente amadas" porque é a admiração espiritual e não o entusiasmo dos olhos, que desperta o amor constante.



RITA HAYWORTH E LEE BOWMAN, DA COLUMBIA.

Um momento de amor é quasi sempre a unica felicidade verdadeira do Amor.

Você é jovem, espere o seu príncipe encantado, sem imaginar que o dêa conquistar pela beleza e muito menos que o dêa comprar como qualquer por de sapatos. Procure ler bons autores, eles ajudarão a compreender melhor a vida e a empregar utilmente o seu tempo e a sua juventude.

♦ ♦ ♦

NASCIDA PARA O MAL. Você acredita que haja mesmo alguém nascida para o mal? Esse fatalismo que está latente no fundo das velhas raças, grudadas a crenças em destinos transcendentes, embora seja a essencia da verdade, para esses espiritos que vivem aprofundados na meditação da Vida e da Carne é condenada e combatida pelos homens da Europa, esses semi-deuses que julgam criar, forjar, argumassar o seu próprio destino e o dos outros também, afundando a humanidade na tragédia, no vicio, e, sobretudo, fazendo pesar sobre os humildes a prepotencia do seu egoismo, ao qual ele não põe um limite, apesar da sua auto-força para regar e organizar destinos...

Talvez sentimentos mal dirigidos, talvez a fatalidade de circuntâncias, tenham influido para essa série de infelidades conjugais de sua vida; contudo, o que lhe posso dizer é que não cheguei ao fim de seu projeto, nessa terceira tentativa sem pesar bem os prós e os contras; não como se fosse uma jovem inesperiente, mas como alguém que conhece o terreno onde pisa. A sua nacionalidade e a sua religião facultam-lhe o divórcio, mas não lhe garantem a futura estabilidade do lar constituído: essa estabilidade deverá, ser mantida pela sua experiencia, e não vejo nada melhor do que isso. Faça uma viagem de retrospeção á sua vida passada, procure vêr como se processaram em sua alma os periodos de sentimentalismos amorosos. Porque se apaixonou pelo seu primeiro marido, quaes as virtudes ou qualidades físicas que a atrairam e si elas não lhe trouxeram decepções; quaes as causas que determinaram o rompimento. Faça o mesmo ao segundo e finalmente confronte-o com o atual; mas faça isso de olhos abertos, sinceramente, sem querer enganar-se com a ingênua crença de que poderá corrigir-lhe as falhas. Pense antes que elas surgirão maiores na convivencia obrigada de todos os dias e de todas as intimidades. Um fracasso na vida se compreende, mas três... francamente, é muito para uma creatura inteligente.

CONFIDENCIA

EMBUSTES RADIOFONICOS

DJALMA MACIEL

COM exatidão e sinceridade, ninguém poderá escrever a historia do radio carioca sem destinar, pelo menos um capítulo, ao embuste. Dispam-se, realmente, os artificios com que se pavoneia a maioria dos seus personagens e quasi nada lhe sobrar de original e sincero. São falsos os intuitos educacionais de suas atividades e ainda mais falsas as "irresistíveis vocações" que, segundo eles dizem, os empurraram para os estúdios, onde na verdade vivem da exploração de ingenuas patranhas empelidas pelo publico e criminosamente endossadas pela critica. O pardusco cantor de sambas envergonha-se, por isso, da honrosa profissão de trocador de ônibus, da qual ainda guarda a recordação das mãos calosas e gordas.

E o illustre locutor, "filho de riquissimos fazendeiros", não quer que se saiba da origem humilde de seus pais. Figurões que difficilmente poderiam redigir um bilhete reclamando colarinhos à lavadeira, no entanto, escreveram livros contando a propria vida... Outros, mais modestos, mas nem por isso menos mentirosos, já atuaram em dezenas de estações... que nunca funcionaram. O embuste é a regra; a verdade, simples exceção.

Assim, não me admirei, ao ler, há dias, em "Folha de Minas", o protesto do seu redator de radio contra uma certa cantora de segunda classe, que se declarou ex-contratada da Radio Inconfidência, de Belo Horizonte. Este é um dos expedientes classicos para a formação dos grandes cartazes, perante a critica do broadcasting carioca. Qualquer tenor ou soprano de banheiro, desejoso das gloriolas do eter, toma como primeiro cuidado aprender os nomes de três ou quatro emissoras dos Estados, para os citar sempre a proposito de tudo e mesmo sem nenhum proposito, como cenários dos indispensaveis triunfos anteriores. Os cronistas-entrevistadores não procuram averiguar a veracidade dessas afirmativas; nem se recomenda fazê-lo, principalmente quando o "astro" em foco é uma boa "estrela...". Daí resulta a coincidência: todos os "faccões" dos estúdios do Rio já atuaram "com expressivo sucesso" nas ondas da Inconfidência, ou da Radio Sociedade da Bahia, ou do Radio Clube de Pernambuco. Mas por que as estações assim responsabilizadas pelo aparecimento desses canastrões de microfone, não reclamam? Não é de se desconfiar que também elas mentem pelo silencio, na suposição de um dia se aproveitarem do "cartaz" construido desonestamente?

O embuste é para o radio o que a determinante economica é para o marxismo: Em maior ou menor proporção, está sempre em todos os fatos. Uma emissora vai ao ar, manhãsinha. Diz o locutor, ainda cabeceante de sono:

— Estão ouvindo a estação Tal, em tantos quilociclos, com tal frequencia, que inicia seus trabalhos de hoje, falando para todo o Brasil.

Logo aí, duas pétas! A potencia anunciada não concorda, via de regra, com a redução imposta pela crise do material. E, áquela hora, metade do Brasil está dormindo... Salvo duas ou três emissoras, nenhuma outra consegue atingir todos os recantos do territorio nacional. Portanto, mais uma mentira... Em seguida, vêm os discos e os anúncios. A excelente pomada para calos não vale um caracol. O milagroso xarope é inofensivo, mesmo á tosse que se propõe combater. De permeio, alguns textos da propria estação: "As 21 horas, neste microfone, o cantor Fulano, o maior interprete do seu genero..." Ouçam, logo mais, Beltrana, o pintassilgo do eter!... Tudo embuste! Chega a "hora do meio-dia" e o rapaz do microfone, que falar todo o tempo com entonação pernosta e amolecada, amacia a voz para convidar os escutas a um momento de silencio e de meditação religiosa. Pura hipocrisia! Na parte da tarde e pela noite a dentro continuam a musica, os exclames come ciais e os avisos em causa propria. As grandes oquestas, às vezes se constituem de meia dúzia de musicos; os auditórios, não os dizem os locutores "repletos de candidatos ao premio-chamariz, mas, sim, cheios de autenticos fans de artistas, que invaivelmente são os maiores do mundo..."

Quem se de á tarefa de escrever, um dia, a historia do radio carioca, por certo encontrará á muita coisa digna de louvo, no meio de tanta mediocridade odiosa. Po em, não o fá, since amante sem dedica pelo menos um capitulozinho a esse curioso fenomeno de tapeação coletiva. E se o fizer, terá perdido ótima ocasião de um sucesso de livraria, explorando, para gaudio do publico, a propria ridicula credulidade desse publico...



NOS ESTUDIOS DE WALT DISNEY, UM GRUPO DE BRASILEIROS EM COMPANHIA DO REALISADOR DE MICKEY MOUSE, VENDO-SE, DA ESQUERDA PARA A DIREITA, O POETA RAUL BOPP, CONSUL DO BRASIL; ARI BARROSO, DISNEY E ALUISIO, EX-INTEGRANTE DO BANDO DA LUA, QUE ESTARÁ MOSTRANDO WALT DISNEY AOS SEUS VISITANTES? ALGUMA NOVA PERSONAGEM DE SEUS FUTUROS DESENHOS?

Copa e cosinha

Os aperitivos
e vinhos



Mme. RISOLETA



É sempre muito agradável tomar aperitivo antes de qualquer das duas principais refeições. Um quindado gelado simplesmente, ou qualquer dos complicados drinques da moderna química doméstica. Geralmente o *mixed* ou o *cocktail* para aperitivo logo antes de um almoço ou de um jantar é apenas uma mistura de dois ou três ingredientes; o *cocktail* para outra ocasião servido com salgadinhos ou doces é mais complicado na sua feitura. Temos por exemplo como aperitivo simples:

Merry Window Cocktail—Algumas gotas de Beneditino; Vermouth italiano 1/2 Gin 1/2. — Servir bem gelado.

Rainbow—Uma clara de ovo; Creme de cacão; Creme de violeta; Marrasquino; Cherry brandy e limão.

Ponha no *Shaker* a clara já batida com casca de limão, adicione os outros ingredientes e junte algumas gotas de limão, bata 40 minutos e sirva gelado, com uma cereja, ou morango.

Os licôres são servidos depois do café e não têm nada a ver com os aperitivos.

Os vinhos também têm suas regras; para peixes e mariscos, vinho branco, melhor seco, para aves pôde ser doce; as carnes e assados são servidos com vinho tinto. Deve haver sempre copos diferentes para os vinhos, como deve haver para a água. Logo que sejam recolhidos os pratos de peixe, os copos também serão retirados. Se não houver frascos de cristal para os vinhos, eles serão servidos pelo criado, envoltos em um guardanapo. Os vinhos devem ser previamente gelados pois o gelo posto em pedaços dentro dele tira-lhe o sabor. Hoje com o sistema pratico dos jantares em estilo americano, usa-se muito haver sempre uma *ponchera* à disposição dos convidados; no inverno serve-se o *ponche* quente; é muito mais agradável.

LEVA-ME CONTIGO!

(Continuação da pág. 34).

Ela e tranha a expressão da irmã. Que significaria aquele sorriso triste? Boibu não ouviu o que ela murmurou, bem baixo: Também eu preferia ficar solteira.

Sentada ao lado do noivo, ela parecia muito alegre. Ria muito alto.

Boibu aproximou-se, tímido.

— Lilette!

A moça sobressaltou-se.

— Que é que você está fazendo aqui?

— Vim procurar você. Você prometeu me levar ao cinema lembra?

— Senta aí, quietinho. Eu já vou.

Muito sem jeito, ele sentou-se, tendo que levantar-se na ponta dos pés para poder chegar a altura do assento da cadeira, muito, grande para ele.

A chegada inesperada do irmão despertava a curiosidade das pessoas sentadas em volta. Todos se admiravam de ver aquele menino tão pequeno no cabaret, àquela hora.

O espetáculo continuou.

Um mágico fazia truques de ilusionismo e todos aplaudiam.

Passava o tempo e Lilette parecia ter se esquecido de Boibu.

— Você prometeu levá-lo ao cinema? perguntou o noivo.

— É verdade, porem esqueci.

— Agora é tarde demais. Por que não o manda para casa?

— Mandar para casa? Como. Gastão? Como vou permitir que o menino vá sozinho a essa hora?

— Que tem isso de mais? Ele veio só, não é verdade?

Mas isso foi diferente...

— Confesso que a diferença é difícil de encontrar...

Mais uma discussão! Cada vez mais frequentes, elas constrangiam o menino.

— Você não pensa no menino!

— Eu não penso no menino? Não é por causa dele que vou me casar? Então você pensa que eu tenho ilusões? Que não sei que é para obter o que ele necessita que você vai se casar comigo?

— E que fosse? Que teria isso?

— Nada. Eu aceitei. Mas não me venha depois dizer que não penso no garoto.

— Grande sacrifício faz você!

— Casar com uma mulher que resmunga tanto já é sacrifício!

CAMINHO DAS TROPAS

(Continuação da pág. 15).

desatrelada enveredou pela deveza, redambulando por intervalos cada polaco das cabeças de lote nos torcicolos abrutalhados da vereda, ribanceira abaixo. A noite, descia mansa e silenciosa, perturbada apenas pelo clamor longínquo das seriemas da campina no fundo dos vergedos, e a lua assomava como uma grande moeda de cobre novo por sobre os descampados, em vago nevociro.

• • •

— A noite, repasto feito, descansava o pessoal recostado sobre as retrancas e pelegos dos arreios. Pelos cantos, trilavam grilos; e de fóra vinha o grito dolente dos caburés e notibós, agurando a solidão. Um tropeiro sacou do piquê que trouxera a tirac-lo, o pinho companheiro dessas caminhadas no sertão; apertou a chave da prima e pigarreou pelo cordame um lundú, todo repassado de ais e suspiros.

— Cabra malvado, faz tristeza essa viola, disse alguém, o pensamento longo, perdido no arrai-l, onde deixara, certo, saudades e cuidados; diga antes um caso, daqueles que nos contava, quando na baciada do Antão...

— Homem, inda ag rinha, atalhou Manel, o dianteiro, relembrou um fato que me sucedeu de uma feita, quando viajava escoteiro, às ordens do major Mattos, p'réssas bandas. O caso é que era então acostado, e de fiança, daqueles de pouca conversa e grande estada. Na quinta-feira das Dôres, o sol ia descambando, o patrão manda-me chamar, passar a cutuca no lumbilho do matungo e partir sem detença para o povoado, uns papéis de eleição bem arrumadinhos na paterna.

Mecês devem estar lembrados que na altura dos Marinheiros, num estirão de meia légua de tabatinga e terra peba, fica um cemiterio abandonado; há muita toca de tatús e comondins do campo. Sem na atrás, numa ruga de cachaca e mulheres, esticára a cachaça ali perto o Benzinho B. hiano, um cafuso intremetediço, baleado por dois tiros de rifles na volta esquerda da pé.

Para preparar maior trabalho, aproveitaram a serventia antiga do terreno, sepultando por ali mesmo o assassinado. Fóra eu até quem, de passagem, cedera a mortalha de ocasião com que o embrulharam, uma larga pala branca enfeitada de bambolins, que me apresentara alguém que não tem a ver com a questão.

— Vi java distraído, esquecido de tudo, na marcha a furta-passo do matungo, perrenguenado, a pitar o meu cigarro, quando num repente, estaca de supetão o animal.

Assuntei. A noite estava turva, o céu sem lua, aqui, e ali picado de estrelinhas. O sitio não me pareceu estranho; atentei com mais justeza, — umas cruces apodrecidas pendiam, no escuro, desconjuntadas, á oxira do caminho, sobre comoros mal feito de terra...

Era o cemiterio velho do povoado. Apertei as chilenas no pangaré; ele andou alguns passos, e depois emperrou de novo no meio da estrada, cralhas entesouradas, espreitando a escuridão. Adiante, não via nem cuvia movimento ou tropel algum; o bicho nunca fóra empacador ou passarinho, tentação do Capêta devia de andar ali por perto.

— Um homem é um homem, mecês bem sabem; atravessei o punga no caminho, encurtei as rédeas, e escrutei melhor a vista, já acostumado á escuridão. A minha frente, quando o chão; brancacento, ia um lenço aberto. O matungo refugava arreliado, bufava pelas ventas, uma vontade danada de voltar atrás e desembestar pelo chapadão afóra. Sentí, benza-me Santíssimo, uma mão de ferro, no coração, triturando...

Mas como lhes dizia, em qualquer aperto, p'êste mundo de Cristo, um homem é homem, e o que tem de acontecer, tem força, acontece mesmo!

Desviei o meu bicho para uma pequena macega de sapé, puz-me abaixo da sela amarrei seguro as bridas a um tronco de umburussú e voltei atrás, decidido, franqueira atravessada na boca como era de preceito, não sobre os gatilhos escanrados da garrucha. Parecera, a este pobre cristão, melhor o servado, que era a mesma franja de bambolins, o lenço que seguia estendido á minha frente, — aquela mesmissima mortalha com que dias antes encláramos o corpo do malaventurado Benzinho...

Parcu, gosando a expectativa angustiosa que errava derredor, entre os parceiros. Bebeu uma ultima gelada de congénha, que lhe servira atencioso o cozinheiro; bateu fogo na pedra do isqueiro, acendeu o cigarro e olhou para fóra, vagamente, menêado.

— A gente, quanto mais vive, mais aprende, já dizia minha avó. Assombramento, tenho ouvido casos, verdade seja, mas as mais das vezes falta de coragem, turvação do medo e da bebida... Maluquice, anda á toa pelo mundo da Virgem; não fóra o meu animo, hoje zanzaria por aí, nessas bamburras, "gira" varrido.

Cheguei solerte, pé ante pé, negaceando, pronto a queimar as escorvas na cabeça do Mal-encaído ou o que quer que fosse que impedia a passagem. O lusco-fusco ia menos cerrado, o lenço prosseguia estrada fóra, muito branco, desdobrado, largando fúlpas alvadias pela garrancheira e vassouredo da beirada. Sofreei o baque de meu peito, e achei-me para mais perto á assombração; bati fogo na vinga, soprei um chumaço, e agachado sobre o estorvo, pesquizei com cuidado.

— Era... mas devia ter logo visto, um tatú, um tatú peba, que se fartára no corpo, do infeliz ali enterrado, e que se retirava, empanturrado, para o seu coito. A imundice, na gana do festim, enrodilhara-se na mortalha do desgraçado, varando-a com a cabeça e d' lá se tirava, certamente bem atrapalhado, arrastando após si o trambolho...

— Devia ter logo visto; na pressa do enterramento, a cova tinha ficado um tanto rasa, a terra fóra, sem cerca nem revestimento para impedir aquela profanação... Enfim, creiam mecês, é ter sempre desapego ao perigo...

Calára. Sinceros distantes chocalhavam, longe, pelo encosto da deveza.

A lua nos azeiros era branca como geada de inverno.

— Você casa por que quer. Não lhe fui pedir por favor.

— E eu estou dizendo que você foi?

Não acabava mais. Quando começavam, durava horas. As vezes, chegavam a se insultar.

Mas desta vez foi curta a discussão. Pouco depois Lilette tomou a mão do irmãozinho e levou-o para casa.

A caminho ele perguntou, tímidamente:

— Não vamos mais ao cinema?

— Você não está vendo que é tarde demais, que agora os cinemas já estão fechados?

Um sonho de ano bom na vida de um menino! Lilette, apesar de tudo, era boa. Cuidava dele, trazia-o sempre limpo, bem vestido e, apesar das brigas constantes, casarse-ia com Gastão. Ele teria o futuro garantido. Casa e comida, escola, seria bem tratado, sabia. Mas, não obstante, faltava-lhe alguma coisa. Uma carícia leve nos cabelos, depois de deitado, como ele há muito tempo não sentia. Um beijo. Ternura.

Na sua caminha, côr de rosa, escolhida pela mãe, antes de morrer, Boibu sonhava.

Uma senhora muito linda, beijou-o com meiguice: No rostinho do menino correu uma lágrima, lentamente. E o sonho bom desapareceu...

OS ROUBOS DA MILIONARIA

(Continuação da pág. 29).

de uma fraude comum; sabemos lidar com gente dessa espécie. Madame Dickinson é, evidentemente, cleptomaniaca. Sempre fez compras grandes e pagou à vista.

Mas voltemos ao que interessa. Da primeira vez, ao que parece, não houve roubo.

Foi por ocasião da terceira visita que começamos a suspeitar de alguma coisa. A segunda vez corra sem incidentes, como a primeira, e novamente recebemos, em pagamento, um cheque assinado pelo marido.

Foi, como já disse, depois da terceira visita que suspeitamos. Não podíamos, porém, estar seguros, e a surpresa era tão grande que nos recusamos a dar crédito à história antes de vê-la confirmada por provas irrefutáveis.

Investigamos o caso, sem resultados. A joia desaparecera; não se sabia como.

Quatro dias mais tarde, enquanto a investigação ainda estava sendo efetuada, madame Dickinson nos fez a sua quarta visita. Comprou joias no valor de seiscentos dólares e roubou uma pedra que foi avaliada em dois mil e oitocentos dólares. Uma pedra grande e puríssima.

Já dessa vez eu estava alerta e, si bem que não a visse roubar as joias, já tinha certeza de que era ela a ladra.

Tinha colocado uma coleção de anéis sobre o balcão. Virei as costas. Quando me voltei dei pela falta da pedra.

Em vista disso, e lembrando o roubo anterior, mandei o detective da loja falar com ela.

Ele disse-lhe, com toda a delicadeza, que desaparecera uma joia e que talvez tivesse caído dentro da sua bolsa sem que ela percebesse.

Ela abriu a bolsa, com toda a naturalidade, e mostrou-lhe que nada havia dentro. Percebi que escondera a joia em outra parte, possivelmente no seio. Mas não tive a coragem de mandar revistá-la. A calma que ela aparentava era tal e a serenidade era tanta que eu não pude acusá-la.

Foi uma cena muito desagradável."

Nesse ponto o velho Steele interrompeu para concordar.

— Efetivamente, assunto sumamente delicado e desagradável.

O maior amigo da DENTADURA POSTIÇA

Eis aqui uma forma agradável de evitar as contrariedades provocadas por uma dentadura postiça frouxa. **FIXO-DENT**, um novo pó para polvilhar a dentadura postiça, prende-a com mais firmeza na boca, proporcionando maior comodidade. Não deixa sensação pegajosa. É *alcalino* (não ácido). Não amarga a boca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre **FIXO-DENT** hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

Depois da interrupção Ferris prosseguiu:

— Pedí-lhe desculpas pelo incômodo e deixei-a partir.

Houve, por essa altura, nova interrupção.

— Si meu sócio não fôsse tão sentimental, teria mandado revistá-la. Concordo que não era agradável, mas era necessário.

— Mas que poderia eu fazer? Prendê-la seria causar uma série de incidentes, e principalmente perder a amizade preciosa do marido. E lembre-se bem de que havia uma remota possibilidade de erro; e em que situação eu me veria si, depois de submetida a uma revista, ficasse provado que ela era inocente?

Haveria um escândalo terrível, como você bem sabe. O sr. Carter, que tem experiência desses assuntos, sabe bem como esses casos dão uma notoriedade pouco desejável à casa implicada.

— E' verdade.

— Não sei si o senhor está ao par deste particular: muitas grandes joalheiras preferem deixar-se roubar, em termos, está visto, a fazer um escândalo desses.

Mas, para resumir, ela afastou-se, livre. Não pareceu ficar ofendida. Sorriu, até...

— Um sorriso que custou exatamente dois mil e oitocentos dólares? — perguntou Nick.

— Não foi bem assim. O senhor precisa conhecê-la para compreender. Olhando-a, é impossível dizer que ela seja uma ladra. Assim que ela parte, as provas esmagadoras fazem o seu trabalho. Mas antes... enquanto ela está olhando para o senhor, com uns olhos muito luminosos e ar inocente, é impossível, afirmo-lhe, é impossível acreditar que ela seja culpada.

Depois que ela saiu, passei uma hora procurando a pedra, como um louco, na esperança de encontrá-la. Mas foi tudo inútil.

Quando me convenci de que realmente só poderia ter sido ela quem roubara a joia, consultei meu sócio. Sabíamos bem que Dickinson pagaria as joias si conseguíssemos provar a ele que realmente sua esposa as furtara.

Tomamos uma decisão. Sabíamos que uma cleptomaniaca não pode deixar de roubar, que é inevitável a repetição do delito, e por isso resolvemos fazer uma experiência.

Creio que ela não tem consciência do roubo. Esquece-o logo depois de cometido e está realmente persuadida de que é inocente.

Esta era a única hipótese plausível.

Pois bem, resolvi esperar a próxima visita e então juntar um número esmagador de testemunhas, para que não houvesse erro possível.

Ficou combinado, também, que não a prenderíamos, mas que, verificado que realmente ela era culpada, iríamos consultar o marido.

E' isto que decidimos fazer agora, porque a coisa atingiu tal gravidade que

Em São Paulo...
e sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira
Sucessora de Mappin Stores
Pr. Ramos de Azevedo, 131

"QUARTO CADERNO DE QUEBRA-CABEÇAS"

Oferecida pela Agência de Publicidade "Triângulo", de S. Paulo, recebemos o "Quarto Caderno de Quebra Cabeças", interessante publicação para crianças que a Refinação de Milho Brasil S. A. distribue entre todos as crianças que estudam no Brasil. São desenhos curiosos e bem feitos, que exercitam a inteligência dos meninos, avivando-lhes o raciocínio. Agradecemos.

ESPORTE ILUSTRADO

É A ÚNICA
REVISTA
ESSENCIALMENTE
ESPORTIVA QUE
SE PUBLICA NO
BRASIL

não podemos esperar. O que ela fez é de mais.

Ontem visitou a loja. Quando saiu levava um colar de quarenta mil dólares, que não pagara.

O sócio mais uma vez interrompeu a narrativa do outro, exclamando:

— O senhor compreende, sr. Carter. Tudo tem o seu limite. Estávamos dispostos a perdoar os roubos anteriores, para evitar um escândalo; mas quarenta mil dólares! Assim, também, é de mais!

— Afinal de contas não há motivos para tanta aflição, cavalheiros — disse Nick. Si os senhores estão certos de que o sr. Dickinson pagará o prejuízo, não passa tudo de uma compra, um tanto estranha, concordo, mas que não lhes causará nenhum inconveniente. Quarenta mil dólares! Si os senhores possuem provas de que foi unicamente o colar que ela roubou, podem pedir quarenta mil dólares. Ora, conheço os preços de joalheria. Trinta mil dólares lhes satisfará, sem prejuízo grande. E os dez mil dólares restantes ficarão pelos roubos anteriores.

Houve, imediatamente, um protesto. Steele e Ferris afirmavam que ele estava enganado.

— Meu caro sr. Carter, nós mencionamos o menor preço possível: o preço do custo. Não é possível fazer nenhuma redução. Teremos, sem dúvida, um prejuízo grande.

— Mais uma coisa: si conseguirem a devolução, contentar-se-ão com isso?

— E' claro. Não queremos causar mais incidentes do que os já ocorridos. Aceitaremos qualquer decisão. cremos, porém, que o sr. Dickinson preferirá dar-nos um cheque no valor das joias.

— E' provável. Mas uma coisa me intriga, cavalheiros. Por que vieram falar comigo? Em que lhes posso ser útil? Si não me engano, esta transação deveria

se processar no maior sigilo e exclusivamente entre os senhores e Dickinson.

— Queremos que o senhor desempenhe o papel de detective no caso, compreende?

(Continúa na pág. 47).

Cabe-lhe o cabelo?
Está perdendo o brilho?
Está embranquecendo?
Uze o
TONICO ORIENTAL
Ele fortifica a raiz do cabelo, faz cessar a queda e restitue-lhe o brilho e a beleza.
Extingue a caspa. **L&K**

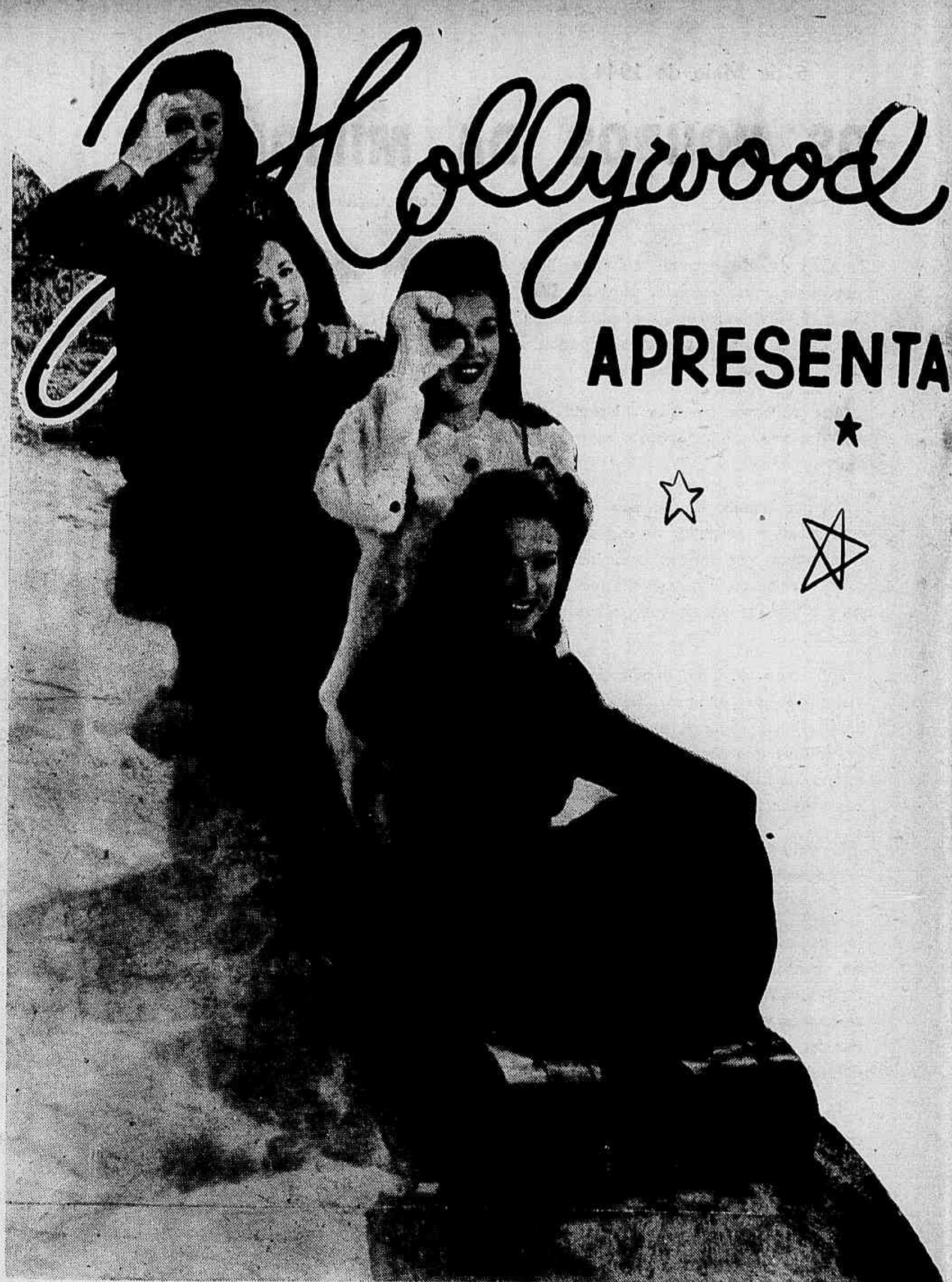
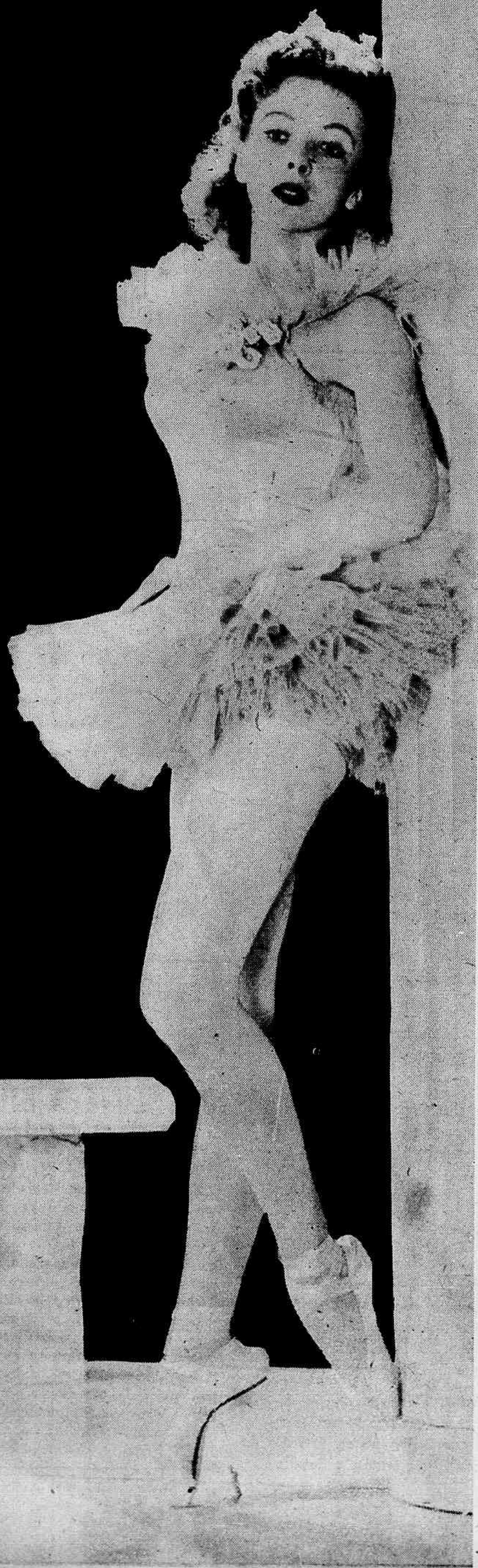
PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISIVEL
A VENDA EM TODA A PARTE

DESPERTE A BILIS DO SEU FÍGADO

E Saltará da Cama Disposto para Tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Neste caso, as Pímulas Carter são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bilis e você sente-se disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pímulas Carter. Não aceite outro produto. Preço: Cr. \$ 3,00.





IDA LUPINO, SOBRE SER UMA ESPLÊNDIDA COMEDIANTE DRAMÁTICA, É TAMBÉM UMA BAILARINA COMPLETA. ELA SABE DANSAR "DE PONTA", PORQUE TEVE EDUCAÇÃO COREGRÁFICA, E DISSO NOS DÁ UMA IDÉIA NAS GRAVURAS DAS EXTREMIDADES DESTAS PÁGINAS. — AS OUTRAS ILUSTRAÇÕES; AO ALTO, À ESQUERDA, UM QUARTETO DE "ESTRELAS" DESLISANDO POR SOBRE O GELO DOS ESTÚDIOS DA RKO: DOROTY LALONEY, SHIRLEY O'HARA, RITA CORDAY E MARGARET LANDRY. SÃO QUATRO "NOVAS" QUE PROMETEM BRILHAR MUITO BREVE. — AINDA EM CIMA, À DIREITA, UMA POSE INÉDITA DE MARGUERITE CHAPMAN. — EM BAIXO, À ESQUERDA, ERROL FLYNN, EM SEU MAIS RECENTE RETRATO, JÁ DEPOIS DE TER FEITO "REVOLTA", LEGÍTIMO SUCESSO DO MÊS AQUI NO RIO. E, FINALMENTE, CHARLES BOYER LADEADO POR ALEXIS SMITH E JOAN FONTAINE, INTERPRETES DE "A NINFA CONSTANTE", QUE A WARNER DEVE ESTREAR PROXIMAMENTE NESTA CAPITAL.



Feminina

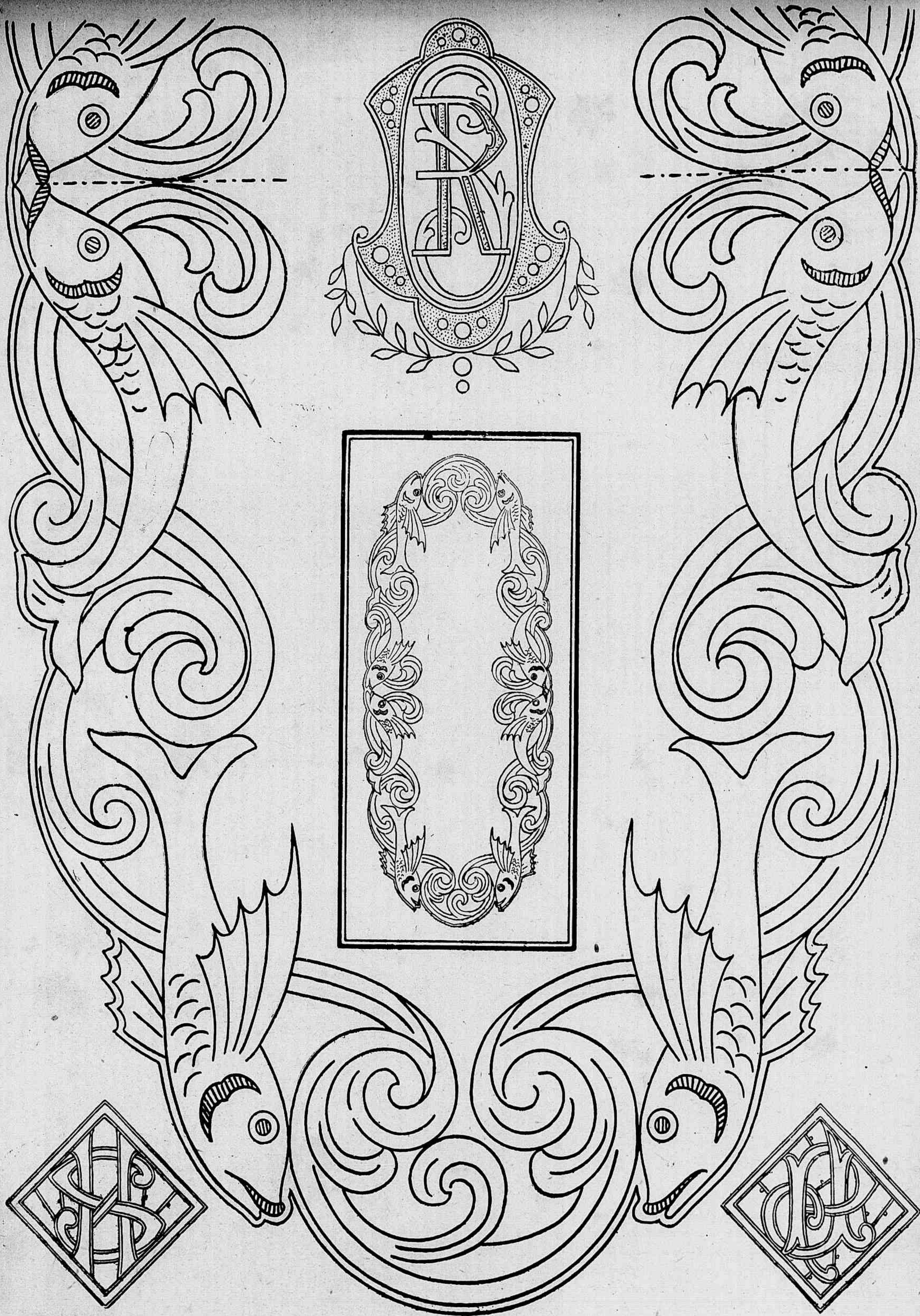


- 1 — Combinação de sêda lavavel enfeitada de renda. 2 — Combinação de setim e rendas, ponto Paris. 3 — Camisola de musselina e rendas. 4 — Camisola de crepe da china com renda racine. 5 — Camisola de linon com bordado. 6 — Robe-de-chambre em seda estampada com enfeite de galão. 7 — Robe-de-chambre com a gola, punhos e bolsos acolchoados e pespontados. 8 e 9 — Jogo de três peças em seda mate com aplicações de setim rosa velho, recortadas em forma de laços.



A' esquerda, vestido elegante em estamparia alegre, forma de blusão, o decote ligeiramente franzido e moderno. Tem enfeite de botões como os da frente. Atrás, uma espécie de casaco em recorte. Saia em forma com o grupo de franzido na frente, manga comprida. Chapeusinho casquete ajustado com laço do mesmo e tufo de véo engomado.

A' direita: Vistoso estampado, saia drapeada passando sobre o cinto e cortado em lêque até certa altura. Blusa de talho enviesado, abotoando de lado com grandes botões de fantasia. Chapéu de tafetá em côr lisa.



TRABALHO MANUAL

Bonito risco e bastante original para uma toalha de mesa de pequenas proporções. O bordado pode ser feito no centro de uma toalha de linho granité em cores vivas, ou ainda aplicar o centro bordado em linho granité branco sobre um fundo de granité azul ou verde; salpicar do essa parte com desenhos destacados, de peixe. Outra maneira interessante de executar este desenho é fazer o trabalho em cambrá ou linho aplicado sobre granité, os peixes recortados e a outra parte bordada em ponto de aste ou cadeia.

OS ROUBOS DA MILIONARIA

(Continuação da pág. 41).

— Sinto ter que informá-lo que absolutamente não entendo o que o senhor quer dizer. O papel do detective é descobrir fatos que ninguém conhece. Os senhores, porém, estão ao par de tudo. Que me resta fazer? É isso que não compreendo.

O leve sarcasmo da voz de Nick escapou aos visitantes.

Steele imediatamente replicou:

— Não há dúvida. O senhor tem toda a razão. Mas não se trata exatamente disso. O detective pode também dar conselhos em matéria da sua especialidade, e queríamos que o senhor nos acompanhasse hoje na nossa visita ao milionário. O senhor pode nos auxiliar...

— Mas talvez, nesse caso, nem seja precisa a presença dos senhores. Posso reaver as joias.

— Mas não será necessário, sr. Carter. Nós iremos com o senhor e lá então...

— Um momento. Vou dizer-lhes o que querem exatamente. Os senhores precisam de dinheiro com urgência e este é o único meio de obtê-lo. Não querem devolução de joias porque é preciso vendê-las antes de poder empregar o dinheiro.

Ferris e Steele ficaram muito embaraçados, pois era este, efetivamente, o seu pensamento.

— Digo-lhes mais — prosseguiu Nick. Os senhores querem, também, levar-me com o fito único de pôr a culpa para cima de mim e salvar a amizade com o sr. Dickinson, desta maneira, si o golpe falhar.

Ambos protestaram que não tinham essa idéia e mostraram-se ainda pouco satisfeitos com o termo empregado: golpe. Queriam, simplesmente, ter alguém para guiá-los, afirmaram.

— Muito bem. Si bem que não me tenham convencido, irei com os senhores. Quanto a dar-lhes conselhos, é mais difícil. São todos muito obstinados e de nada adiantaria discordar dos senhores, porque não seguiriam os meus conselhos. Mas o caso me interessa e acompanhá-los-ei por curiosidade.

II

UMA ENTREVISTA EMBARAÇOSA

George Dickinson era um homem imponente. Aos sessenta anos, conservava o corpo de um jovem atleta, forte e alto. Suas maneiras eram corteses, mas ao mesmo tempo intimidantes.

O único sinal de velhice eram os cabelos brancos e ondulados que lhe adornavam a cabeça. O rosto era, também, de um jovem.

Nick, ao vê-lo, compreendeu a hesitação dos joalheiros em falar com ele. Devia ser tremenda a cólera daquele gigante. Com um olhar de soslaio procurou a janela, mas lembrou-se de que estava a vinte metros do solo, no quinto andar de um edifício.

— Que desejam, cavalheiros? Não parecem muito ansiosos de expor o que os traz aqui. Talvez seja esta uma visita de cortezia, unicamente — disse Dickinson, quando terminaram os cumprimentos e um silêncio de embaraço começou a exgotar-lhe a paciência.

Dickinson riu, vendo o embaraço estampado no rosto de Ferris e Steele.

Os dois joalheiros contemplavam-se, sem coragem de explicar-se; olhavam de-

pois para Nick, esperando que ele tomasse a palavra, mas o detective estava decidido a ficar como espectador.

Finalmente Ferris começou:

— Queríamos um conselho.

— Um conselho?

— Exatamente. Acontece que um nosso amigo e freguês, cavalheiro muito distinto e probo... Esse senhor é casado... Mas infelizmente a sua esposa, uma dama, muito distinta também, é claro, sofre de uma moléstia muito grave e... e muito embaraçosa... Ela... Ela visitou nossa casa e retirou mercadorias no valor de aproximadamente cinquenta mil dólares e... e esqueceu de pagar... Nós compreendemos que a situação...

Dickinson interrompeu-o.

Havia uma separação entre o escrito-

rio e um cubículo onde uma datilógrafa trabalhava.

— Srta. Adams, tenha a bondade de ir para a outra sala, durante alguns minutos.

Quando ouviram bater a porta, Dickinson voltou-se para Ferris ameaçador.

— Ferris, seu canalha, você tem a coragem de acusar a minha esposa de ter roubado joias?

Ferris empalideceu. A sua segurança, ao começar a expor o caso, já não era grande. Ante o ataque inopinado do anti-quário, ele perdeu completamente a pouca dignidade que lhe restava.

Steele, que a princípio parecia mais corajoso, também ficou impressionado, com a energia do milionário.

Nesse momento alguém bateu à porta.

— Posso entrar?

E, antes que algum dos presentes pudesse falar, uma moça apareceu.

Dickinson, imediatamente, fez um gesto para que ela se retrasse:

— Agora estou ocupado, querida. Es-

SABONETE HIGIENIC
HIGIENIZA
O CORPO E AS MÃOS
CR\$ 1,90

pere um pouquinho, por favor. Ned, veja aí uma cadeira para madame Dickinson.

Quando a porta fechou-se novamente, Ferris e Steele exclamaram, ao mesmo tempo.

— Aquela é sua esposa? É impossível! Não pode ser! Nós conhecemos sua esposa!

— E querará o senhor insinuar que eu não a conheço?

Madame Dickinson ouviu a discussão, do lado de fora. Tornou a aparecer:

— Que é que há, George? Por que está gritando tanto?

Dickinson não podia falar, de raiva. A esposa, surpreendida, olhava em torno.

Diante do embaraço geral, Nick resolveu falar.

GALLY

OS PÓS DE ARROZ QUE DESAFIAM CONFRONTO!

Pós de Arroz GALLY
Realçam a beleza!

RÊVE ROSE **ORYGAM** **NARCISO AZUL**

TARQUINHO

A VENDA EM TODO O BRASIL



— Explicarei o que se trata. Os senhores Ferris e Steele foram vítimas de uma ladra habilíssima. Fazendo-se passar por esposa de Dickinson, esteve diversas vezes na joalheria que eles possuem e, prevendo que uma dama da sua posição não seria prêsca, assim sem mais nem menos, roubou trinta mil dólares de joias...

— Quarenta mil — protestou Steele.

— Trinta mil dólares — repetiu Nick, imperturbável. E eles não a prenderam persuadidos de que era a esposa do amigo que lhes estava roubando e certos de que o sr. Dickinson não teria dúvidas em pagar qualquer prejuízo que a sua mulher desse. Vieram hoje aqui para expor o caso ao seu marido, mas felizmente para a senhora, acabam de verificar de que se tratava de um equívoco, ou melhor, de uma mistificação. Não foi, evidentemente, a senhora quem esteve lá.

— Que os fez supor que era realmente a minha mulher?

Ferris apressou-se em responder.

— O que ela pagou foi com cheques seus. E a assinatura era genuína. Só falta saber, agora, a que outra mulher o senhor forneceu um cheque de quantia elevada e...

Nick interpsôs-se para evitar que o milionário agredisse o joalheiro.

O desapontamento do joalheiro afetara-lhe a prudência e ele chegara a insultar Dickinson na presença da esposa. Nick teve que pôr toda a sua força em exercício para conter o milionário, que era vigoroso e de moço não tinha unicamente a aparência, mas também os músculos. Afinal conseguiu acalmá-lo.

— O milionário falou:

— Não é preciso segurar-me mais. Já me acalmei. Agora lembrei-me de ter ouvido o seu nome. O senhor é o famoso Nick Carter, não é verdade?

Depois, voltando-se para os dois sócios:

— Quanto a vocês, aceito as suas desculpas.

Nick voltou ao assunto.

— A causa desse incidente foram os cheques, não é verdade? E Steele e Ferris não deixam de ter a sua parcela de razão. Qualquer outro comerciante seria ludibriado da mesma forma.

Pois bem. Si esses cheques foram descontados e não houve confusão na sua conta corrente, só há uma hipótese plausível. Foram realmente assinados pelos senhor, porém destinavam-se a outros fins.

Foi então que o caso começou a complicar. E à medida que se aproximava do seu desfecho aumentava em complexidade.

Verificados quais eram os cheques em questão, estes foram descobertos no banco do milionário. Mas, para a maior surpresa de todos os presentes, verificou-se que se tratava de cheques realmente destinados à firma Steele e Ferris e endossados por esta.

No livro de cheques do milionário estava a indicação: "Para os joalheiros Steele e Ferris".

O milionário explicou. Tratava-se de cheques enviados à joalheria para liquidar contas suas, despesas que ele fizera, como pode provar: aqueles cheques tinham sido enviados para pagar várias compras.

Como, por conseguinte, era possível que esses mesmos cheques tivessem sido usados outra vez e que ambas as contas fôssem pagas?

Ferris esclareceu. A conta particular de Dickinson, à qual ele afirmava ter destinado aqueles cheques, tinha sido paga, não com cheque, mas a dinheiro.

De surpresa em surpresa o caso prosseguiu e foi preciso o raciocínio lúcido de Nick para pôr um pouco de ordem naquela confusão.

O detective sugeriu que a mistificação tivesse sido operada da seguinte maneira:

— A pessoa responsável, que devia ter acesso ao cheque enviado pelo milionário, apoderou-se de um cheque. Depois, tendo enviado dinheiro seu para pagar a conta, foi à loja e comprou joias com o cheque, porém roubou mais uma certa quantia, que serviu para pagar em dinheiro a segunda conta, tirar lucro e usar do cheque destinado a essa para mais um golpe de audácia. E' complicado o plano mas seguro, si não se repetir muitas vezes. Tivesse a ladra roubado pouco, conseguiria escapar livre; mas a tentação foi maior e repetiu a proeza.

A revelação da maneira como agira era, sem dúvida, de grande interesse, porém não bastava. Era preciso identificar a ladra.

Sabendo que ela tinha acesso fácil às contas do milionário e que poderia roubar um seu cheque, restringia-se um pouco o campo; porém ainda assim a investigação teria sido penosa, si Nick não

tivesse perguntado a Dickinson qual era o tipo da sua secretária.

— O tipo? Bem ela é... tem tez clara, olhos e cabelos negros...

— Em suma, um tipo espanholado, não é verdade?

Dickinson correu para a porta.

— Senhorita Adams!

A datilógrafa saíra. O empregado do escritório informou-os de que ela partira havia alguns minutos, dizendo que ia almoçar.

Uma carreira desabalada pelo corredor; na rua, dispersados, procuraram a môça. Não estava longe e foi fácil descobri-la.

— Lá está ela — exclamou Dickinson. Peguem-na.

Dois policiais agarraram o braço da jovem.

— Eis a ladra! — disse, triunfante, o antiquário.

Porém, então, sucedeu o imprevisto.

Ferris abanou a cabeça, e Steele fez a mesma coisa.

— Sinto muito, sr. Dickinson, porém esta não foi a mulher que visitou a nossa loja. E' muito diferente. O tipo é o mesmo, porém não é a mesma mulher.

O milionário olhou para Nick. O detective suspirou.

— Voltemos ao princípio e comecemos outra vez.

III

DESFECHO IMPREVISTO

Todos os presentes ardiam de curiosidade, mas nenhum ousara fazer perguntas, sabendo que não seriam respondidas e que um olhar reprovador os repreenderia.

Sentados em torno da mesa, na joalheria de Ferris e Steele, esperavam que Nick desvendasse o mistério.

Dickinson e a esposa, mais do que os outros, estavam interessados, porque, apesar de não ter sofrido, como os joalheiros, perdas de dinheiro, não podiam compreender como tinham sido implicados na trapaga audaz da ladra bonita.

Bateram quatro horas e Nick disse:

— Está na hora. Vamos.

Saíram para a loja. Uma mulher entrava naquele instante. Era de tipo espanholado. Tinha a tez clara e olhos negros. Linda.

Ferris fez "Oh!". Steele contemplou-a, pasmado. Sim, era a mulher.

Ela se dirigiu para Ferris.

— Então, alguma novidade para me mostrar?

— A senhora está prêsca.

Um grito. Um susto.

Mais tarde Nick explicou.

— Descobri o mensageiro que trazia o dinheiro para pagar as contas de Ferris. Não foi difícil. E' um rapazola conhecido que se presta a pequenos serviços às grandes quadrilhas em troca de boa remuneração.

O plano foi este:

Uma pessoa, que por ora não direi quem é, tem acesso à correspondência aqui da loja. Conseguiu obter o primeiro cheque de Dickinson e dinheiro suficiente para pagá-lo. De posse do cheque, enviou esta mulher, sua cúmplice, para passar por madame Dickinson. Cada roubo que ela fazia dava-lhe um certo lucro. Ora, com o primeiro cheque ela pagara as joias que comprara abertamente, e conseguiu que todos acreditassem ser mulher de Dickinson, visto como trazia um seu cheque. Com as joias roubadas ela tirava o lucro e pagava a conta seguinte, obtendo assim mais um cheque, interceptado pelo homem para quem trabalhava. Com o cheque pagava novas joias e roubava outro tanto. Dos lucros tirava o dinheiro para pagar mais uma conta, afim de não despertar suspeitas.



E assim por diante. Mas isto não poderia durar e ela sabia-o; porém excedeu-se. Pensou que ainda havia oportunidade para mais um roubo.

Esta tarde, descobrindo o mensageiro, mandei-lhe um recado, como sendo do homem para quem ela trabalhava: "Estava tudo pronto. Viesse mais uma vez e procedesse como sempre".

— Quem era o homem? — perguntou Steele.

— Sim, quem era ele? — perguntou Ferris.

— Esse homem — respondeu Nick — só poderia ser pessoa que conhecesse a loja, para obter os cheques, que soubesse o que fariam os donos si descobrissem que a mulher de Dickinson estava roubando, e soubesse, ainda, até quando poderiam continuar a trabalhar com segurança...

— Quem é ele, afinal, sr. Carter? — perguntou Richard Steele, o caixa.

— E' o senhor, sr. Steele, que, não podendo obter sociedade com seu tio, resolveu roubá-lo!

Que Dôres De Cabeça!

As dores de cabeça e nevralgias acalmam-se e aliviam-se friccionando as fontes e a têsta com Mentholatum. Sentirá logo uma agradável sensação de frescura e bem estar. Insista sempre no legítimo



MENTHOLATUM

Penas de coruja para conquistar o homem amado!



BLUSA EM ESTILO CLÁSSICO, GOLA REDONDA E TODA DE BAINHA ABERTA.

Outros Modelos

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FOR O PREÇO

AO ALTO: UM VESTIDO MUITO SIMPLES, ENFEITADO DE PES-PONTOS, MANGAS TRES QUARTOS. — EM BAIXO, DA ESQ. PARA A DIR.: CASACO EM FORMA; ATRÁS: MEIO CINTURÃO COM BOTÕES E PREGAS FUNDAS, GOLA E PUNHOS DE ASTRACAN. — ORIGINAL CASACO COM PÉLE DE NUTRIA NA

GOLA E PUNHOS. BOTÕES DE FANTASIA COM METAL. — CASACO COM LAÇOS CUJAS PONTAS SÃO DE METAL COM OS BOTÕES. — CASACO DE RECORTES DE PANOS RÉTOS, FEITO DE NOPE. — E UM TALHADO COM FRANZIDOS NA FRENTE, GOLA DE "ARGENTÉE".

A feiticeira ensinava às mulheres que desejavam prender o homem amado, o seguinte: "Apanhe-se uma coruja no ninho, arranquem-se-lhe as penas; meta-se tudo no bojo de um pedaço de veludo preto, espete-se em cima um cartão com o nome da criatura que se deseja conquistar e atire-se o embrulho numa encruzilhada em noite de lua cheia...

Nós não acreditamos. E você, é lógico, também não acredita que desse modo possa uma mulher conquistar homem algum! Mas uma receita de amor conhecemos que é usada pelas mulheres mais belas de 72 países e nunca falha. É a seguinte:

"A mulher que quiser atrair a atenção do homem amado, pega num Baton Colgate, passa-o suavemente

nos lábios e realça a sensualidade e o encanto de sua boca. Os toques mágicos do Baton Colgate despertam nos homens ânsias de beijos... porque o colorido vivo e provocante do Baton Colgate empresta aos lábios sugestões amorosas e torna as mulheres mais sedutoras". Use esta receita de amor, hoje mesmo! Ela tem feito a felicidade de muitas mulheres e pôde fazer também a sua! O Baton Colgate, importado da América do Norte, é feito com *Karanuva*, o supremo embelezador dos lábios! É o baton que oferece duas consistências: tipo normal e tipo oleoso para lábios secos. Escolha a sua tonalidade dentre 5 maravilhosas cores — do Variável ao resplandecente Vermelho Amazonas!

BATON



COLGATE

Standard



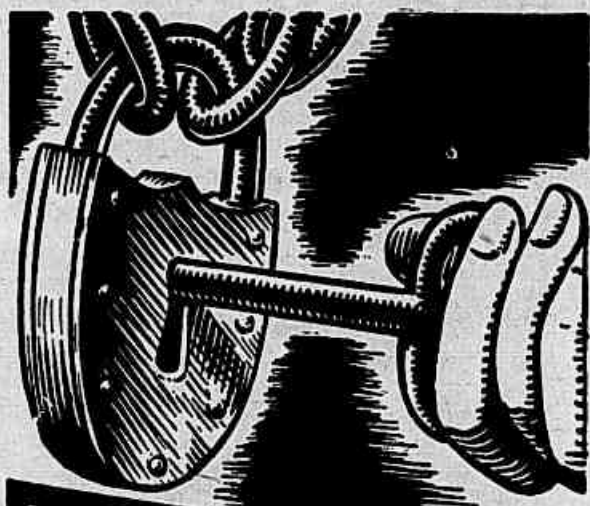
incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO



ROUGE LÍQUIDO
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
A VENDA EM TODA A PARTE



LAXOLAGAR
GRANADO
COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO
GRANADO & C.
RIO DE JANEIRO
T. T. ARQUINO

DOR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Popels
BANKETS

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

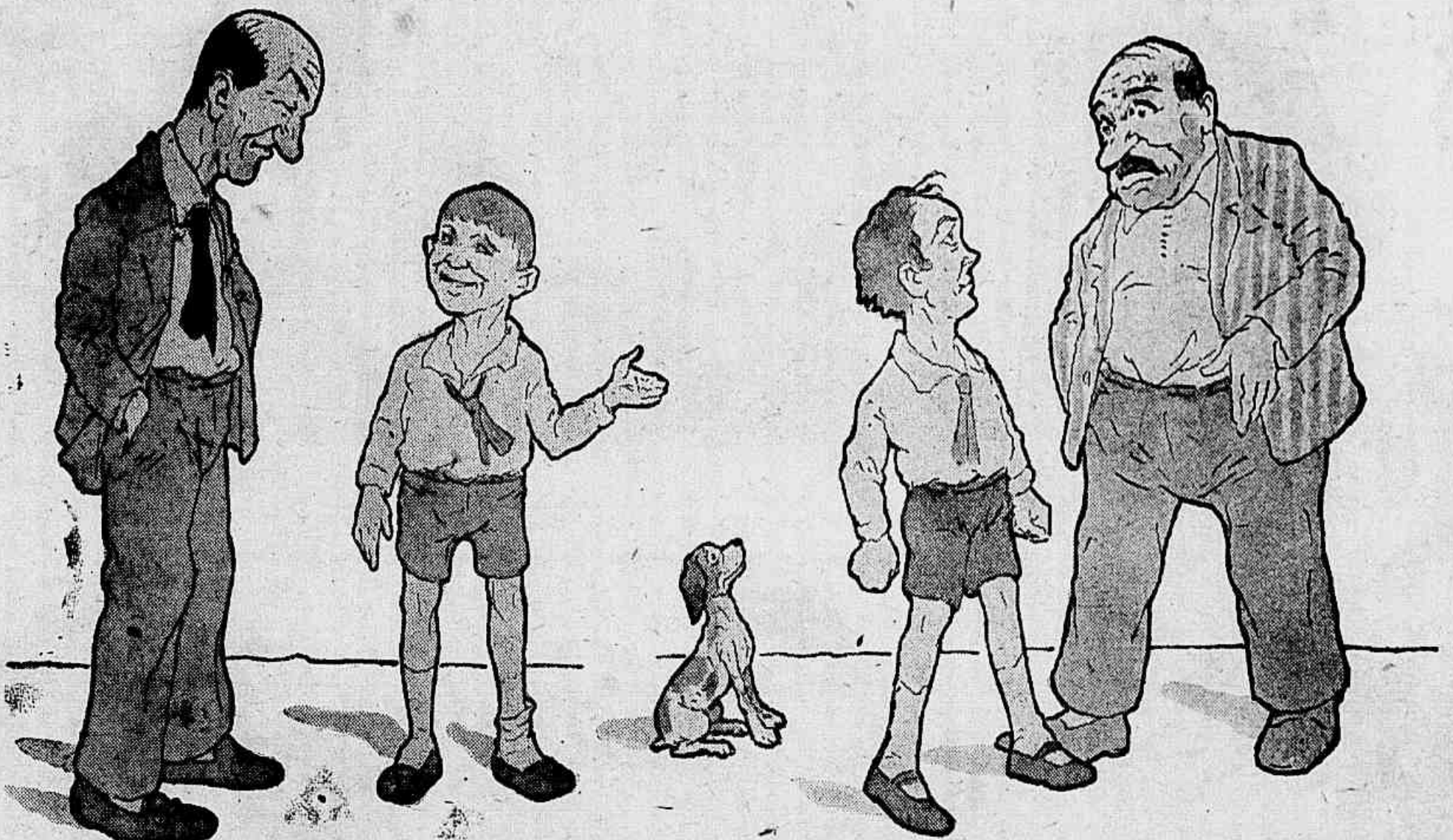
Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".
Experimente-o.

O escola velha



- Muito adiantado? Que aprendeu?
- A jogar pedra.

- Em que matéria tem boa nota?
- Futebol com surrurú.



- Vae bem nos exercícios?
- So' nas lrazeiras de bonde.

- Bem, na escrita e no desênho?
- Sim, nas parêdes e nas portas



- Vocês têm boa frequencia?
- Sim, nas "gazêtas".



- Onde aprende tanta coisa?
- No ôlho da rita.



O espaço é precioso

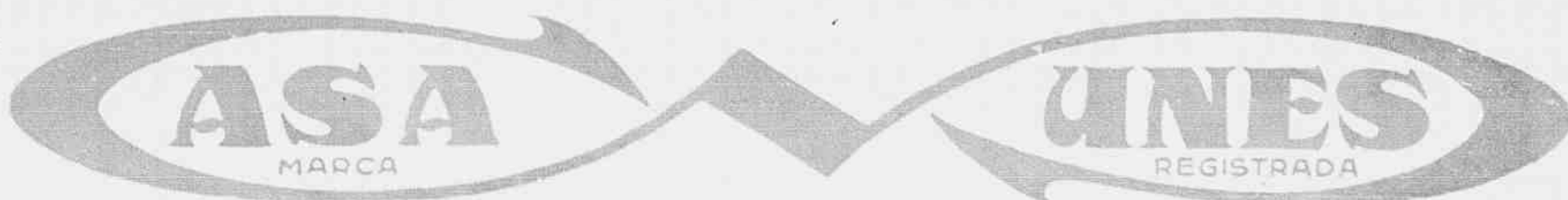
Num apartamento moderno, onde se faz sentir em geral acentuadamente a exiguidade de espaço característica dos grandes centros urbanos, torna-se mister o aproveitamento inteligente de cada metro quadrado.

Um belo exemplo de economia de espaço temo-lo neste belo quarto de dormir, onde uma moderna escrivaninha elástica e uma estante baixa se prestam admiravelmente às exigências de uma pequena biblioteca, ocupando o lugar de móveis supérfluos de valor apenas ornamental.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

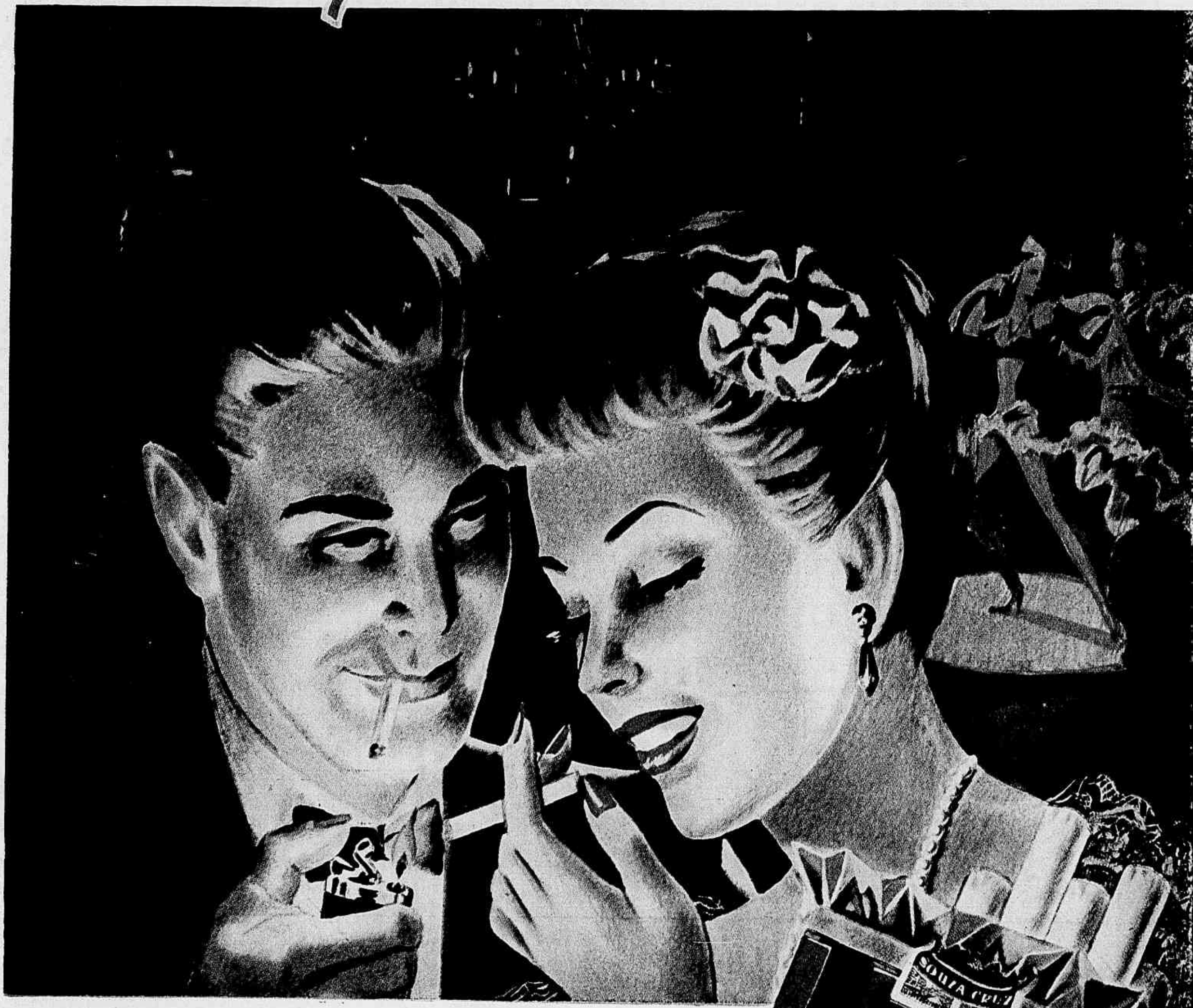
**AGUARDEM O DIA 15 DE MAIO, INÍCIO
DA TRADICIONAL VENDA ANUAL**

DA



65 -- RUA DA CARIOCA -- 67 -- RIO

Hollywood



CHAMPANHE... HOLLYWOOD...
UMA SÓ CLASSE DE EXCÊLENCIA
PARA O REQUINTADO GOSTO
DE UM PUBLICO ELEGANTE.

Cia de Cigarros
SOUZA CRUZ



Record